

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

PERFORMANCE EXUBERANTE

CAIXA ACÚSTICA KHARMA ELEGANCE DB11-S

E MAIS

TESTE DE ÁUDIO

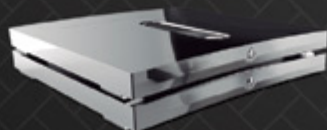
CABO DE CAIXA
SUNRISE LAB REFERENCE II

NOVIDADES

PRIMEIRAS NOVIDADES DA CES 2016

HI-END PELO MUNDO

UMA NOVA GERAÇÃO DE
TOCA-DISCOS CHEGA AO MERCADO



Edição Especial
MELHORES DO ANO

APRESENTAMOS OS 43 PRODUTOS DE ÁUDIO E VÍDEO QUE SE DESTACARAM EM 2015

Com a maior pontuação da história da revista **Áudio e Vídeo**, a Samsung ganha o prêmio de melhor televisor de 2015



TV SAMSUNG SUHD JS9500

A referência mundial em TVs

Líder no segmento de televisores desde 2006, a Samsung acaba de ganhar com seu modelo de TV SUHD 4K JS9500, o prêmio Estado da Arte / Selo do Editor - outorgado pela revista **Áudio e Vídeo Magazine** em 2015. Com cem pontos, a maior pontuação da história da revista, a Samsung JS9500 foi considerada pelos editores como a melhor TV LCD-LED da atualidade, recebendo nota máxima em sete dos dez quesitos de avaliação.

A TV SUHD 4K JS9500 utiliza a tecnologia de nanocristais e possui um painel de 10 Bits que gera 64 vezes mais cores que uma TV de LED convencional e 2,5 vezes mais brilho produzindo imagens muito mais vivas e intensas, sem perder o contraste preciso nas cenas, aliada à tecnologia UHD 4K HDR, padrão que foi adotado para a produção de filmes em 4K e também nos Blu Ray 4K. Seu belo design com tela curva proporciona uma experiência de imersão visual jamais vista, com riqueza de detalhes em todos os cantos da tela e real noção de profundidade.



**ESTADO
DA ARTE**



Veja os quesitos em que os editores da Áudio e Vídeo Magazine destacaram no teste da 78JS9500



Design, conexões e controle

‘A tela possui moldura em metal escovado, que é muito bonito e elegante.’

‘Mesmo com a iluminação por trás do painel, a TV Samsung tem somente 4 cm de espessura.’

‘Todas as conexões são feitas através do One Connect Box, que se conecta à TV através de um único cabo umbilical.’

‘O controle Smart Remote permite uma navegação como se fosse um mouse, além de ser sensível a movimentos.’

‘Você pode controlar a TV por voz ou gestos, ou através de um aplicativo para smartphones.’

Recursos

‘Incorpora tecnologia proprietária de nanocristais que permite um gamut de cores mais amplo que as TVs atuais.’

‘Painel com 10-Bit e processamento Octa-Core.’

‘Suporte HDR (High Dynamic Range) e o Peak Illuminator, que elevam a luminosidade desta TV a 1000 nits (TVs normais dificilmente superam 300 nits).’

Qualidade de imagem

‘Processamento de vídeo é fantástico, fazendo a conversão para 4K (upscaling) sem a introdução de artefatos indesejados na imagem.’

‘O resultado ao assistir conteúdo nativo 4K é impressionante.’

‘A taxa de contraste medida foi de 11.833:1, valor excelente para aparelhos LCD-LED. O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando ótima linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações. A imagem desta TV é realmente surpreendente, e concordo com alguns testes internacionais, que a classificaram como a melhor TV LCD-LED da atualidade’.

Teste publicado na edição 212 Setembro / Outubro 2015.

CONVITE

Venha conhecer a JS9500 e descubra a nova era da tecnologia SUHD 4K curva Samsung.

Samsung Brand Store

- Morumbi Shopping - SP

Fast Shop

- Shopping Ibirapuera - SP
- Shopping Iguatemi - SP
- Shopping Higienópolis - SP
- Morumbi Shopping - SP
- Lar Center - SP
- Barra Shopping - RJ



* Fachada da loja no Morumbi Shopping



CAIXA ACÚSTICA Kharma Elegance DB11-S

16



EDITORIAL 6

O que esperar do ano que inicia?



NOVIDADES 8

Grandes novidades das principais marcas do mercado



HI-END PELO MUNDO 12

Novidades



MERCADO 14

Audiomagia e Hi-Fi Club apresentam novos produtos



TESTES DE ÁUDIO

16

Caixa acústica Kharma Elegance DB11-S

26

Cabo de caixa Sunrise Lab Reference II



26



58



94



MELHORES DO ANO 2015

31

Como utilizar a edição Melhores do Ano

32

Headphones

35

Cabos

44

Acessório elétrico

46

Difusor

47

Acessório

50

Cápsulas

53

Acessório elétrico

50

Cápsulas

54

Toca-discos

56

Prés de phono

58

Áudio

94

Vídeo



VENDAS E TROCAS 100

Excelentes oportunidades de negócios



AS MARCAS QUE SÃO REFERÊNCIA EM ÁUDIO, VÍDEO E AUTOMAÇÃO ESTÃO NA SOM MAIOR.

Referência no mercado, a **Som Maior** se orgulha de colecionar, em seus mais de 30 anos de história, não apenas um portfólio de marcas, mas parcerias com os melhores fabricantes mundiais de equipamentos High End, ícones em suas áreas de atuação. Seja em áudio, vídeo ou automação, a **Som Maior** conta com uma gama de produtos e serviços de altíssima qualidade e desempenho superior. Um bom exemplo é a parceria recentemente firmada com a **Crestron**, líder mundial em Automação High End. Sem contar no orgulho de poder participar de mais um grandioso lançamento de **Bowers & Wilkins**: a nova Série 800 Diamond D3 – simplesmente a evolução da melhor linha de caixas acústicas de todos os tempos.

Por isso é que quem busca excelência, procura sempre a Som Maior.



B&W Bowers & Wilkins



CRESTRON

MERIDIAN



ROTEL

music hall



CLASSE

FORTRESS SEATING

ansuz^o ACOUSTICS

nexus

Raidho acoustics

Integra



WALKER AUDIO



SOLID TECH



audioquest

BRIONVEGA

UltraPower



Aavik ACOUSTICS

som maior
AUDIO VIDEO HIGH END

47 3472 2666 - www.sommaior.com.br



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

O QUE ESPERAR DO ANO QUE SE INICIA?

Não se preocupem, pois não utilizarei esse editorial para fazer prognósticos sombrios das mazelas desse nosso desgoverno. Minha cota de indignação terminou no dia 31 de dezembro do ano passado. Deixarei para os especialistas em economia e política que nos digam dos percalços que teremos nesse ano que se inicia. Farei melhor uso desse espaço, saudando os avanços e tendências que o mercado hi-end preparou para os amantes do áudio e vídeo, que acabaram de ser apresentados na CES 2016.

Claro que os lançamentos de maior impacto e repercussão serão os novos televisores de tecnologia OLED, tão finos e com uma qualidade de imagem tão impressionante, definirão um novo padrão para imagem hi-end!

No segmento de áudio a sinalização aponta o caminho sem volta das caixas acústicas amplificadas, com ou sem fio, com um nível de performance cada vez mais hi-end. Aqui mesmo, já temos inúmeros leitores que optaram por essa solução e estão absolutamente satisfeitos com a escolha. Na CES desse ano, praticamente todos os grandes fabricantes de caixas acústicas apresentaram modelos amplificados e alguns desenvolveram séries inteiras em substituição às linhas 'convencionais' com anos de comercialização!

Outra forte tendência é a dos amplificadores integrados com DAC, Pré de Phono e Streaming digital, apresentados por dezenas de fabricantes que apostam em um novo contingente de consumidores jovens, que desejam uma performance de alto nível e preços mais realistas. Enquanto inúmeros fabricante de eletrônica hi-end aposentaram a fabricação de CD Players (com a morte mais que anunciada da mídia física de CD), muitos novos fabricantes de toca-discos de vinil aparecem todos os meses, buscando atender um mercado em franca expansão - o analógico! Como entender essa explosão de

vendas de LPs e toca-discos? Será apenas uma febre passageira? Outro dia, assistindo a um programa de reportagem na Globo News, uma jornalista de economia disse que seu desejo de consumo para o ano novo era comprar uma 'vitrola' para recuperar a discoteca do pai que estava há anos na garagem. Será um ato saudosista ou emocional, das pessoas buscando resgatar parte da história da família? Acho que a resposta seria um pouco de tudo isso. E o mercado (fabricantes de toca discos e de vinil) estão sabendo explorar corretamente esse momento. Tanto que os números de produção e venda de LPs só crescem nos últimos 5 anos!

Como já disse e escrevi várias vezes, nesses vinte anos da Áudio e Vídeo Magazine, o mercado hi-end é formado por inúmeras tribos e enquanto houver mercado para consumidores interessados em melhorar a performance do que escutam e assistem, assim será. Esta edição especial Melhores do Ano nos dá uma radiografia precisa de tudo que a CES 2016 acaba de apresentar e 'carimbar' como tendências de mercado para os próximos anos. Em um mercado tão competitivo, é natural a busca e o aprimoramento de novas tecnologias. Você leitor terá uma idéia precisa lendo com atenção o que de melhor foi produzido e comercializado em 2015 aqui e no mundo. E poderá usar essa edição como um guia para todos os seus futuros upgrades! Criada em 1999 essa edição ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas de áudio e vídeo, gastando apenas o desejado. Trata-se da edição mais aguardada por todos nossos leitores. E agora totalmente online e sem nenhum custo, temos a esperança de ver muitos novos leitores utilizando essa ferramenta para conseguir escolher com 'segurança' dentro do seu gosto e bolso o equipamento de áudio e vídeo que lhe proporcione ainda mais prazer ao assistir ou ouvir suas obras preferidas! Esse é o nosso mais sincero desejo para todos vocês em 2016! ■

DEVIALET

INGÉNIERIE ACOUSTIQUE DE FRANCE



Analog Digital Hybrid
O melhor dos dois mundos:
puro som analógico, potencia
digital inteligente.



Speaker Active Matching
Otimiza o sinal às
características próprias das
suas caixas acústicas para
uma escuta que transcende.



Record Active Matching
Ajusta perfeitamente o pré-
de-phono ao seu toca discos
e a cada um de seus discos.



Magic Wire
Arquitetura de conversão
digital – analógica
revolucionária. As melhores
performances do mercado.

O SISTEMA AUDIÓFILO DE ÚLTIMA GERAÇÃO

EXPERT

AUDIOPHILE EVOLUTIVE SYSTEM



SAMSUNG APRESENTA NA CES SUA NOVA LINHA DE TVS SUHD 2016



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QWBFZFCGEVY](https://www.youtube.com/watch?v=QWBFZFCGEVY)

A Samsung Electronics Co. Ltd., fabricante líder de TVs em todo o mundo nos últimos 10 anos, apresentou sua nova linha de TVs SUHD na CES 2016, dando início a uma nova década de liderança global em TVs.

As TVs SUHD 2016 da Samsung contam com a única tela de Quantum dots de 10 bits sem cádmio do mundo, que proporcionam a qualidade de imagem mais fiel à realidade, com brilho deslumbrante, contraste excepcional e as cores mais realistas já oferecidas pela Samsung.

A vasta maioria dos norte-americanos assiste à TV com luz no quarto (86% em dias de semana comuns, 85% nos finais de semana) e somente uma pequena parte diz que assiste na escuridão completa (14% em dias de semana e 15% nos fins de semana), de

acordo com uma recente pesquisa com consumidores. A Samsung projetou suas novas TVs SUHD para oferecer a melhor experiência visual, independentemente da iluminação do local.

Quatro anos após ter lançado as primeiras TVs curvas do mundo, a Samsung projetou a primeira TV curva sem borda, a KS9500 SUHD TV, para oferecer uma experiência visual mais imersiva.

Sem a borda da TV, que normalmente funciona como um limite, a atenção do espectador fica concentrada exclusivamente no que mais importa: captar o conteúdo da tela. Com essa ideia de design, a Samsung procurou eliminar todos os elementos desnecessários, removendo inclusive os parafusos da parte traseira da TV, para criar um produto elegante e belo por todos os ângulos. ►

Todas as TVs SUHD 2016 contam com a tecnologia IoT hub, desenvolvida pela Samsung com SmartThings. A SUHD TV pode se conectar e controlar mais de 200 dispositivos compatíveis com SmartThings, seja para saber quem está tocando a campainha, trancar as portas ou desligar as luzes - tudo a partir da TV.

O novo recurso também melhora a experiência de entretenimento, permitindo que os consumidores possam programar as configurações de imagem apropriadas para um filme e ativar o sistema soundbar e surround system enquanto assistem à TV, levando a TV “inteligente” a um novo nível. Para o suporte completo de conectividade com dispositivos compatíveis SmartThings, é necessário um adaptador SmartThings Estender USB. ■



Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

EXPEDIENTE

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA CAVI LTDA. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA CAVI LTDA. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
CAVI

NOVA LINHA DE TVS SUPER UHD DA LG IMPRESSIONAM OS VISITANTES DA CES 2016



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MAJKTPADJC8](https://www.youtube.com/watch?v=MAJKTPADJC8)

Compatíveis com a tecnologia HDR, as TVs 4K da coleção 2016 oferecem uma qualidade de imagem ainda melhor e funções poderosas

A linha de TVs com painel IPS da empresa é liderada pelos modelos UH9500, de 65 polegadas, e UH9550, de 86 polegadas, ao lado dos modelos UH8500, de 65 polegadas, e UH8550, de 75 polegadas. Todos esses modelos de TVs SUPER UHD oferecerão tecnologias avançadas que aprimoram a imagem e o som, incluindo a tecnologia HDR (high-dynamic range, ou dinâmica de alto alcance), e o encantador design ULTRA Slim da LG.

Tanto o modelo UH9500 quanto o UH9550, ambos tops de linha da LG, contam com o mais avançado display IPS do mercado, que vem com inovações como Painel True Black e Contrast Maximizer. O Painel True Black é uma tecnologia exclusiva da LG, minimizando reflexos e aprimorando a taxa de contraste para proporcionar uma experiência de assistir TV mais confortável. Já o Contrast Maximizer entrega mais profundidade e contraste, destacando os objetos do que está atrás deles.

A tecnologia HDR Plus permite que as TVs UH9500 e UH9550 exibam conteúdos 4K HDR exatamente como eles devem ser vis- ►

tos. E mais, a tecnologia ULTRA Luminance da LG aumenta muito o contraste entre áreas escuras e brilhantes, aumentando sensivelmente o efeito HDR. E, com as portas HDMI compatíveis com HDR e o mecanismo que transforma imagens SDR em HDR, os espectadores podem assistir conteúdos de qualquer fonte padrão com qualidade bem próxima da HDR.

Para melhorar a reprodução de cores, a tecnologia ColorPrime Plus da LG amplia a variedade de cores que podem ser mostradas na tela. A tecnologia utiliza um espectro de cores mais amplo para exibir uma gama maior de matizes e tons, criando imagens mais profundas e reais. Outra inovação, a tecnologia Billion Rich Colors, usa um painel de 10 bits e capacidade de processamento de 10 bits para que as TVs UH9500 e UH9550 consigam exibir mais de um bilhão de cores possíveis. Por ser compatível com a próxima geração de transmissão e distribuição de conteúdos de TV, o BT.2020, esses modelos manterão sua alta taxa de reprodução de cores no futuro.

“Estamos confiantes de que, em 2016, nossas novas TVs SUPER UHD compatíveis com HDR gerarão muita empolgação na indústria e também entre os consumidores em geral”, diz Brian Kwon, presidente e CEO da LG Home Entertainment Company. “Somos a única companhia com uma estratégia de duas pontas, focando nas tecnologias de TV OLED e IPS. Isso é prova de que não estamos priorizando um display em detrimento de outro.” ■



Para mais informações:

LG Eletrônica

www.lge.com.br

4004 5400 (Capitais e regiões metropolitanas)

0800 707 5454 (Demais localidades)

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930

duvidas@magisaudio.com

www.magisaudio.com



HI-END PELO MUNDO



TECHNICS VOLTA COM O TOCA-DISCOS 1200GAE

Uma divisão do grupo Panasonic, a Technics revolucionou o mundo dos toca-discos ao lançar em 1972 a tração direta (Direct-Drive) com bons preços, durável e confiável. Seu produto mais conhecido e vendido foi o SL-1200 MkII, tornado famoso por DJs e por quem quisesse um toca-discos indestrutível - porém a empresa o tirou de linha alguns anos atrás, em um momento pouco oportuno. O resultado disso é que a Technics está lançando uma versão grandiloquente e turbinada de seu clássico, chamada agora de 1200GAE, com uma longa série de mudanças como prato mais grosso, novo motor mais estável com múltiplos controladores, base com o dobro do peso, amortecida e com múltiplas camadas de metal, acabamento melhorado e braço amortecido feito de magnésio, entre outras novidades, trazendo um aparelho com um comprometimento superior com a audiofilia. A versão 1200GAE é comemorativa e custará US\$ 4.000 nos EUA. Na sequência virá uma versão mais simples, com braço de alumínio, a 1200G. ■

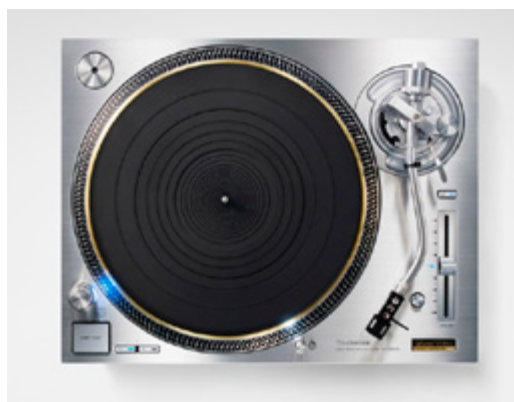
www.technics.com



TOCA-DISCOS E CONVERSOR SONY PS-HX500

Um dos destaques deste começo de ano é a gigante Sony retornando à produção de toca-discos de vinil, com o belo e sóbrio PS-HX500, um aparelho com prato de alumínio com tração por correia, boa base, pés com amortecimento e tampa acrílica, que tem um pé dentro da audiofilia devido à sua capacidade de converter os vinis para formatos digitais de áudio de alta-definição, como WAV e DSD e, através de uma conexão USB, gravar os mesmos em um computador. A Sony provê também um software direto e objetivo para a realização das gravações, e que conta também com capacidades básicas de edição. O preço do PS-HX500 ainda não foi divulgado. ■

www.sony.net



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO MANLEY

Localizada na cidade de Chino, California - e orgulhosa e irônica de ter seus produtos 'Made in Chino' - a Manley Laboratories é um bocado conhecida não só pelos seus amplificadores valvulados como também por seus equipamentos e efeitos de estúdio. O mais novo produto da Manley, entretanto, é um performático amplificador para fones de ouvido, que traz duas válvulas 12AT7 como drivers de um quarteto de triodos 6AQ5, que podem funcionar tanto no modo single-ended como push / pull. Três padrões selecionáveis de carga de saída podem ser selecionados: de 12 à 50, 50 à 200 e 200 à 600 ohms, compatibilizando o aparelho com virtualmente qualquer fone do ouvido da face da Terra. Além das saídas para fones XLR e 6.3mm, o pré de fones da Manley possui também saídas de pré de linha. O preço é de US\$ 2.950, nos EUA. ■

www.manley.com



TOCA-DISCOS DE VINIL DA MOBILE FIDELITY

A MoFi, ou Mobile Fidelity é conhecida por suas prensagens de CDs e vinis de alta qualidade com remasterizações especiais que usam transcrições o mais fiéis possível das fitas master originais, sem manipulação, caminhando por vários gêneros musicais e por gravações populares e conhecidas de pop, rock, jazz e clássico. A empresa acaba de anunciar que está entrando no mercado de toca-discos de vinil, com dois modelos: Studio Deck e Ultra Deck, ambos belt-drive e ambos desenhados sob especificação da MoFi pela Spiral Groove, nos EUA, sob a direção de Allen Perkins. Serão acompanhados, opcionalmente, por três modelos de cápsulas de bom custo benefício, que usarão agulhas elípticas, 'nude' elíptica e fine-line - e também a marca Mobile Fidelity. Os toca-discos terão preços de 1.000 à US\$ 1.800, e as cápsulas de 300 à US\$ 900, nos EUA.

www.mofi.com



PRÉ DE FONO DAC/ADC FURUTECH ADL STRATOS

Especialista em cabos, tomadas, fusíveis e afins, a japonesa Furutech tem uma divisão chamada ADL - Alpha Design Labs - que desenvolve equipamentos como fones de ouvido, DACs e amplificadores para fones. Seu mais recente produto é o pequeno e premiado Stratos, um amplificador de fones de ouvido que é também pré de fono MM/MC, é um DAC e também um ADC (Analog to Digital Converter) - permitindo não só que se ouça LPs, como também que se possa digitalizá-los no computador. O Stratos trabalha com altas definições até DSD via USB na reprodução - usando chip SABRE32 - e digitaliza em até 24-bit/192kHz, serve como pré de linha analógico e empurra fones de ouvido de 16 à 600 ohms. O preço do Stratos ainda não foi divulgado.

www.furutech.com



PRÉ DE FONO PASS LABS XS PHONO

Célebre especialista em amplificações, a empresa do engenheiro Nelson Pass anunciou seu mais novo pré para toca-discos de vinil, o Xs Phono. Essencialmente três prés em um, segundo o fabricante, o Xs atende quem têm múltiplos toca-discos ou múltiplos braços em um toca-discos, com um design que procura, ao integrar três prés separados, evitar as interferências e perdas que degradariam a performance. Entre suas regulagens estão as tradicionais carga resistiva, carga capacitiva e ganho, além de filtro subsônico, seleção de entrada e mute. O Xs solta sinal paralelamente tanto na saída RCA quanto na XLR. O preço do Xs Phono é a bagatela de US\$ 45.000, na Terra de Tio Sam.

www.passlabs.com



AUDIOMAGIA E HI-FI CLUB APRESENTAM NOVOS PRODUTOS

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

No dia 17 de dezembro passado, a AUDIOMAGIA Comércio e Importação, e sua parceira estratégica, a HiFi CLUB Audio Video e Automação, realizaram no showroom e espaço-gourmet desta última, situado na Rua Padre José Menezes no 11 no Bairro Luxemburgo, em Belo Horizonte, um concorrido evento que reuniu número significativo de audiófilos da capital mineira.

O objetivo do encontro, informal e intimista, foi apresentar aos amigos-clientes alguns dos produtos oferecidos pelas três novas marcas que passaram a integrar o portfólio das empresas representadas pela AUDIOMAGIA ao longo deste seu primeiro ano de operação:

Neat Acoustics (UK)

- Iota - mini caixa acústica bookshelf de 2 vias e bass reflex nas cores branco, amarelo, vermelho, azul e preto.
- Motive SX1 - caixa acústica tipo torre de 2 ½ vias e bass reflex.
- Momentum SX3i - caixa acústica bookshelf de 2 vias e woofers isobáricos.
- Momentum SX7i - caixa acústica tipo torre de 3 vias e woofers isobáricos (lançamento!).

Spread Spectrum Technologies (EUA)

- Thoebe II - pré-amplificador Classe AB balanceado c/ DAC ESS Sabre de até 32-bit/384kHz PCM e DSD64 + DSD128, phono MM/MC Classe A, amplificador c/ saída para dois fones de ouvido e controle remoto (lançamento!).
- Son of Ampzilla - amplificador de potência estéreo solid-state Classe AB de 220Wpc RMS@8Ω (lançamento!).

Rogue Audio (EUA)

- Sphinx - amplificador integrado híbrido de 100 Wpc RMS@8Ω com phono MM/MC, amplificador para fones de ouvido à válvula e controle remoto.
- RP-5 - pré-amplificador à válvula c/ phono MM/MC ajustável, amplificador para fones de ouvido à válvula e controle remoto (lançamento!).
- Hydra - amplificador de potência estéreo híbrido de 100 Wpc RMS@8Ω.
- Pharaoh - amplificador integrado híbrido de 185 Wpc RMS@8Ω com phono MM/MC e amplificador para fones de ouvido.

A partir das 18 hs, enquanto saboreavam um fino buffet quente, mais de cinquenta convidados degustaram os diversos equipamentos em exibição, com destaque para o novo Media Center de padrão audiófilo comercializado pela HiFi Club. O evento, que se encerrou por volta das 23 horas, contemplou exclusivamente a música digital, incluindo o formato DSD / DXD.

A noite contou ainda com uma apresentação de Carlos Thomas de La Fuente e sua esposa Fabiana sobre as habilidades dos amplificadores franceses Devialet como mediastreamers. O modelo 200 conectado às caixas Neat e Boenicke na sala principal, e o par de conjuntos integrados Phantom no HT do hall d entrada, souberam dar seu recado...

Estiveram em demonstração, também, caixas acústicas Boenicke Audio (Suíça), fones de ouvido, super amplificador dedicado e players digitais portáteis HiFiMan (China), fones de ouvido Grado Labs (EUA), amplificadores, DAC's e cabos Wyred 4 Sound (EUA), e os DAC's da Resonessence Labs (Canadá). Que venham mais eventos como esse em 2016! ■

Para mais informações:
Audiomagia
www.audiomagia.com.br
(31) 3140.9100

Hi-Fi Club
www.hificlub.com.br
(31) 2555 1223





RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H300 - 93 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.209
Devialet 800 - 92 pontos (Estado da Arte) - Devialet - Ed.211
Luxman L-590AX - 91,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.207
Devialet 200 - 91 pontos (Estado da Arte) - Devialet - Ed.202
Leben CS-600 - 90 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.202

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
darTZeel NHB-18NS - 95,5 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.164
Pass Labs XP-30 - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.189
Hegel P30 - 93,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.212
Burmester Reference 077 - 92 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.204

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
KR Audio Kronzilla DX - 98 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.205
Amplificador AVM Ovation SA8.2 - 97,0 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.212

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131
MBL 1611F DAC - 90 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.180
PS Audio PerfectWave DirectStream DAC - 89 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.207

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon SPU Meister Silver - 90 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.201

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Kharma Exquisite Midi - 98 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Cabasse L'Océan - 98 pontos (Estado da Arte) - Logiplan - Ed.197

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Kubala-Sosna Elation - 94 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.179
Nordost Odin - 89 pontos (Estado da Arte) - Liquid Sound - Ed.153
Synergistic Research Element Tungsten - 87,25 (Estado da Arte) - Âmbar Audio Dreams - Ed.193
Kimber Select KS-6063 - 86,4 (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.189

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Sax Soul Zafira II - 90 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.210
Transparent Opus MM 2 - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.176
Nordost Odin - 89 pontos (Estado da Arte) - Liquid Sound - Ed.153
Chord Sarum Tuned ARAY - 88 pontos (Estado da Arte) - Audiofonia - Ed.200



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WWSQIP0ENE8](https://www.youtube.com/watch?v=WWSQIP0ENE8)

CAIXA ACUSTICA KHARMA ELEGANCE DB11-S

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Foi paixão à primeira vista escutar a Elegance DB11-S na sala principal da Maison de La Musique! Incrédulo, constatei que suas inúmeras qualidades eram muito semelhantes à Exquisite Midi, nossa nova caixa de referência custando, porém, menos da metade da Exquisite Midi! Saí daquela audição com a sensação de que a Kharmma havia dado um tiro no pé, pois, com uma performance global tão impressionante, como justificar para o consumidor que está na dúvida entre esses dois modelos a investir o dobro na Exquisite Midi, se suas performances parecem tão semelhantes? A única maneira de tentar esclarecer essa questão seria conseguir testar a Elegance DB11-S, comparando-a diretamente com a Exquisite Midi, em nossa sala de referência. O problema é que a Elegance que escutei já estava vendida e seria preciso esperar outra importação para fazer o comparativo, e naquele momento, já com o país pegando fogo política e economicamente, as chances de colocar as mãos em uma Elegance DB11-S, me pareceu impossível.

Mas eis que o universo conspirou a favor e uma nova venda foi efetuada, e o comprador estava no processo de construção da sala de áudio e aceitou prontamente que sua caixa fosse testada pela Áudio e Vídeo Magazine! Assim, no final de outubro recebemos a imponente Elegance DB11-S, em um acabamento de tonalidade marrom, deslumbrante!

A Exquisite Midi, perto dessa Elegance parece muito menor do que é realmente! A Elegance DB11-S foi apresentada oficialmente na CES de 2014 e recebeu nesse mesmo ano o Prêmio Inovações. Como todo produto desse renomado fabricante holandês, o gabinete é todo feito pela própria Kharmma. Além de ultra rígido, suas formas foram desenvolvidas para uma imagem 3D de alto nível de referência. A forma acústica encontrada foi a de um polígono inclinado, para um cruzamento perfeito entre os falantes com zero de cancelamento de fase. E para que as reflexões tanto do chão como das paredes laterais não fossem um problema para a recriação da imagem ►

sonora holográfica. Outra qualidade inerente ao gabinete inclinado é a de proporcionar uma imagem sonora realista também na altura do acontecimento musical. A Elegance DB11-S foi projetada para salas de 50 a 200 metros quadrados e está apta para reproduzir grandes orquestras em níveis sonoros muito realistas.

Para se alcançar tamanho grau de performance sonora, com o menor grau de distorção possível, os cuidados com os falantes

foram minuciosos. O tweeter de Berílio foi desenhado pela Kharma em associação com a dinamarquesa Scan-Speak. E o principal cuidado foi com a assinatura sônica desse novo tweeter, para que não soasse seco ou levemente anasalado (algo comum em outros tweeters de Berílio). O falante de médio é o mesmo utilizado na linha Exquisite - o Omega 7 - desenvolvido pelo CEO da Kharma, Charles van Oosterum, e que, na minha opinião, levaram as caixas da Kharma a um novo patamar de performance. Charles, ao substituir os falantes de médio de cerâmica, optou por desenvolver um falante ultra rígido, rápido na resposta de transientes e livre de distorções audíveis. Em vez de utilizar o que o mercado disponibilizava (sanduiche de fibra de carbono para o diafragma) o CEO da Kharma desenvolveu um cone de fios de fibra de carbono, baseado na experiência dos carros de Formula 1, que utilizam esses mesmos fios por serem mais leves que qualquer fibra: mais rígidos e fortes e menos ressonantes! Claro que a utilização dessa tecnologia de ponta encareceu vultosamente o preço desses novos falantes de médio, mas o resultado está aí para quem quiser ouvir e comparar. Eu mesmo tive que jogar a toalha, ao testar a Exquisite Midi e tentar voltar para minha caixa de referência. Ou mesmo qualquer outra caixa que testei top de linha nesses últimos dois anos. A diferença de precisão e naturalidade é muito grande! Os harmônicos são de um realismo fora do comum, assim como a recuperação de detalhes e a riqueza das texturas, colocando-nos no âmago do acontecimento musical sem o menor esforço. Os dois woofers de dez polegadas da Elegance DB11-S, de alumínio, também foram feitos em parceria entre a Kharma e a Scan-Speak.

Segundo o fabricante a resposta de frequência da DB11-S é de 21Hz a 30 KHz, sua sensibilidade é de 89dB, a impedância de 4 ohms, o SPL máximo de 115 dB e seu peso é de 70 Kg.

Para o teste utilizamos basicamente nosso sistema de referência com mudanças apenas nos cabos de caixa, que foram: Reference XL MM2 da Transparent Audio, Audiomica Miamen e The Cloud da van den Hul. O pré de linha foi o DanD'Agostino, o power o Hegel H30, a fonte digital dCS Scarlatti, a fonte analógica o toca-discos Air Tight Acoustic Masterpiece, braço SME Series V e capsula Air Tight PC-1 Supreme. Os cabos de interconexão entre dCS e pré de linha foram Transparent Opus G5, entre pré de linha e power foram CNT van den Hul, entre braço do toca disco e pré de phono Tom Evans Master Groove foram van den Hul CNT, e entre o pré de phono e o pré de linha SaxSoul Zafira II. Os cabos de força foram todos Transparent Power Link MM2.

Esse foi o primeiro modelo da serie Elegance que testamos. E, ao contrário da Exquisite Midi, ela se mostrou muito mais amigável em termos de posições na nossa sala de referência. Com seu impetuoso porte e presença, começamos nossa audição, para as primeiras ►





W5 SE - Boenicke

A caixa acústica Boenicke W5 SE foi indicada pela Audio Vídeo Magazine como a "Melhor Caixa Bookshelf de 2015", distinção que se soma ao prêmio "Selo Editor" e à classificação "Estado da Arte" recebida durante teste da prestigiosa revista. A AUDIOMAGIA é distribuidora exclusiva no Brasil desta e de outras laureadas criações do artesão suíço Sven Boenicke.



No ano de 2016 contaremos, também, com um portfólio enriquecido por três novas marcas: os componentes das americanas SST (Classe AB) e Rogue (Valvulados e Híbridos), além das caixas inglesas NEAT.



RP-5 e Pharaoh- Rogue Audio



Motive SX3 - Neat Acoustics



Thoebe II e Son of Ampzilla II - SST

Visite nosso site para conhecer as novidades das outras marcas representadas: GRADO, HiFiMAN, RESONESSENCE e WYRED 4 SOUND. E acompanhe nossos eventos também pelo Facebook.



mAMP - Wyred 4 Sound



HE-1000 - HiFiMAN



Invicta MIRUS - Resonessence



Ps1000e - Grado

www.audiomagia.com.br
contato@audiomagia.com.br

55 (31) 3140 9100
 55 (31) 9994 3079

 **AUDIOMAGIA**[®]
 THE MAGIC OF SOUND



anotações, com elas afastadas quase 1,90 da parede às costas das caixas, 1 metro das paredes laterais e 4,20 metros entre elas. Zero de toe-in (como nas Exquisite Midi). E já de cara a graciosidade de um palco gigantesco se fez presente! Uma apresentação de uma imagem 3D absolutamente inacreditável, com os planos absolutamente perfeitos, em largura, altura e profundidade! Difícil para caixas top de qualquer faixa de preço ombrear com uma apresentação tão realista. Os viciados em soundstage podem parar de procurar, pois nesse quesito é a caixa mais espetacular que já escutamos em nossa sala de testes. Nem a Exquisite Midi nesse quesito disputa com ela, pois em precisão de altura (se os músicos estão em pé ou sentados), a Elegance DB11-S é soberana!

Como a caixa chegou necessitando de amaciamento, fizemos todas as anotações preliminares e a colocamos imediatamente em queima, por 100 horas. Ainda que os extremos estejam engessados quando a colocamos 'virgens' para tocar, já se têm uma idéia exata do potencial dessa caixa, pois ela já possui um equilíbrio tonal de alto nível. O que lhe falta quando zero, e que a partir de 100 horas desabrocha, é o respiro nas altas frequências e o deslocamento de

ar no extremo grave (e que deslocamento de ar!). Com 100 horas os agudos ganham maior ar e um decaimento mais harmonioso, já os graves irão precisar do dobro de queima (200 horas) para mostrarem todo seu peso, energia e precisão. Com 240 horas não sentimos mais nenhuma alteração audível e iniciamos os testes. Ouvindo a Elegance em nossa sala, entendi rapidamente o que me causou o impacto na audição na Maison de La Musique: foram os médios, absolutamente idênticos ao da Exquisite Midi. Mas ouvindo com calma e fazendo um comparativo entre as duas caixas, é possível perceber que nos extremos se depositam todas as diferenças entre ambas. Ainda que na Elegance os agudos sejam muito naturais e com excelente extensão e decaimento, o tweeter de Berílio não se compara ao de Diamante da Exquisite, muito mais refinado, veloz e preciso. Mas é preciso um A x B para se chegar a essa conclusão, pois a performance da Elegance no extremo agudo é absolutamente impecável! E a passagem da região média alta para o agudo é tão perfeita que a vontade de ouvir mesmo gravações limitadas tecnicamente nessa faixa do espectro audível é muito grande. Pois nada agride, nada soa anasalado ou com brilho em excesso. A região média é muito próxima da linha Exquisite, já que se trata do mesmo falante, um grau de transparência excepcional, harmônicos ricos e uma naturalidade inexistente nesse grau de realismo em outras grandes caixas. Seja reproduzindo vozes ou instrumentos acústicos, a sensação é que estamos a metros do acontecimento musical!

E como a apresentação em termos de foco, recorte e planos é exuberante, nosso cérebro constrói uma imagem holográfica integralmente verossímil ('vemos' o que ouvimos!). E os graves são de arrepiar, pois correm pelo chão como ondas sísmicas, e sobem pelo peito com tamanha energia, que a vontade é sempre a de aumentar um pouco mais o volume. Órgão de tubo é uma experiência acachapante, pois você sente a energia das baixas frequências, identifica as notas, tudo com um recorte, velocidade e precisão de apresentação ao vivo! O fabricante não está mentindo quando afirma que a Elegance responde a partir de 21 Hz.

Como já comecei esse teste falando da maravilha que é a reprodução de sound stage, não me estenderei sobre esse quesito. Mas não posso me furtar a dizer que, para os amantes de grandes massas orquestrais com salas condizentes em termos de tamanho e acústica, a Elegance DB11-S deve ser uma das opções obrigatórias a ser escutada, pois nesse quesito sua relação custo e performance é muito alta.

No quesito textura, ela simplesmente também ombréia tranquilamente com a série acima, a Exquisite. Gravações de coral e quartetos de cordas são o ponto alto para avaliação desse quesito. E como seu palco sonoro é grandioso, a sensação é de que estamos assistindo literalmente a essas performances!

artnovion

PROJETADO PARA ALTO DESEMPENHO

CONCEBIDO PARA EMOÇÃO

PAIXÃO *POR ACÚSTICA*



MAISON DE LA MUSIQUE
AUDIO E VÍDEO HI-END

Showroom

Av. Eng. Roberto Zuccolo, nº 555/ 3º Piso/ B1 e B2 – Vila Leopoldina
São Paulo/SP - Tel. 11 2117.70.05/ 11 2117.70.04
comercial@maisondelamusique.com.br

Graças ao falante Omega 7, os transientes são também um acontecimento grandioso. Principalmente pianos solo! A precisão e o grau de inteligibilidade coloca a Elegance DB11-S entre as cinco melhores caixas por nós já testadas nesse quesito. Isso aliado ao corpo harmônico, que nos dá a dimensão exata do tamanho do instrumento, permite de novo que nosso cérebro acredite que se trata de audição ao vivo e não reprodução eletrônica.

Agora alie todas essas virtudes, com uma apresentação de macro dinâmica muito convincente e uma materialização física mesmo em gravações não tão audiofilas, e o amigo leitor terá uma ideia mais exata da experiência que é escutar a Elegance DB11-S em um sistema a sua altura. É dos deuses! E aí se explica parte do encanto e dos testes tão positivos que a Elegance DB11-S tem recebido desde que foi lançada.

CONCLUSÃO

Quando fecho uma avaliação, procuro sempre resumir em um adjetivo ou uma frase o que o produto em teste me passou. A Elegance DB11-S é um misto de assombro com delicadeza, pois ela é ao mesmo tempo impetuosa, visceral e tão sutil quanto uma pluma voando a esmo. Consegue o tempo todo nos manter atentos sem desvio do acontecimento musical, mas nos permite relaxar e também simplesmente apreciar as músicas que tanto amamos.

Mas seu controle sobre a música e o ouvinte é total, pois ela sempre nos surpreende com detalhes que antes não nos chamavam a atenção, ou sequer tínhamos escutado. Nesse sentido ela é muito exigente com seus pares, todos deverão estar no mesmo nível, pois um único elo mais fraco e ela colocará o ‘dedo na ferida’ imediatamente. Um exemplo? Como o único cabo bi-cablado que tinha no

momento do teste era o The Cloud, achei que deveria ver como a Elegance se comportava bi-cablada. E o resultado foi decepcionante. Tudo tem que estar criteriosamente no seu nível (ou acima do seu nível). Com esses cuidados, a performance dará um salto quântico. Uma caixa absolutamente preparada para todos os desafios audiófilos, que entrega absolutamente tudo que promete! Se esse é o seu desejo final em termos de caixa acústica estado da arte, ouça-a!

PONTOS POSITIVOS

Design e acabamento exuberante, performance digna de uma caixa Estado da Arte top.

PONTOS NEGATIVOS

Para salas grandes e com tratamento acústico. É bastante exigente com todo o set de equipamentos e cabos.

ESPECIFICAÇÕES	Sistema	3 vias
	Potência RMS	380W
	Potência de pico	760W
	Resposta de frequência	21Hz – 30kHz
	Impedância	4 ohms
	Eficiência (2,83V / 1m)	89dB
	SPL máximo	115dB
	Conexões	Terminal bi-wire Kharma
	Dimensões (L x P x A)	1288 x 794 x 469 mm

CAIXA ACUSTICA KHARMA ELEGANCE DB11-S	
Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	13,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	12,0
Total	96,0
VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

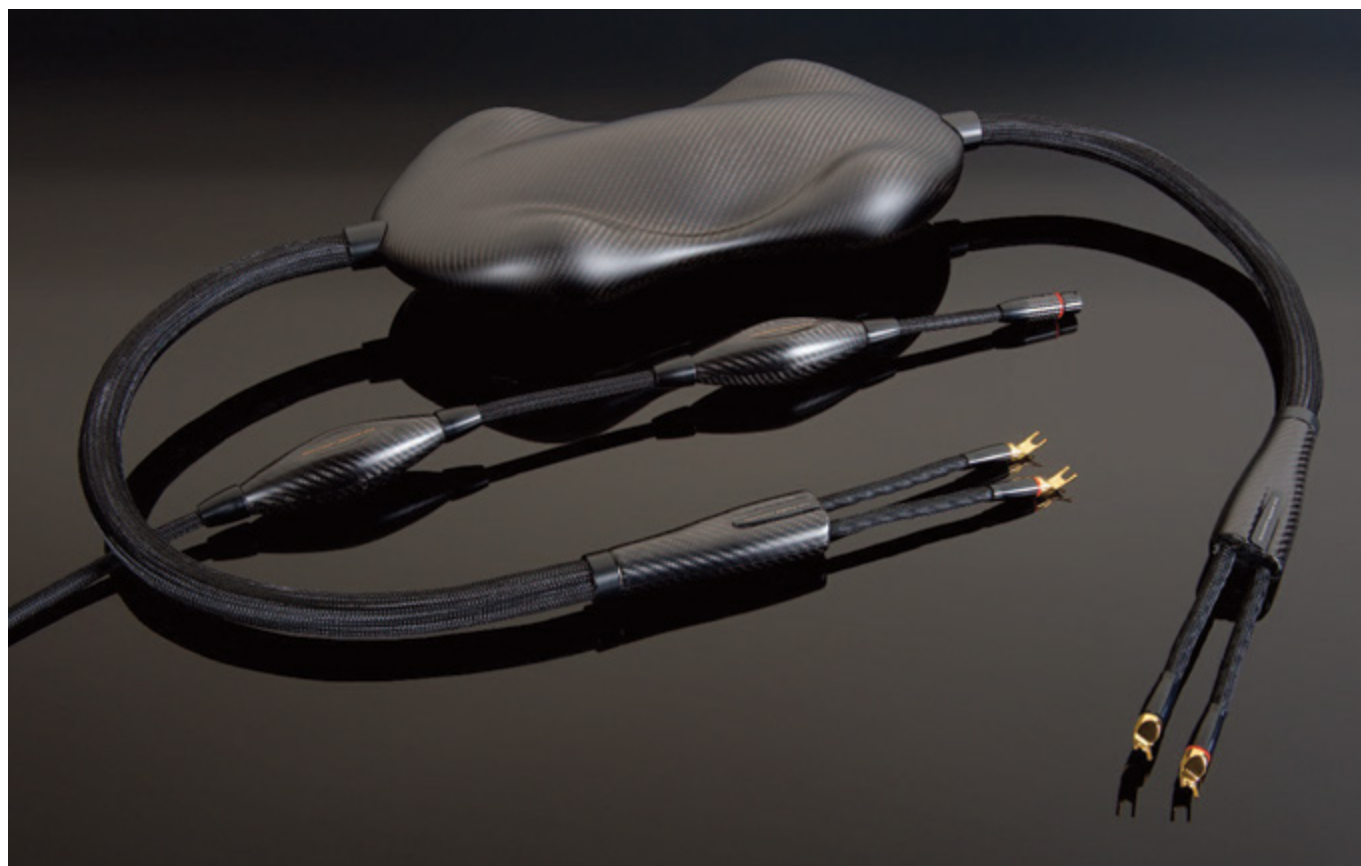
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
74.000 €



TRANSPARENT

THE BEST CABLES IN THE WORLD JUST GOT BETTER

GENERATION
5



MAGNUM OPUS • OPUS • XL • REFERENCE



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

TRANSPARENT

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br



CABO DE CAIXA SUNRISE LAB REFERENCE II

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Com o agravamento da crise no meio do ano passado, o Ulisses da Sunrise Lab, em uma visita a nossa sala de referência, nos confidenciou que estava desenvolvendo um upgrade na linha de cabos Reference (sua linha mais vendida), e os resultados auditivos preliminares eram bem promissores. Minha única pergunta, naquele instante, foi: continuará sendo um cabo barato? Pois muitos de nossos leitores, aquela altura, já reclamavam do aumento do dólar e da dificuldade de conseguir realizar novos upgrades em seus sistemas. Sua resposta foi sim, os preços sofreriam alterações, devido à matéria prima ser importada, mas os preços continuariam condizentes com a realidade de mercado. Afinal cabos de entrada sempre foi um nicho que a Sunrise sempre atendeu com enorme competência.

No final de outubro, o Ulisses me liga e diz estar pronto para escutar em nossa sala o novo Reference II de caixa. Ainda com a ressaca das eleições, e certo do que viria pela frente em termos de continuidade desse 'desgoverno', pedi para ele nos apresentar a nova

versão. Trata-se de um cabo de boa espessura, porém totalmente maleável e leve (para ambientes pequenos essa é uma característica importante em cabo de caixa). A geometria principal é de condutores concêntricos multifilares isolados. Seção total por lado de 5,19 mm². E seu comprimento padrão é de 2,40 metros/par, com capacitância baixa, resistência de 3,2 mOhm/m total, dielétrico principal de PVC com banho semi condutor, condutores de cobre OFC com tratamento criogênico e acabamento com capa PEDB trançada cor preta. Os plugues são padrão banana com contato tipo guarda chuva, banhados a ouro. Eu já de cara gostei tanto da aparência, assim como das qualidades sônicas.

Como o cabo estava integralmente amaciado, o nosso trabalho foi de apenas colocá-lo imediatamente em teste. Foram dois meses de uso diário, tanto com todos os equipamentos em teste, como também na sala de home e no sistema do meu filho. Na nossa sala ele foi testado com as seguintes caixas acústicas: Gauder Arcona 60, ►



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



CABO DE CAIXA SUNRISE LAB REFERENCE II

Tannoy Glenair 10, Kharmas Exquisite Midi e Elegance DB11-S (leia teste 1 nessa edição). Os amplificadores integrados usados no teste foram Hegel H80 e Rega Elicit-R. As fontes digitais foram Rega Saturn-R, Luxman D-08u e sistema dCS Scarlatti.

Uma das principais características do novo Reference II é o seu excelente equilíbrio tonal. Sua ótima naturalidade, harmônicos ricos e muito boa extensão nas duas pontas para sua faixa de preço. Os instrumentos acústicos e vozes soam magistralmente corretos, nos dando de imediato aquele conforto auditivo que tanto buscamos em sistemas hi-end. Os agudos possuem ótimo decaimento, limpeza e zero de brilho, o que possibilita, em gravações tecnicamente limitadas nessa faixa do espectro, um 'alento' ao ouvirmos esses discos. A região média é muito equilibrada com excelente transparência e calor, e os graves surpreendem pelo corpo, peso e extensão.

O soundstage, que costuma ser uma pedra no sapato de todo cabo de entrada, foi outra grata surpresa, pois a profundidade (o maior desafio ainda existente nessa faixa de preço), é de alto nível! Os planos são corretos, com excelente foco e recorte, mesmo em gravações sinfônicas. E correta apresentação de largura, altura e profundidade! Gostei muito dos planos com música sinfônica pelo bom respiro entre os instrumentos e naipes e um foco e holografia de primeira nos solistas. Vozes possuem aquela 'magia' quase 3D, de percebermos a altura e a técnica vocal do cantor ou cantora. Esse detalhe que passa muitas vezes incólume pelos sistemas mais de entrada, mas em sistemas mais tops é um dos grandes diferenciais que tanto encanta os audiofilos iniciantes. E o Reference II possui essa qualidade tão importante para a sensação da materialização física do acontecimento musical na nossa sala de audição.

Com uma região média tão musical e quente a apresentação das texturas no Reference II é também de alto nível! Intencionalidades, qualidade dos instrumentos e técnicas dos músicos, são notadas sem nenhum esforço auditivo. Junto com o equilíbrio tonal foi uma das características que mais gostei. Pois sistemas mais simples precisam dessas características para tornar as audições mais 'sedutoras'.

Os transientes do Reference II nos permite ouvir tempo e ritmo com enorme precisão e desejo de acompanhar o andamento da música com os pés. E gostei muito da apresentação de inúmeros solos de piano e de percussões. Ao contrário de muitos cabos de entrada, que parecem ser letárgicos na apresentação de ritmo, como se os músicos estivessem tocando displicentemente, o Reference II possui uma precisão 'autoritária', conduzindo com mão de ferro o andamento da música. Junto com soundstage, transientes é outra 'pedra no sapato' dos cabos mais simples.

A micro dinâmica é muito boa, graças ao silêncio de fundo e a transparência excelente da região média. E a macro dinâmica não compromete nunca. Claro que em sistemas mais modestos, a macro dinâmica já é bem limitada, mas precisa ficar claro que não será desse cabo. Ele em sistemas mais intermediários e altos, respondeu com mérito a todos os exemplos desse quesito de nossa metodologia (até pelos tiros de canhões da Abertura 1812 ele passou com méritos).

No corpo harmônico, o Reference II ficou na fronteira entre os cabos mais top e os intermediários, bem longe dos cabos de entrada. Se o corpo dos instrumentos não foi do tamanho de nossas principais referências (que custam até 10 vezes mais caros), não foi o de cabos de entrada que reduzem todos os instrumentos ao tamanho de pizza brotinho. Nos agradou uma coerência proporcional em relação ao tamanho dos instrumentos, o que proporciona audições muito convincentes sem nenhum tipo de comprometimento (como ouvir um violão ►

MELHORES DO ANO

CONHEÇA OS 43 PRODUTOS QUE
SE DESTACARAM EM 2015



METODOLOGIA

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da *Áudio Vídeo Magazine* na qual o teste foi publicado.

Este ano 17 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentam uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam

consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.

HEADPHONES



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EXD8IZ28CPI](https://www.youtube.com/watch?v=EXD8IZ28CPI)

FONE DE OUVIDO SONY MDR-XB450AP

Fernando Andrette



O modelo MDR-XB 450AP, possui características técnicas muito interessantes: é um fone dinâmico, fechado, drivers de neodímio de 30 mm tipo dome, sensibilidade de 102 dB/mW, impedância de 24 ohms a 1kHz, peso de apenas 165 gramas! E uma resposta de 5 -22.000 Hz! Isso mesmo, uma resposta nas baixas frequências capaz de atender até mesmo o grave dependente mais chato!

O MDR-XB 450AP, realmente, impressiona. Para o teste utilizamos o pré de fone da Micromega ligado ao CD Luxman D-08u. Escolhemos gravações do baixista Jaco Pastorius, bandas de rock como Led Zepelin e King Crimson, gravações sinfônicas como a Sagração da Primavera e o Bolero de Ravel, e big bands como Duke Ellington e Count Basie.

Primeira grande qualidade: em volumes corretos você escuta todo o espectro audível muito bem equilibrado, com perfeita inteligibilidade e precisão de tempo e ritmo. Com estilos mais eletrônicos é realmente um deleite acompanhar a linha de baixo, com peso, articulação e ritmo. Acho que a garotada que gosta de gênero mais pesado irá curtir muito o que esse Sony entrega em termos de qualidade com inteligibilidade e baixa fadiga auditiva. E com esse fone a molecada realmente poderia preservar sua audição, ouvindo em volumes bem mais baixos pelo fato dele isolar muito bem o ruído externo.

Outra característica marcante é seu grau de conforto. Graças a sua leveza e o encaixe dos protetores de ouvidos acolchoados que se adequam perfeitamente ao diâmetro da cabeça e as orelhas, é possível ficar horas sem nenhuma sensação de desconforto, pressão na cabeça ou peso. Nesse quesito esse fone da Sony dá uma aula de ergonomia para dezenas de fones hi-end que custam dez vezes mais!

Mas, nem tudo são flores. Se o consumidor se empolgar e quiser sentir os graves chutando a sua cabeça, haverá imediatamente um desequilíbrio tonal, com os graves predominando em relação a todas as outras frequências. E esse pode ser um problema, pois por horas isso pode causar um dano auditivo irreversível. E, como sempre escrevo, perda de audição é indolor. Quando se começa a perceber o tal do zumbido no ouvido, o dano já está feito! E os que são 'tarados' por graves, com certeza irão abusar do volume, pois os graves realmente estão lá!

Os engenheiros da Sony realmente cumpriram seus objetivos. Produziram um fone de enorme conforto ergométrico, um design moderno, ultraleve, que possui uma enorme eficiência em isolar o som externo e com uma resposta de graves impressionante. Na mão de consumidores conscientes que sabem como usufruir corretamente de um bom fone de ouvido, é um gol de placa! Mas na mão de consumidores inexperientes e loucos para aumentar a adrenalina e a sensação que a música esta pulsando na cabeça em altos volumes, é um grande problema.

Felizmente, se o publico alvo desse produto gostar realmente de música e não de efeitos 'pirotécnicos', ele perceberá imediatamente que suas músicas preferidas podem ser escutadas em volumes corretos, e com um prazer auditivo sedutor. Para esses que buscam uma maior inteligibilidade do acontecimento musical, com baixíssima fadiga auditiva e um equilíbrio tonal correto, o fone da Sony é um verdadeiro achado, pois sua relação custo e performance é excelente! ■

AVMAG #214

Sony

www.sony.com.br

R\$ 299,99



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

Christian Pruks



A Grado Labs é uma empresa velha conhecida dos audiófilos, principalmente por suas cápsulas e, em segundo lugar, por seus fones de ouvido. Foi fundada em 1953 pelo mestre relojoeiro Joseph Grado na cidade de Nova York, nos EUA, servindo como presidente e produzindo desde cápsulas, fones de ouvido, caixas acústicas e toca-discos até braços para os mesmos. Após várias reformulações na linha de produtos, a Grado Labs permaneceu apenas com a linha de cápsulas até 1990, quando John Grado, sobrinho de Joseph, comprou a empresa e voltou a investir na linha de produtos que, hoje, compreende as célebres cápsulas, cinco linhas de fones de ouvido e uma linha de amplificadores para os mesmos. Joseph Grado, entretanto, faleceu em fevereiro deste ano, aos 90 anos. Mas, como a família continua, a terceira geração dos Grado, Jonathan, filho de John, que literalmente cresceu dentro da empresa, hoje também faz parte da operação como responsável pelo marketing.

O PS500e é o segundo fone da linha top da Grado, a Professional Series, sendo superado pelo PS1000e, e substituindo o modelo PS500 com o uso de novos transdutores, amortecimento e cabeamento. É um fone tipo dinâmico e aberto (Open Air) - e por aberto eu quero dizer que não só não isola absolutamente nenhum som de fora como também todo mundo ouve o que você está ouvindo. Ele é razoavelmente pesado, mas nada que chegou a me incomodar, e não faz pressão desagradável sobre as orelhas.

A impressão geral do som do PS500e é de limpeza, detalhamento e relaxamento. A transparência é intensa, ainda que eu preferisse um pouco mais de ar nos agudos e de ambiência nos médios-graves. A extensão dos agudos, assim como toda a apresentação dos mesmos,

é extremamente relaxada, sem sensação de limitação. Já a extensão de graves mostra frequências bem baixas com excepcional recorte, como o bumbo de bateria e o contrabaixo acústico. O lado estranho do PS500e é a energia excessiva dedicada a toda a área média, des-toando do resto. Não há um 'distanciamento'. No meu caso, que além de tudo gosto do acontecimento musical mais afastado - como é na vida real - fico com a impressão novamente de estar tão dentro do palco que, no caso do bluesman Doug MacLeod, no CD *There is a Time*, do selo Reference Recordings, parece que o sujeito está cantando logo às minhas costas. Se eu não soubesse que estou ouvindo música e que faixa é, tomaria um susto desgraçado com a faixa 9, *I'll Be Waking On*, que começa praticamente à capella! Apesar disso, o foco é muito bom, pois dá para perceber claramente toda e qualquer oscilação lateral da voz de MacLeod - ou seja, você sabe que ele está se mexendo enquanto canta. Os transientes são muito bem definidos e bastante rápidos. Se for vista a dinâmica do PS500e pelo lado natural dos crescendos, ou pelo resultado da velocidade e ataque dos transientes, ela seria muito boa mesmo!

Apesar das citadas idiossincrasias, dá para passar horas ouvindo certos tipos de música com o detalhamento e a articulação primorosos provido pelo fone Grado PS500e: sua fadiga auditiva é baixíssima! Há, porém, um senão: é preciso um ambiente calmo para se usufruir desse fone, devido à sua natureza aberta e área não isolante de ruídos. ■

AVMAG #210
Audiomagia
(31) 3140.9100
US\$ 1.080

NOTA: 81,25



DIAMANTE REFERÊNCIA

CABOS



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q_W45MPVZGC](https://www.youtube.com/watch?v=Q_W45MPVZGC)

CABO DE INTERCONEXÃO KIMBER KABLE HERO (PLUGUE ULTRAPLATE)

Christian Pruks



O Hero é um cabo de interconexão de entrada da Kimber, pertencente à linha Ascent (duas linhas abaixo da célebre linha Select). É feito com quatro fios de cobre puro multifilar (Varistrand) usando um tipo de torção que a empresa chama de geometria de campo GyroQuadratic. O Hero vem em opção XLR ou RCA, sendo que o RCA tem quatro tipos diferentes de plugue. O mais simples - e mais barato - é o plugue Ultraplate (que é o testado aqui), depois vem o WBT-0114, o WBT-0102Cu Nextgen (que é com contatos de cobre) e o WBT-0102Ag Nextgen (com contatos de prata). Os plugues Ultraplate não são leves e bonitinhos como os WBT, assim como não possuem a capa com trava costureira dos WBT. É um plugue bem feito, bem sólido, de aparência comum, mas não muito, com um encaixe e 'pega' excelentes. A Kimber não divulga com que metal é banhado o plugue, chamando o banho, o revestimento, apenas de Ultraplate. Terminologias como a GyroQuadratic e o que quer dizer o nome Ultraplate do plugue são coisas que o departamento de marketing da Kimber Kable não divulga.

A primeira impressão com o Kimber Hero é de um cabo bem equilibrado, com excelentes graves, decentemente recortados. Ele não tem nenhuma característica latentemente desagradável e sua sonoridade é aveludada, relaxada e cheia. Ou seja, é um cabo muito compatível para sistemas de entrada! O equilíbrio tonal do Hero é bom - com extensão de agudos e graves de cabos bem mais caros. O timbre dos médios tem uma leve tendência ao endurecimento e à frontalidade em volumes mais altos. Apesar disso, o som não tem aquelas irritações

e artificialidades que costumam aparecer nos médios-agudos, e seus agudos são muito macios. O palco provido pelo Hero é bem largo e alto, com excelente ar. Mas, dependendo do conteúdo dos médios, tem uma tendência a ser pouco profundo - mostrando muita energia. Isso fica claro, por exemplo, no exagero da voz do blueseiro Doug MacLeod, em *There is a Time* (Reference Recordings). Os transientes provém recortes, decaimentos e inteligibilidade excelentes, especialmente nas frequências de médio para baixo, como o contrabaixo acústico de Jacques Loussier Trio em *Plays Bach* (Telarc). Outro exemplo muito bom é o CD de piano solo de Nelson Freire tocando os *Études* de Chopin (Decca), onde a inteligibilidade é boa.

Um dos cabos de interconexão mais vendidos da Kimber Kable, o Hero é uma boa pedida de cabo para sistemas de entrada, trazendo um som cheio e bonito, relaxado, domando excessos de brilho e outros problemas desagradáveis encontrados em vários cabos menos musicais. Bom para uso entre o pré de phono e o amplificador integrado ou a fonte digital e o integrado. ■

AVMAG #211
 Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 914 (RCA - 1 metro / par)

NOTA: 76,0

**DIAMANTE RECOMENDADO**

FAÇA UM UPGRADE EM SEU SISTEMA

A Alpha Áudio e Vídeo está com uma promoção imperdível. Veja as ofertas:

CAIXA CANTON REFERENCE 5.2: 29.200,00

DAC LUXMAN DA-06: 24.900,00

AMPLIFICADOR LUXMAN L-590AX: 36.900,00

AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATM1S: 26.800,00

AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATM2: 32.000,00

PRE AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATC1: 22.200,00

PRE AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATC3: 18.800,00

PRE AUDIONET G2: 18.900,00

AUDIONET DIGITAL NETWORK

PRE AMPLIFICADOR DNP: 24.700,00

CAIXA REGA RS10: 42.000,00

CD PLAYER REGA SATURN-R: 14.850,00

AMPLIFICADOR REGA ELEX-R: 7.900,00

CAIXA REGA RS1: 3.700,00

CAIXA REGA RS3: 5.800,00

CAIXA REGA RS5: 7.400,00

CAIXA REGA RS7: 11.700,00

DAC REGA DAC-R: 5.550,00

AMPLIFICADOR REGA ELICIT-R: 14.850,00

TOCA DISCO REGA RP10 S/ CÁPSULA: 32.000,00

Promoção válida até para 19/02/15.



CANTON

AUDIONET

LUXMAN

rega

AIR
TIGHT

Promoção destinada apenas para o consumidor final. Não será aceita permuta.

www.alphaav.com.br

11 3255-9353 / 3255-2849

Alpha
Audio & Video

CABOS



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NJC_7L2JR2Y](https://www.youtube.com/watch?v=NJC_7L2JR2Y)

CABOS AUDIOMICA - INTERCONEXÃO, DIGITAL, CAIXA E FORÇA

Fernando Andrette



A Audiomica é um fabricante polonês de cabos com mais de uma década de existência. Como muitos fabricantes de cabos, tudo começou de forma artesanal, produzindo cabos para o seu próprio uso, depois para os amigos, que ouviram e gostaram da performance, depois para os amigos dos amigos, até a ideia se tornar uma realidade e ganhar o mundo. Nos últimos cinco anos, a Audiomica (graças a inúmeros testes muito positivos) passou a ser distribuída em toda a Europa, Ásia, América do Norte e agora no Brasil. Sua linha de cabos é bastante extensa, custando a partir de 300 euros, até seus cabos mais tops (linha Consequence), que estão na faixa de quatro mil euros. No site, os interessados conhecerão toda a filosofia da empresa, assim como uma descrição detalhada da construção dos cabos, tecnologia, patentes etc. Darei apenas uma pincelada nos pontos em que acho pertinente para dar a você leitor uma ideia de qual caminho a empresa trilhou, para chegar ao resultado desejado.

Como sempre digo, cada produto tem a assinatura sônica do seu projetista (ou grupo de projetistas envolvidos), e é muito importante saber o que o projetista tinha em mente para chegar ao seu objetivo final. Duas coisas me chamaram de cara a atenção: primeiro, o leque de parceiros que a Audiomica possui (tanto de fabricantes / fornecedores de matéria-prima e de grupos de testes - compostos atualmente por mais de 30 audiófilos espalhados pelo mundo). Concordo quando eles afirmam 'que teoria nem sempre anda de mãos dadas com a prática', e que de todos os protótipos por eles desenvolvidos, apenas 20% conseguem não sofrer nenhuma alteração até serem lançados no mercado. Do protótipo inicial até todas as mudanças finais, o produto pode levar meses para ser lançado. Outra questão levantada pela Audiomica (que assino embaixo) é que todos os cabos devem passar

pela maior quantidade possível de salas e sistemas antes de serem produzidos em série.

Os cabos Audiomica utilizam prata e cobre, ou só cobre nos cabos mais de entrada. Os cobses utilizados (em todas as linhas) são o OCC-N6 e N7. O processo OCC foi desenvolvido pelo professor Ohno Chiba em 1986, no Instituto de Tecnologia do Japão, e consiste em um menor número de cristais em cada condutor. No processo de cobre OCC, cada fio de cobre (com mais de 100 metros de comprimento) é puxado lentamente para fora do metal derretido. Descobriu-se que esse processo de puxar o fio mais lentamente eleva o grau de pureza do cobre e permite a obtenção de cristais únicos. O N6 e N7 representam o grau de pureza do cobre que equivale a 99,9997 e 99,99997%. Pelo custo, o N7 é utilizado apenas na linha Consequence; já as outras linhas utilizam o N6. Depois da preparação dos fios de cobre, os cabos da Audiomica recebem a prata através do processo de galvanoplastia, batizado de DCP (Duplo Processo de Revestimento). Esse processo de galvanoplastia cria uma liga de prata e cobre, e essa liga irá produzir dois fios que formam um fio condutor.

Outro processo descrito detalhadamente pela Audiomica em seu site é o processo de dielétricos e isolamento dos seus cabos. Como outros fabricantes de cabos concorrentes, a Audiomica usa o Teflon extrudado como isolante. O FEP foi inventado e patenteado pela empresa Dupon em 1960. Trata-se de um copolímero de etileno fluorado conhecido como TPFE (Teflon). Este polímero possui uma elevada rigidez e resistência e é perfeito para o isolamento de cabos e fios. Outro lugar onde a Audiomica utiliza o duplo processo de revestimento (DCP) e a tecnologia de aplicação de um revestimento galvanizado é nos plugues. Patenteada por esse fabricante, ele afirma que 90% dos plugues e tomadas existentes no mercado são notórios por seu revestimento

de má qualidade, sendo que se dá muito mais importância à espessura do material do que a área do revestimento que entra em contato elétrico. E, segundo o fabricante, isso não é nenhum 'capricho' audiófilo, e sim uma questão de física.

A tecnologia DCP é um revestimento homogêneo que vai de 2 a 20 microns (as normas europeias atuais são 3 microns), e a superfície galvanizada dos melhores plugues chineses vai de 1 a 2 microns (os melhores, pois a média em geral para baratear custos e ser competitivo no mercado não passa de 0,5 microns). Após o processo de galvanoplastia, a superfície é limpa, medida e enviada para o segundo banho. Ainda que esse processo seja trabalhoso e caro, a Audiomica garante que somente essa maneira faz a superfície adquirida ficar perfeita e passar por todos os testes de parâmetros elétricos e mecânicos, sendo incomparavelmente melhor do que nos processos convencionais de revestimentos galvanizados. Já o sistema CTB, segundo o fabricante, foi concebido para a linha de cabos mais avançada. No sistema CTB, as telas que dão o acabamento ao cabo são aplicadas com tranças multifios, trançadas ao contrário. E a espessura de cada fio da trança, ao seu número e forma de combinar as camadas, foi patenteado pelo fabricante. Segundo a Audiomica, o resultado é um campo magnético zero, ou muito próximo de zero.

Todas as soldas da Audiomica utilizam a Mica, por ter propriedades antivibração e pela sua consistência extremamente líquida, que preenche todas as microfendas que protegem a superfície da solda. Após seu endurecimento, ela mostra excelente resistência mecânica, térmica e química, sendo também à prova d'água. Outra interessante propriedade da Mica é que ela remove o calor emitido pela corrente, aumentando a vida útil da solda. E como se trata de um material eletricamente neutro, não afeta a qualidade do sinal transmitido. Os cabos da Audiomica não possuem direcionalidade, e o fabricante incentiva o consumidor a escutar e decidir qual a direção que lhe parece melhor no seu sistema. Ele apenas faz uma ressalva que, depois de amaciado (cerca de 100 a 300 horas, dependendo da linha), o ideal é que definida a direcionalidade, esta seja marcada para facilitar sua reinstalação. A Visom Digital, como já os havia amaciados, colocou uma seta indicando como deveria instalar.

Do set de cabos enviados, o que de longe mais me surpreendeu (principalmente quando ligado com o meu set de cabos de referência) foi o digital Flint Consequence. Suas qualidades sonoras são absurdas para a sua faixa de preço, ainda que comparado ao meu cabo digital, que custa muitas vezes mais. Seu silêncio de fundo e sua apresentação de microdinâmica é excepcional. Ouvindo o CD Concerto para Piano e Orquestra de Rachmaninoff com a pianista Martha Argerich e a Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim, com regência de Riccardo Chailly, gravado ao vivo, é notório como o Flint apresenta os crescendos do naipe de cordas no segundo e terceiro movimentos, e a

delicadeza nos pianíssimos da solista e da orquestra. O mesmo ocorreu no belo CD do bandolinista Hamilton de Holanda e do pianista André Mehmari, Gismonti Paschoal. Na faixa 4, Frevo de Egberto, a dinâmica é um componente importante para se entender a intencionalidade e a cumplicidade de como eles alternam o tema com os solos. É uma aula de virtuosidade sem excessos, de uma beleza e bom gosto comovente.

O Flint nos abre uma enorme janela, em que podemos apreciar tudo em detalhes. Quando escutamos o set completo, temos um ótimo equilíbrio tonal, com uma apresentação sempre muito correta de todos os timbres e instrumentos, e com uma característica que muito me agrada: condescendência com gravações tecnicamente sofríveis. Os cabos da Audiomica testados primam por não jogar luz adicional ou qualquer tipo de coloração nas baixas e médias frequências. São cabos que em um sistema correto, encantam imediatamente, por não quererem reinventar ou dar um toque especial. Gostei muito do equilíbrio entre transparência e musicalidade. Nesse aspecto eles são sem dúvida alguns cabos diferenciados. Você escuta absolutamente todos os detalhes, mas o grau de conforto auditivo e de naturalidade nunca é jogado para segundo plano. Como sempre escrevo, esse equilíbrio separa o cabo com qualidades do Estado da Arte!

Fiquei extremamente encantado com a sonoridade dos cabos Audiomica da linha Consequence. E mais ainda com seu alto grau de compatibilidade com os diversos sistemas utilizados. Um detalhe chamou muito minha atenção no cabo de caixa. Duas das caixas citadas nesse teste estavam no final do amaciamento (Tannoy e Gauder), e com qualquer outro cabo de caixa ligado a elas, o conforto auditivo ainda não era pleno. Com o Audiomica, parecia mágica! Tudo ficava mais confortável, como se as caixas já estivessem totalmente amaciadas! Acredito que a Audiomica, assim como na Europa e América do Norte, fará sucesso por aqui. Será importante a Vision trazer também alguns modelos das linhas intermediárias, para poder atender ao segmento mais de entrada (pois o dólar a esse preço é um nó difícil de desatar). Para aqueles que possuem um sistema Estado da Arte bem ajustado e que continuam 'brigando' para achar o ponto de equilíbrio entre conforto auditivo, transparência e musicalidade extrema, eu indico entusiasticamente uma audição da linha Consequence. E para os que estão buscando um cabo digital de inquestionável qualidade, indico uma audição criteriosa do Flint. É um cabo digital simplesmente desconcertante!

AVMAG #212

Visom Digital
(21) 3323.3300

Linha Reference
Callisto: R\$ 14.908

Linha Consequence
Flint: R\$ 11.440
Pearl: R\$ 22.793
Miamen: R\$ 29.846



DIAMANTE RECOMENDADO

ESTADO DA ARTE

CABOS



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WHH81C6XGSW](https://www.youtube.com/watch?v=WHH81C6XGSW)

CABO DE CAIXA VAN DEN HUL 3T THE CLOUD HYBRID

Fernando Andrette



Lembro-me detalhadamente, quando em uma apresentação no Hi-Fi Show de 2008, o Sr. Van den Hul nos disse em tom de confiança que estava utilizando seus 25 anos de expertise na construção de cabos para fazer algo revolucionário, que mudaria a trajetória de sua empresa. Conheço muito bem toda a linha de produtos desse fabricante, pois sou usuário a mais de duas décadas de seus produtos (tanto para uso pessoal, como profissional em nossos discos lançados pela Cavi Records) fiquei a imaginar o que ele estaria tramando. Em dezembro de 2010 veio a resposta as minhas indagações, com o lançamento da linha 3T, apresentada em agosto de 2010 na feira de AV de Hong Kong, com um sucesso avassalador. A linha 3T é um segredo de estado, com inúmeras especulações desde que foi colocada no mercado há cinco anos. E a van den Hul não demonstra o menor interesse em confirmar ou desmentir tudo que sai nas mídias a respeito da tecnologia 3T.

Batizada como Tecnologia de Transmissão, a linha 3T é uma linha que atende desde o amante de áudio e vídeo iniciante até o audiofilo com um sofisticado sistema hi-end, o músico e também o profissional de estúdio de gravação. O 3T The Cloud Hybrid de caixa é o cabo mais vendido atualmente, pela suas efetivas qualidades e custo / performance. Na hierarquia da linha 3T ele está somente abaixo do modelo top, o The Cumulus Hybrid.

O cabo híbrido 3T The Cloud é composto de quatro terminais, que podem ser usados nas aplicações estéreo (2-2), bi-wire (2-4) e / ou bi-amp (4-4). Cada terminal é revestido por uma densa camada LSC (Carbono Linearmente Estruturado) para melhorar a qualidade da transmissão, já bem elevada. O cabo isolado Hulliflex para caixas acústicas, na cor dourada, é constituído por fios 4AWG em 8 grupos de feixes 3T. Cada grupo é composto de 6x7 fios com diâmetro de 0,34 milímetros, formando juntos a bitola 8AWG. Um fino condutor central é adicionado para a conexão do terminal de aterramento entre a caixa acústica (filtro) e o amplificador. O diâmetro externo do Cloud Hybrid é de 15,4 milímetros.

O cabo enviado para teste é de 3 metros com a possibilidade de se utilizar bicablado. Outra característica pouco comum em outros cabos de caixa é que ele possui um aterramento que pode ser utilizado tanto do lado do power quanto das caixas. Ou pode-se também não usá-lo. Como todo cabo desse fabricante, o consumidor não necessitará mais que um par de dias para saber se o cabo atende suas expectativas ou não. Embalado em uma imponente mala de plástico rígido injetado, recomendo que o cabo, pelo stress mecânico de estar enrolado, seja submetido a pelo menos 48 horas de queima. Mas, depois de 12 horas instalado em nossa sala de testes, suas características auditivas não sofreram mais nenhuma alteração.

Existe uma qualidade sônica nos cabos da van den Hul que não mudam apesar das evoluções tecnológicas: sua naturalidade e musicalidade. Podem reclamar que seria interessante um pouco mais de extensão nos extremos, ou maior energia na região médio/grave (críticas mais comuns que escuto nesses vinte anos da revista), mas a qualidade dos timbres e o conforto auditivo são plenos. Eu não abro mão de gravar nossos discos com esses cabos e sempre me surpreendo com a qualidade final das captações e a riqueza de detalhes e fidelidade no timbre.

Entendo plenamente que não seja uma opção para qualquer tipo de sistema (independente do nível do equipamento), mas para sistemas bem equilibrados e sinérgicos, podem ser sim uma excelente opção. Como escrevi no teste do cabo CNT, só recentemente venho tendo mais contato com a linha 3T, e muitos testes serão publicados no futuro, principalmente com os cabos de interconexão que já estão entrando em teste. Mas dos que escutei até o momento o The Cloud foi o que de longe mais gostei!

Ele possui algumas virtudes que muito aprecio e recomendo: sua apresentação é sempre muito confortável tanto em termos de palco (planos, foco e recorte), como em termos de naturalidade. Não há esforço na reprodução de nenhum gênero musical. Ainda que estejamos falando de gravações limitadas tecnicamente. Os timbres são ricos, com um invólucro harmônico muito detalhado e preciso. Texturas são outro ponto fortíssimo do The Cloud 3T, tanto em termos de detalhamento como de intencionalidade.

Escutei em todas as caixas o LP *Friday Night In San Francisco* com os violonistas Al DiMeola, John McLaughlin e Paco de Lucia, e a qualidade da captação dos violões foi surpreendente, sem nenhum resquício de dureza ou brilho (tão comum em muitos sistemas). Outras grandes surpresas ocorreram nas audições do LP *Heavy Weather* da banda Weather Report, na faixa *Birdland*, em que era nítida a qualidade e naturalidade do solo do saxofone, assim como a precisão do trabalho do baterista nos pratos e chimbal. Essa é outra gravação que entrega rapidamente erros no equilíbrio tonal do sistema.

Mas outras duas surpresas ainda mais contundentes foram a reprodução da faixa 1 do disco *Waltz for Debby* do trio do pianista Bill Evans. O trabalho de vassoura na caixa do baterista Paul Motian é uma verdadeira aula de precisão, ritmo e bom gosto. A variação microdinâmica e de textura continuam sendo um dos meus exemplos favoritos. No The Cloud, a intencionalidade do Paul Motian de hora diminuir no tempo fraco, para depois acelerar para marcar o andamento para o solo do baixista Scott LaFaro fica tão evidente que emocional!

E, por último, uma pedra: O LP *The Lamb Lies Down On Broadway* do grupo de rock progressivo Genesis. Sempre me frustrou a qualidade de captação desse álbum duplo. Possuo atualmente a prensagem japonesa de 180 gramas e ainda assim fica

nítido que o engenheiro de gravação errou a mão. Na faixa do lado 2, *The Carpet Crawlers*, a inteligibilidade das guitarras e do piano elétrico estão bem comprometidas (principalmente a guitarra no canal esquerdo). A sensação é que na mixagem ela ficou muito recuada, e acompanha-la exige que você abra mão de ouvir o todo.

O The Cloud parece que retira uma névoa que tem na frente e com um foco e recorte tão cirúrgico, permite acompanhar tudo com muito menor esforço. Fiz essa longa exposição para mostrar a todos aqueles que desejam essas qualidades no seu sistema, podem deixar de procurar, pois essas são as maiores virtudes desse cabo de caixa.

Agora se você não abre mão de ouvir o tamanho da ambiência da sala de gravação, o engolir da saliva do músico, todos os barulhos das chaves dos instrumentos de sopro e até o roçar do smoking do maestro na condução da orquestra, esqueça o The Cloud! Ele prima por lhe colocar frente a frente com a música com excelente conforto auditivo, porém sem esse alto grau de transparência. Por isso que os cabos van den Hul têm legiões de admiradores em todos os continentes e também de desafetos que não deixam de dar suas cutucadas e botar o dedo na ferida, no que julgam primordial para a alta fidelidade e que não são as maiores qualidades desses cabos holandeses.

Mas qualquer produto hi-end possui qualidades e defeitos aos olhos e ouvidos de quem aprecia esse hobby! Felizmente o The Cloud pode muito bem ser o cabo de caixa definitivo de todos que desejam apenas acrescentar a um sistema bem equilibrado mais naturalidade e conforto auditivo. Ele não é o cabo mais rápido na sua faixa de preço, nem tão pouco o mais visceral. Mas ele faz tudo com tanta competência, que no computo final o que ele lhe dá é a possibilidade de curtir com enorme prazer toda sua coleção de discos integralmente. E a um custo que com o dólar a quatro reais é uma verdadeira barganha!

Ter uma performance nesse nível para sistemas Diamante Referência com um pé solidamente fincado na categoria Estado da Arte por menos de 20 mil reais é um achado!

AVMAG #213
Rivergate
(11) 98108.1881
R\$ 17.988

NOTA: 82,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

CABOS

CABO SAX SOUL ZAFIRA II

Fernando Andrette



No fim do ano passado, recebo um telefonema do Claudio Lameira da AC Organizer, perguntando se haveria interesse em escutar os cabos de um amigo, que gostaria de saber nossa opinião em relação aos seus produtos. Como sempre fizemos nesses anos todos, nos colocamos inteiramente à disposição, não só para ouvi-los, como também para testá-los, caso os produtos já estivessem prontos para serem comercializados. Passados alguns dias, recebemos na editora uma caixa com um cabo de força, um de interconexão XLR e um RCA, ambos de 1 m. Ao fazer uma avaliação visual dos produtos, chamou-me a atenção que todos os cabos contavam com um número de patente requerida. A construção deles é bem feita, e os terminais são de excelente qualidade (WBT, Furutech etc.). O peso é bem considerável, lembrando-me de imediato os cabos da Purist Audio, tanto em termos de peso, diâmetro e construção. Como os cabos foram enviados amaciados, nosso trabalho foi apenas de colocá-los em nosso sistema e escutá-los; ao contrário de equipamentos, não costumo criar expectativas em relação a cabos e qualquer tipo de acessório, pois bem sei que nesses casos, questões de compatibilidade, sinergia e gosto pessoal contam muito.

Interessante que o Zafira II (permita-me abreviar seu nome, amigo leitor) já poderia ter sido apresentado antes, mas como suas qualidades nos impressionaram tanto desde a primeira audição, solicitei ao Jorge Tobias, o audiófilo que desenvolveu o cabo, que ele nos enviasse mais um par de interconexão com 1,5 m para ligarmos entre o nosso pré e os monoblocos da Air Tight, além de mais dois cabos de força com 2 m, para serem ligados também nos monoblocos. Nossa intenção foi a de observar como ficaria a assinatura do sistema de referência ligado a um setup de cabos Zafira II. Isso eu contarei mais tarde, agora gostaria de apresentar as poucas informações obtidas com o projetista do cabo, que me explicou que como foi requerido recentemente a patente, ele não gostaria de dar muitas pistas, mas não se furtou a nos explicar que seu cabo utiliza ouro, prata e cobre, e que o ouro e a prata utilizam um único fio sólido e somente o cobre é multifilar. Segundo o Jorge Tobias, seu grande diferencial em relação aos concorrentes está justamente no diâmetro do fio sólido de ouro, no de prata e na geometria e na forma de isolar cada condutor. Outra informação interessante está no processo de polimento de cada fio,

feito ainda de forma integralmente artesanal. O processo de construção de um único cabo Zafira II leva de uma semana a quinze dias.

O Zafira II passou em todos os testes e nos deu a certeza de haver-mos sido apresentados aos melhores cabos hi-end já feitos no Brasil! Voltando um pouco no tempo, na primeira audição feita para as anotações preliminares percebemos que os cabos possuíam uma assinatura sônica exemplar, com excelente extensão nos dois extremos, uma naturalidade cativante e um silêncio entre os instrumentos digno dos melhores cabos Estado da Arte! Vozes e instrumentos solos se destacam pelo seu silêncio à sua volta de forma tridimensional. O mesmo ocorre com a localização dos instrumentos e seus respectivos planos no imaginário palco sonoro. Interessante é perceber como o Zafira II constrói a imagem sonora, mesmo em gravação feitas em multicanal, em que o engenheiro não se preocupa em distribuir de forma coerente os instrumentos. Ainda que os instrumentos soem amontoados, o Zafira II estabelece um 'sutil' espaço entre eles, causando um conforto auditivo extraordinário. Suas texturas estão entre as melhores que já escutamos e ombréia tranquilamente com nossas referências, que custam até dez vezes mais! Outra grande característica é o grau de compatibilidade do Zafira II com dezenas de equipamentos por nós testados nos últimos seis meses. É preciso ressaltar que o cabo de força Zafira II possui as mesmas características e assinatura sônica do cabo de interconexão. Os atributos são os mesmos e com um altíssimo grau de compatibilidade.

O Zafira II possui justamente as qualidades que mais busco e aprecio em uma reprodução analógica: não inventar e nem tampouco turbinar nada! Uma fonte analógica de alto nível necessita apenas de fidelidade, pois a folga e a naturalidade que possui de 'berço' não precisa ser turbinada. E o que o Zafira II 'realça' é apenas as qualidades inerentes ao bom e velho bolachão. Quando o Jorge finalmente enviou-me o cabo para o braço SME V, eu me tranquei na sala de audição por três dias e saí de lá certo de que havia feito o upgrade mais significativo em minha fonte analógica de todos os tempos! O som ficou muito mais relaxado, porém com uns graus de precisão e energia inexistentes com qualquer outro set de cabos que tenha utilizado nos últimos cinco anos! O resultado foi muito acima das minhas melhores expectativas!

Se você já possui um sistema sinérgico, uma sala acusticamente tratada e uma elétrica condizente com o investimento feito, mas não tem coragem ou não deseja gastar uma fortuna em cabos de interconexão e força, ouça o Zafira II. Ele pode fazê-lo integralmente feliz, ao levar o seu sistema a outro patamar.

AVMAG #210

Sax Soul Cables
(11) 3227.1929 / 98593.1236
RCA com 1 m: R\$ 5.200
XLR com 1 m: R\$ 5.550
Power com 1,5 m: R\$ 5.700
Caixa com 2 m: R\$ 7.300

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

CABO VAN DEN HUL CNT (CARBON NANO TUBE)

Fernando Andrette



O novo distribuidor oficial no Brasil, a Rivergate, ao nos enviar o cabo CNT, nos avisou que este provavelmente seria o primeiro teste mundial do produto, fato confirmado somente no fechamento desse teste (26 de junho). Todo fabricante, ao desenvolver uma nova tecnologia ou dar um salto qualitativo em termos de performance tenta esconder os detalhes, na esperança de não dar 'munição' ou pistas para a concorrência. E sabemos que o mercado de cabos é um segmento que movimenta milhões de dólares anualmente, e estar na linha de frente e ser reconhecido por seus avanços tecnológicos lhe dará resultados financeiros consistentes. Portanto, amigo leitor, não pense que possuo informações privilegiadas por sermos os primeiros, pois não possuo. As informações fornecidas pelo fabricante e pelo próprio Sr. van den Hul nos dão uma 'pálida' ideia da evolução alcançada com a utilização da nanotecnologia para o desenvolvimento desse novo cabo de carbono, mas a revolução na forma de transmissão de sinal é tão impressionante, que todo o esforço em tentar compartilhar com vocês é inteiramente válido!

Se pegarmos os primeiros cabos de carbono lançados em 1987 pela van den Hul, eles eram produzidos com 12.000 x 5 microns de diâmetro, com uma impedância de 28 Ohms / metro. O CNT tem apenas 19 fios de 15 microns, que são montados em paralelo e possuem uma impedância de 65 Ohms / metro, ou uma melhoria de impedância em relação aos cabos de carbono anteriores com um fator de 272! Graças à nanotecnologia, o cabo CNT é ininterrupto em até 500 metros, sendo a van den Hul a primeira empresa do mundo a conseguir a façanha de produzir o Carbon Nano Tube de forma comercial e disponibilizar esse revolucionário condutor de sinal para o mercado de áudio. As possibilidades do Carbon Nano Tube são tão grandes que ele começa a ser estudado para a utilização em cirurgias ortopédicas e na área espacial. O CNT vem em uma singela maleta de alumínio com um certificado de data de fabricação, número de série e plugs de Rhodium (RCA e XLR). Sua capa é preta, e o cabo, assim como o First, é extremamente leve e maleável.

Recebemos para teste dois cabos CNT: um de 1 metro e outro de 1,5 metro, ambos com terminação RCA. Segundo o fabricante, com apenas cinco a sete horas de uso ele já estará totalmente amaciado e pronto para mostrar todo o seu potencial. Para o teste, achamos que o mais interessante seria utilizar um entre o pré de phono e o pré de linha e o outro entre o DAC e o pré de linha. Assim, poderíamos em duas fontes distintas observar como o cabo se comporta sonicamente.

Com apenas 20 minutos de audição, o CNT parece já estar no ápice de sua performance! Som absolutamente rico em harmônicos, corpo, velocidade estonteante, extensão (como jamais escutei em nenhum outro cabo desse fabricante) e uma apresentação de texturas e organicidade desconcertantes. O som é absolutamente 'palpável', preciso e de um realismo que nos faz por inúmeros momentos duvidar que o que escutamos é reprodução eletrônica, e não o acontecimento ao vivo! Mas a maior surpresa e a mais impactante, você só ouvirá após a queima solicitada pelo fabricante - sua energia! Meu amigo, é um deslocamento de ar, uma grandiosidade na forma e na precisão que se você tinha alguma dúvida do seu potencial, ela se desvanece em questão de segundos. A música ganha ritmo, precisão e uma folga dinâmica, que nos faz sorrir e balançar a cabeça, de que finalmente a reprodução eletrônica alcançou um novo patamar! É sem sombra de dúvida a melhor reprodução de transientes que já escutei em toda a minha vida!

Mas, sua beleza não pode ser descrita de forma pontual, seria uma grande injustiça com o cabo CNT. Pois para qualquer quesito que você o avalie, o acréscimo de informação, precisão e beleza que ele fornece ao acontecimento musical beira a magia ou a bruxaria! Gravações confusas ou com problemas de captação ou mixagem ganham organização. Brilhos em excesso são amaciados, sem perda de extensão e arejamento ou alteração do timbre! Graves imprecisos ou pobres ganham recorte e energia suficiente para nos chamar a atenção. E, principalmente, torna a música que amamos (ainda que tecnicamente tenha problemas) apreciável, e nos conduz, mesmo em temas complexos, com tamanha delicadeza e conforto auditivo que nos seduz integralmente! Obras que não escutava há muitos anos, pois havia perdido o interesse em apreciá-las, ouvi às dezenas, só para saber como o cabo CNT 'organiza' e nos apresenta o tema. Como já escrevi, as sensações que ele nos transmite beira a magia!

O cabo CNT da van den Hul fará história no mercado audiófilo, e será uma enorme dor de cabeça para seus concorrentes. Se você possui um sistema Estado da Arte e acredita que ele está 100% ajustado, escute o CNT. Garanto que descobrirá em questão de horas que o seu sistema estava sendo subutilizado!

AVMAG #211
Rivergate
(11) 98108.1881
R\$ 33.525 (1 metro - RCA)

NOTA: 100,0

**ESTADO DA ARTE**

CABOS



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=B6GDRY2HNBM](https://www.youtube.com/watch?v=B6GDRY2HNBM)

CABO XLR TRANSPARENT AUDIO OPUS GERAÇÃO 5

Fernando Andrette

Aprecio consideravelmente a maneira como a Transparent Audio apresenta seus avanços tecnológicos e os coloca à disposição de seus fieis consumidores. Nada de alarde, ou rupturas com as séries que estão sendo substituídas. Querem um exemplo? Sou possuidor de um Opus XLR MM2 há mais de quatro anos, sendo este uma das minhas referências absolutas em cabos de interconexão que possuo.

Com o lançamento da nova Geração 5, o mais óbvio é que o cabo tivesse que ser substituído pelo novo modelo, certo? Provavelmente essa seja a maneira mais comum de um audiófilo realizar um upgrade de cabos: ele anuncia, com uma desvalorização de 40 a 60%, e espera que o mercado tenha um razoável grau de demanda para aquele cabo que saiu de linha. Na Transparent Audio o consumidor pode dar seu cabo usado como parte de pagamento na troca para a nova série ou, no caso específico do Opus MM2, pode fazer o upgrade no próprio cabo!

Segundo a Transparent a nova serie G5 foi um salto significativo em termos de performance e foi muito além da expectativa dos próprio fabricante! Em termos de desempenho o fabricante afirma que as principais diferenças audíveis estão em um silêncio de fundo ainda mais consistente, extensão mais limpa e natural nos dois extremos, graves com muito mais energia, recorte e precisão, maior sensação de espaço musical entre os instrumentos e na apresentação dos planos, e uma precisão tonal e harmônica muito mais rica e natural.

Para se chegar a esse conjunto de avanços foi necessários rever por completo a tecnologia utilizada na serie MM2. Com mudanças de geometria dos cabos e mudanças importantes no network. O Opus G5 chegou quando estava acabando o teste da Boenicke W5, e lembro que foi um tremendo susto o momento em que tirei o Reference XL e coloquei o Opus G5, zerado! Estava escutando uma Big Band, tocando Pastorius e, sem alteração de volume, os graves pareciam ter sido turbinados!

O grau de inteligibilidade torna-se 'explicito' ou, como disse um amigo meu, 'escancarado'. Mas tudo com um grau de 'finesse' folga e beleza espetacular, ainda que em passagens com enorme variação dinâmica e de muita complexidade.

O novo Opus G5, tem aquele grau de autoridade, sem ficar se expondo quando não é preciso. Tudo se apresenta com enorme precisão e energia, porém sem nenhum vestígio de agressão ou endurecimento. Ouvir naipes de metais em fortíssimos ou corais com centenas de vozes é uma das experiências mais impactantes que se pode ter com esse cabo.

Acostumado a controlar o volume com mão de ferro, me diverti em fazer o oposto: aumentar o volume até ver o limite da gravação e não do sistema! O novo Opus G5 vai na mesma direção do CNT da van den Hul: são cabos com uma energia descomunal! A sensação é que ou você está mais próximo dos músicos ou eles estão tocando com muito mais tesão! Será que essa é uma tendência que será seguida



por todos os grandes fabricantes de cabos? Aliar uma enorme folga, ampliando o prazer auditivo, com uma capacidade nos fortíssimos de nos presentear com um realismo mais próximo da apresentação ao vivo?

Outra virtude do Opus G5 é a grandiosidade do palco, para os amantes será inglório escutar e não poder ter isso em sua sala! O som (em qualquer caixa) sai bem mais de um metro para fora das caixas, algo que jamais extraí de nenhum outro cabo, seja de caixa ou interconexão (fico aqui coçando a cabeça imaginando o que o novo Reference XL G5 de caixa poderia fazer no meu sistema). Com uma macrodinâmica tão espantosa, é natural que a apresentação de transientes também seja um acontecimento! E, creia, é. Apresentações de excelentes gravações de piano solo são dignos de uma apresentação muito próximo do ao vivo! Isso dito não por mim, mas por amigos pianistas que em casa estiveram: você percebe o tamanho exato do piano!

O novo Opus G5 extrapolou todas as minhas expectativas de performance! Seus atributos são todos audíveis e capazes de nos fazer realizar inúmeros cálculos para ter essa maravilha trabalhando em prol do nosso sistema. Suas qualidades são tão impactantes que retirá-lo do sistema pode ser um baque, capaz de nos fazer desistir de ouvir música por algumas semanas. Felizmente ele entrou no sistema, quando também já estava instalado outro cabo superlativo, o CNT, o que ajudou a entender o tamanho desse upgrade.

Se você já possui um Reference XL MM2 ou um Opus MM2, não tenha duvida vale a pena o upgrade. E você que há anos namora os cabos tops da Transparent Audio, possui um sistema Estado da Arte e deseja um cabeamento a altura da eletrônica, escute essa nova série G5, pois eles realmente entregam tudo que prometem!

AVMAG #214
 Ferrari Technologies
 (11) 5102.2902
 US\$ 33.000 metro / par

NOTA: 105,0



ESTADO DA ARTE

TOMADAS



GTX-S (R): R\$ 473,00



FPX-Cobre:
R\$ 179,00
FPX-Gold:
R\$ 237,00
FPX-Rhodium:
R\$ 315,00

POWER FILTER



Flow 15 filter:
R\$ 599,00
Flow 28 filter:
R\$ 1.080,00

CONECTORES - POWER



FI-11-N1 / FI-11M-N1
(Gold):
R\$ 168,00 (cada)
FI-11-N1 / FI-11M-N1
(Rhodium):
R\$ 225,00 (cada)
FI-28-N1 / FI-28M-N1
(Rhodium):
R\$ 351,00 (cada)

POWER DISTRIBUTOR



e-TP60/20:
R\$ 2.370,00



f-TP615:
R\$ 2.500,00

FUSÍVEIS



Slow Blow, Rhodium
20 mm e 30 mm:
R\$ 150,00 (cada)

CABOS - FORÇA



G-320-Ag18A:
R\$ 399,00
G-320-Ag18F8:
R\$ 399,00
G-314Ag-18:
R\$ 590,00
G-20A-18:
(cabo com conector
de 20 ampéres)
R\$ 1299,00

GT2 USB - mB



0,60 m - R\$ 199,00
1,80 m - R\$ 279,00
3,60 m - R\$ 387,00
5,00 m - R\$ 497,00

CABOS - SPEAKER



Evolution II (2m):
R\$ 1.399,00
Reference III (2m):
(semi-novo)
R\$ 2.970,00

ortofon



Speaker Cable
SPK-X7 (premium)
R\$ 1.970,00 (2 m)



Tonearm Cable
6NX-TSW-1010 - RCA
R\$ 397,00 (1,2 m)



Cápsula SPU
Synergy GM
R\$ 5.800,00



Cápsula MC Cadenza
(mono) - R\$ 499,00

ACESSÓRIO ELÉTRICO

AC DEEP BLACK E AC DEEP GRAY DA MAGIS ÁUDIO

Fernando Andrette



A Magis Áudio tem apresentado ao mercado uma enorme variedade de produtos voltados a atender a uma crescente demanda por acessórios antivibração e filtros para a melhoria da rede elétrica. O problema é que esse tipo de acessório necessita ser experimentado antes da compra, e isso determina uma estratégia de venda ponto a ponto. Cientes desse obstáculo, os sócios da Magis Áudio têm se desdobrado, buscando atender a todos aqueles que se interessam por esse tipo de acessório. E a aceitação (segundo os sócios) tem sido surpreendente! Como já escrevi por mais de uma vez, estou com todos os produtos da Magis Áudio já lançados, há mais de seis meses, e os tenho utilizado em diversas ocasiões e sistemas. Seguindo a dinâmica natural do mercado hi-end, muitos audiófilos atualmente defendem que o uso de condicionadores de energia e regeneradores perdeu espaço, pois com o uso de tratamento elétrico dedicado e bons cabos de força, os benefícios de condicionadores e regeneradores se tornaram questionáveis. No meu modo de entender, fico com a posição de nem tanto ao mar e nem tanto a terra, pois em algumas situações o uso de condicionadores e regeneradores hi-end ainda é uma solução e um upgrade muito consistente.

Minha experiência confirma que não devemos jamais afirmar que tal procedimento servirá a todas as situações. E buscar entender o problema é antes de tudo prudente e inteligente. Mas é fato que inúmeros audiófilos (aqui e lá fora) estão abrindo mão do uso de condicionadores e buscando aprimorar a elétrica dedicada ao sistema.

Objetivando atender a esse público, a Magis Áudio desenvolveu dois interessantes filtros para a limpeza de AC, porém distintos dos condicionadores e regeneradores, já que os equipamentos não são plugados aos mesmos. O AC Deep Black é um filtro de energia elétrica para ser utilizado na entrada da rede dedicada do sistema, e deve ser ligado em paralelo com a seccionadora. Pode ser usado em qualquer voltagem ou número de fases, e é fornecido sob demanda, conforme as características de cada rede dedicada. Trata-se de um circuito ativo que trabalha em paralelo com a rede AC, e atua principalmente nas harmônicas superiores, que comprovadamente provocam distúrbios na rede elétrica e comprometem a performance do sistema e a vida útil de alguns equipamentos. O que o Deep Black promete? Essa é obviamente a pergunta que imagino que todos os leitores que leram até aqui esse teste estão se perguntando! Segundo o fabricante, ele melhora o desempenho enriquecendo detalhes, recortes e texturas. Melhora também a apresentação do palco sonoro imaginário, atuando na melhora da sensação de ambiência e materialização do acontecimento musical (organicidade).

O Deep Black é fabricado a partir de alumínio maciço em máquinas CNC, para perfeita precisão de fabricação, montagem e acabamento. Possui estrutura massiva de alta performance na neutralização de vibrações espúrias e um alto damping mecânico. Todos os circuitos elétricos são montados e selados na estrutura, utilizando resina de altíssimo dielétrico, que associados à performance estrutural conferem

um alto desempenho na isolamento mecânica e elétrica. Já o Deep Gray é um filtro inovador, desenvolvido para ser utilizado na entrada da linha AC, eliminando distúrbios da rede elétrica, como EMI e RFI. Sua performance (segundo o fabricante) resultará em um melhor silêncio de fundo, melhores texturas, arejamento, microdinâmica e macrodinâmica, sem provocar colorações indesejadas. Sua instalação deve ser feita em série na linha AC, depois da seccionadora. Avaliar este tipo de acessório é uma das tarefas mais inglórias para qualquer articulista, pois é preciso cercar-se de todos os cuidados possíveis e estar disposto a fazer e refazer suas avaliações centenas de vezes por um longo período de tempo! O risco de chegar a conclusões 'enganosas', se o teste for feito em um curto espaço de tempo, é muito grande! Outro detalhe importante é criar as condições ideais para um teste A x B, em que todas as condições sejam rigorosamente consistentes. Caso contrário, não haverá conclusões que se mantenham a 'luz dos fatos'. Em relação ao Deep Black, esses cuidados são mais simples, afinal você pode plugá-lo e desplugá-lo da régua ou tomada em que o sistema está ligado (pois ele trabalha em paralelo à rede). Mas no caso do Deep Gray isso não é possível, pois ele estará ligado em série à rede. Assim, para o teste do Deep Gray tivemos que recorrer a uma rede em que ele não estivesse ligado, mas com as mesmas qualidades da rede em que foi instalado. Isso demandou tempo, além do ajuste de toda a rede da sala para o teste. Da instalação e adaptação da rede até a publicação desse teste, foram cinco meses. Dezenas de equipamentos foram utilizados para nossas observações finais, e isso foi fundamental para entendermos a magnitude do acessório e seu grau de compatibilidade com diversos equipamentos de categorias tão distintas. E no final do teste, o Deep Black, pela sua facilidade de instalação, também foi utilizado na sala de home e no quarto do meu filho.

O Deep Black tem sua performance exponencialmente elevada quando trabalha em conjunto com o Deep Gray. Na verdade, diria que ele é um acessório complementar ao Deep Gray, pois ambos se favorecem dessa simbiose. Não que ambos não possam trabalhar separadamente, mas em conjunto a soma das qualidades se apresenta de forma mais evidente. Outro fato que chamou muito nossa atenção é que em redes elétricas não dedicadas (como no caso do quarto do meu filho) o Deep Black se mostrou mais importante. Com ele, o sistema ganhou maior recorte nas baixas frequências e uma audível melhora na extensão dos agudos (como se esses tivessem sido limpos e estendidos). Outra característica evidente é que a performance de todos os equipamentos eletrônicos mais simples teve um ganho com a utilização do Deep Black, tanto os integrados da Rega - o Elicit R e o Onix com um melhor silêncio de fundo, maior recorte e uma apresentação de texturas mais refinada e presente. Já trabalhando sozinho no sistema de referência da CAVI, ele não se mostrou tão importante ou evidente. Apenas gravações mais frontais e com grande compressão,

e tivemos a sensação de um leve descongestionamento e uma melhora de foco e recorte, mas algo restrito a gravações tecnicamente limitadas.

Já em relação ao Deep Gray, sua performance foi impactante, desde a sua colocação na tomada que alimenta a régua em que todo o sistema de referência da CAVI está ligado. E para termos absoluta certeza do que estávamos ouvindo, criamos uma metodologia de revezamento das tomadas, para que os horários fossem os mais variáveis possíveis. Exemplo: se ligávamos a régua na tomada em que o Deep Gray estava ligado em série, no outro dia no mesmo horário ouvíamos o sistema e as mesmas músicas na outra tomada sem o Deep Gray. Assim, podíamos confrontar se o que estávamos a escutar era pela qualidade da limpeza da rede naquele período ou se era mesmo efeito do uso do Deep Gray. Felizmente moro em uma distância considerável da cidade de São Roque e de Vargem Grande, e estou no meio da zona rural de São Roque, o que já nos coloca em uma situação confortável em relação a centros comerciais, industriais etc. O Deep Gray possui qualidades indispensáveis a todos que buscam uma performance plena de seus sistemas. Suas maiores qualidades são sem dúvida a melhora do silêncio de fundo e sua não compressão da macrodinâmica. Esse, aliás, é seu ponto mais forte em relação a qualquer condicionador de energia ou regenerador. Ele não comprime a macrodinâmica e nem tampouco diminui o corpo harmônico dos instrumentos.

Ambos os acessórios foram instalados em nossa sala de testes, e aqui ficarão. Suas qualidades quando trabalhando em conjunto se multiplicam e nos presenteiam com uma performance mais orgânica, com focos e recortes mais corretos, texturas mais palpáveis e refinadas e uma ambiência muito mais fidedigna da sala de gravação (se corretamente captada). E no nosso sistema de referência trouxe um 'dedinho' a mais de energia e deslocamento de ar, que se tornou viciante! Se você deseja essas qualidades no seu sistema, ouça esses dois filtros. Eles podem ser aquele upgrade que você tanto deseja e para o ajuste fino do seu sistema. ■

AVMAG #212
Magis Áudio
(11) 98105.8930
Preço: sob consulta



ESTADO DA ARTE

DIFUSOR

DIFUSORES ORION ACOUSTIC

Fernando Andrette



Finalmente depois de tantos anos escrevendo aqui nas páginas da Áudio e Vídeo à respeito da importância do tratamento acústico e elétrico, para poder extrair todo o potencial de um sistema hi-end, parece que a ficha caiu pra a esmagadora maioria dos nossos leitores. E como se mede essa mudança de comportamento? Pela procura e oferta de produtos acústicos atualmente existentes em nosso mercado. As opções são tantas e os custos tão em conta, que só não fará o tratamento acústico, o consumidor que definitivamente não se interessa pelo assunto ou que aceita que o seu sistema de áudio e vídeo não renda todo o seu potencial!

A Orion Acoustic é uma empresa, que nasceu em 2014 através de três amigos audiófilos de longa data. Depois de muito penarem atrás de soluções acústicas baratas para suas salas de audição e perceberem que naquele momento elas não existiam, decidiram comprar maquinário e criar produtos acústicos modulares de baixo custo com performance e eficiência comprovada. Seus primeiros produtos já comercializados são os difusores PRD e QRD, que possuem células de diferentes profundidades. Cada uma delas reflete o som em ângulos diferentes. Essa energia da onda sonora recebida pelo difusor é então dissipada no ambiente de forma difusa. São difusores para serem instalados na parede traseira atrás das caixas, e nos primeiros pontos de reflexão (paredes laterais as caixas e teto).

Cada um dos difusores produzidos pela Orion Acoustic tem uma função. O QRD (Quadratic Residue Diffuser - Difusor Quadrático Residual), é utilizado para difundir o som em uma direção horizontal (modelo QRD 1D) ou em duas direções - horizontal e vertical, de forma hemisférica (QRD 2). E O PRD (Primitive Root Difusor - Difusor por Raiz Primitiva), possui um desempenho parecido, mas tem resultados distintos do QRD em distâncias menores.

Para esse teste a Orion nos enviou quatro difusores QRD 2D (bi direcional) modelo QRD 169, o modelo top de linha do fabricante. Quando já estava fechando o teste a Orion me apresentou seus novos

produtos, os absorvedores Bass Trap e os dispositivos híbridos (que trabalham como difusor e absorvedor de baixa frequência). E toda essa linha de produtos acústicos com preços muito condizentes com a nossa realidade de mercado (200,00 a 600,00 reais). O 2D QRD 169 custa R\$ 600,00 e suas dimensões são 61,2 x 61,2 x 15,9 cm de profundidade e seu peso: 11.2 Kg. Seu peso perto dos difusores que conheço e utilizei é um grande diferencial.

O 2D QRD 169 é fácil de transportar e você pode tranquilamente fazer experiências antes de fixá-lo definitivamente sem a ajuda de ninguém! Os difusores tipo QRD são excelentes desde que esteja pelo menos a 1,20 metro de distância das primeiras reflexões. Em uma menor distância eles podem alterar o equilíbrio tonal da região médio / alta (claro que essa alteração dependerá da qualidade do material utilizado no difusor). O 2D QRD169, a madeira está na sua cor natural, e cada célula (minha filha chama de colmeia) possui uma área menor do que os difusores tipo QRD que conheço. Essa sacada possibilitou que o 2D QRD 169, fique até 1,20 m das primeiras reflexões, atrás das caixas, sem alteração no equilíbrio tonal! Daí ganhou muitos pontos em nosso teste!

Para aqueles que não compreendem a importância do uso de difusores atrás das caixas, uma dica: selecione duas boas gravações, uma com poucos músicos (no máximo cinco) e uma com muitos músicos (se possível uma Big Band ou orquestra sinfônica). Escolha a faixa e escute com e sem os difusores entre as caixas, apoiadas na parede atrás das caixas. Você irá se surpreender como os músicos ficam mais bem definidos no imaginável palco sonoro, como eles recuam para trás das caixas e como a apresentação ganha em altura (principalmente se tiver um cantor ou cantora) e principalmente a facilidade de ouvir os planos de uma grande orquestra com as cordas à frente, madeiras ao centro, metais e percussão ao fundo.

Muitos podem nem se dar conta no primeiro instante, mas os difusores corretamente colocados na sala de audição melhoram significativamente a inteligibilidade e diminuem consideravelmente a fadiga auditiva (claro desde que o sistema seja de bom nível).

Em uma sala de audição dedicada o uso de difusores é obrigatório! Seus benefícios são imediatos. A partir de um bom sistema hi-fi (categoria ouro em nossa metodologia) ele pode representar o upgrade mais seguro e barato a se fazer. Os audiófilos brasileiros reclamavam que o alto custo de cada peça tornava inviável em curto prazo investir no tratamento acústico definitivo de suas salas. A Orion Acoustic está aí para derrubar definitivamente esse argumento!

AVMAG #214
Orion Acoustics
(11) 2857.0849
R\$ 600



DIAMANTE REFERÊNCIA

ELEVADOR DE CABOS MAGIC LIFT

Fernando Andrette

No caso específico de elevadores de cabos de caixa, testei e ouvi quase uma dezena de opções em todos esses anos da *Áudio Vídeo Magazine*, e confesso que nenhum realmente me convenceu de sua utilidade (pelo menos não em meus sistemas), ainda que reconheça que audivelmente existam diferenças. O Magic Lift utiliza a mesma filosofia tecnológica e de construção do Magic Block, utilizado em equipamentos eletrônicos e caixas acústicas (e que tanto sucesso fez no Hi-End Show). Ambos são fabricados com uma liga especial de polímeros de alto desempenho, não ferrosos e de carbono, em granulométricas específicas, que misturados e prensados em alta temperatura resultam em um material que absorve vibrações de RFI. Utilizando do mesmo conceito do efeito esponja, o elevador de cabos da Magis Áudio escoa as vibrações espúrias dos cabos, transmitindo-as ao piso. Sabemos que os cabos que ficam em contato direto com o chão recebem todas as vibrações de baixas frequências, e isso pode ser um problema 'audível'.

Nesses anos todos, testei elevadores de cabos fabricados com diversos materiais, como: cerâmica (lembra aqueles parecidos com pés de geladeira), madeira com estrutura de elásticos para o apoio dos cabos, espumas de polietano (que mais pareciam um isopor mais denso) e até de pedra! O que detectei em todos esses produtos é que sua eficácia dependia de inúmeros fatores, como o peso, a geometria e a construção do cabo, o tipo de piso da sala de audição e até mesmo da qualidade dos graves das caixas e do sistema. E também que a esmagadora maioria desses elevadores na verdade tinha uma grande tendência em secar os graves, deixando na dúvida se funcionavam justamente por secar os graves (eliminando grande parte da energia das baixas frequências reproduzidas pelas caixas), além de um efeito colateral muito comum: o de alterar o equilíbrio tonal do sistema com o seu uso. Agora, em salas com deficiência acústica nas baixas frequências, o uso de qualquer um desses elevadores poderia ser a única solução viável. Nessas situações, é óbvio que o uso desse acessório será comemorado como 'um gol de placa'. Por isso somos tão cuidadosos ao testar esse tipo de acessório, pois devemos avaliar todas as possibilidades que estão à nossa disposição antes de publicar o resultado. E isso demanda tempo, paciência e uma enorme dedicação em anotar todos os resultados, elevando o tempo de testes para mais de seis meses!

A primeira qualidade que chamou nossa atenção no Magic Lift é que, ao contrário dos seus concorrentes, ele não seca os graves! As únicas alterações audíveis que percebemos é que com determinados cabos (os de menor peso e geometria) o corpo harmônico dos médio-graves ficou ligeiramente menor. Mas nada como alguns dos elevadores por

nós testados que secavam os harmônicos. E na sala sem tratamento acústico, seu uso foi muito importante (principalmente com caixas torre com respostas abaixo de 50 Hz). Nessas condições, o recorte e a percepção dos graves em instrumentos como contrabaixo, órgão de tubo e instrumentos de percussão como tímpano e bumbo, foram vitais! Os graves pareciam mais focados e com melhor decaimento.

Todos nós sempre desejamos tirar um 'sumo' a mais dos nossos sistemas. Estamos sempre procurando formas de aprimorarmos o que já está bom. O elevador de cabos da Magis Áudio age em um problema bastante comum na maioria das salas de áudio e vídeo: as vibrações transmitidas pelo chão. Se você já percebeu que esse problema o afeta, e deseja testar um 'antídoto', ouça-o!



AVMAG #210
Magis Áudio
(11) 98105.8930
Preço: sob consulta



ESTADO DA ARTE

JANEIRO 2016

SUA PERCEPÇÃO EM ALTO NÍVEL

CD PLAYER

CD PLAYER COM DAC - APOLLO-R - REGA

Dimensões A/L/P cm: 9 x 22 x 32

Peso: 5 Kg

R\$ 10.160



ACESSÓRIOS / CONECTORES

KIT DE CONECTORES - LUG-B4 (4 PCS) - ORTOFON

R\$ 616



ACESSÓRIOS / FONE DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO - O-TWO - ORTOFON

Peso: 275 g

R\$ 1.196

LIGUE AGORA :

11 5041 1415

**A PRIMEIRA GRANDE
PROMOÇÃO DE 2016!**



MUNDO HI-END



ACESSÓRIOS / CABOS DE FORÇA

**CABO DE FORÇA - REFERENCE -
SUNRISE (1.25 M)**

R\$ 2.300



ACESSÓRIOS / ISOLADOR / SPIKE

**ISOLADOR/SPIKE - VARIFOOT
I/C-E - HIFI EXPERIENCE (KIT COM 4)**

Dimensões Diâmetro x Altura cm: Ø5,0 x 6,0

Peso: 0.51 kg

R\$ 1.490

TOCA-DISCOS

**TOCA-DISCOS - RP1 TITANIUM
COM CÁPULA - REGA**

Dimensões A/L/P cm: 10 x 44 x 36

Peso: 5 kg

R\$ 3.840



/mundohiend



www.mundohiend.com.br

CÁPSULAS



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SNOAHO3QMDE](https://www.youtube.com/watch?v=SNOAHO3QMDE)

CÁPSULA GOLDRING 2100

Christian Pruks



Desde 1987 pertencente ao grupo Armour Home (cabos QED, caixas Q-Acoustics, entre vários outros), a Goldring começou na Alemanha como um negócio familiar dos irmãos Scharf (depois rebatizados de Sharp), que estabeleceram-se depois da Segunda Guerra na Inglaterra, onde passam a produzir cápsulas magnéticas para toca-discos desde 1954, além de incursões pela fabricação de fones de ouvido e toca-discos de vinil - estes últimos em associação com a célebre Lenco, dos toca-discos com tração à polia, adorados por uma legião de colecionadores e restauradores. A Goldring também produz cápsulas para várias marcas, sejam simplesmente produtos renomeados ou até tecnicamente personalizados de acordo com as necessidades do cliente, como Transrotor e Audio Note.

A empresa tem hoje, basicamente, três linhas de cápsulas magnéticas: uma MM, uma MI e uma MC. Os modelos Moving Magnet são a linha '1000', que inclui 1006, 1012GX, 1022GX e 1042, além das mais simples Elan e Elektra. As cápsulas da linha '2000' são as Moving Iron: 2100, 2200, 2300, 2400 e 2500. E, no topo, estão as cápsulas mais elaboradas, as tipo Moving Coil: Eroica, Elite e Legacy.

A 2100 usa um princípio gerador chamado Moving Iron, bem semelhante ao tradicionalíssimo Moving Magnet. O MM é o design mais comum nas cápsulas para toca-discos em toda a era do estéreo. Para se ter uma idéia, todas as cápsulas da famosa Shure sempre foram MM, assim como a maioria das Pickering, Stanton e Audio Technica, e grande parte das Ortofon. As MM têm, por definição, saída alta e design mais simples, quase sempre permitindo a troca da agulha com apenas um desencaixar. As MM, basicamente, usam um magneto no outro extremo do cantilever, oposto à agulha. As vibrações que a agulha captura no disco são transmitidas pelo cantilever até o magneto, o qual vibra entre duas bobinas, gerando uma voltagem baixíssima, a qual é amplificada pelo pré de fono. Isso mesmo: uma cápsula magnética é um motor elétrico, um gerador de baixíssima voltagem. O sistema Moving Iron é semelhante, mas usa um ferro no lugar do magneto, no extremo do cantilever - e isso, por uma série de razões alegadas por seus defensores, dá melhor qualidade de som. Por ser um design semelhante ao MM, a arquitetura desse gerador é quase igual à da MM e sua voltagem de saída também é alta. Hoje o fabricante de cápsulas mais conhecido que usa o princípio MI é a Grado, mas no auge do vinil (décadas de 1960, 1970 e 1980) inúmeros fabricantes usaram esse mesmo tipo de design, entre elas AKG, Bang & Olufsen, Decca, Empire, Stanton, Pickering e até mesmo a própria Ortofon.

A Goldring 2100 tem um bom equilíbrio tonal, correto, com bom peso nos graves e não puxando para nenhuma área de frequência.

Aliás, o som provido pela 2100 é típico de um boa Moving Magnet ou Moving Iron, um pouco seco nos graves, apesar de cheio, e com menos ar nos agudos do que uma Moving Coil. Parece-me claro que o intuito da 2100 é ser uma boa MM e não tentar emular uma MC - e ela realiza esse intuito muito bem. O palco provido pela 2100 é correto, saindo fora das caixas, sem sensação de encaixotamento do som ou mesmo congestionamento, e com uma ambiência apropriada para um cápsula MM / MI. Com bela largura de palco, peca ligeiramente pela profundidade, mas não chega a incomodar já que, mesmo assim, o acontecimento musical está todo para trás das caixas para trás. As texturas e recortes da 2100 estão em um nível bem superior à maioria esmagadora das cápsulas de seu nível no mercado.

Em questão aos transientes, é fácil com a 2100 apreciar e ser instigado pelo genial tema, a abertura, a introdução de Ennio Morricone para a trilha do filme *The Mission* (Virgin), em prensagem francesa. Essa abertura combina uma percussão indígena com o tema clássico e conhecido do filme, tocado no oboé, e mais um coral - cada um desses elementos aparentemente em um tempo, um andamento diferente.

Uma boa maneira de avaliar a dinâmica, a variação dinâmica de um equipamento, é ouvir uma boa gravação de piano. Tem os que acreditam que dinâmica é volume (!?!), mas na verdade é variação de intensidade. Tudo relacionado à música, e muito do que é relacionado ao som, tem variação dinâmica: uma porta batendo tem uma intensidade diferente de uma bomba, assim como cada instrumento musical provê variações de intensidade. O segredo é ter alguma referência e alguma gravação que seja de acordo com essa referência. Ou seja, um bom conhecimento de como é a variação dinâmica natural de um piano e uma gravação consagrada e bem feita de um piano: Sonatas n°. 30 op.109 - n°. 31 op.110 (DGG), de Ludwig van Beethoven, para piano solo, nas mãos de Maurizio Pollini. Aqui elas soaram com uma dinâmica muito boa, sem compressão que incomodasse e, muito menos, que estragasse a intencionalidade da bela interpretação de Pollini.

Os corpos harmônicos da 2100 são bem grandinhos e cheios, como é típico das MM realmente boas, o que a torna prazerosa de ouvir, mas poderiam ser um pouquinho mais refinados, mais corretos, e com mais harmônicos para cada fundamental - mas aí, claro, essa pequena diferença tornaria a 2100 uma das MM que 'cutucam' a categoria das MCs de entrada, mas essas especiais ainda são muito poucas no mercado.

Uma excelente opção de upgrade para você que precisa de uma cápsula tipo Moving Magnet, ou que está procurando uma nessa faixa de preço. Precisa de certos cuidados na instalação para obter o melhor resultado, mas terá o som quente e cheio das MM com um refinamento a mais, encontrado em poucas cápsulas desse tipo e categoria. ■

AVMAG #213
 Maison de La Musique
 (11) 2117.7005
 US\$ 350

NOTA: 77,5

**DIAMANTE RECOMENDADO**



CÁPSULA ORTOFON 2M BRONZE

Christian Pruks

Acredito que a linha 2M é uma das melhores tentativas já feitas de se elevar o nível de cápsulas tipo Moving Magnet (MM). Quais são as vantagens de um design MM? Olha, primeiro de tudo a saída é de 10 a 20 vezes mais alta que a saída de uma Moving Coil de saída baixa, gerando menos ruído agregado ao pré de phono (tanto ruído por interferência quanto pela própria natureza do pré de phono). A compatibilidade é, portanto, também, altíssima: praticamente qualquer pré de phono de qualquer receiver, pré de linha, integrado, micro system etc. existente na Via Láctea é 100% compatível com o sinal de uma cápsula MM. Os fãs de cápsulas MC dizem que uma MM não dá a mesma extensão de extremos (agudos e graves) do que uma MC, além do que esta última tem um grave, em geral, mais seco, recortado e definido que o de uma cápsula MM. Ou seja, a MC é de melhor qualidade sonora, transparência e resolução. Os fãs das cápsulas MM dizem que as mesmas tem um som mais quente e com graves mais cheios. O que diria então aquele indivíduo que encontrasse uma cápsula que preserva o som quente das MM e adiciona um bocado da definição, resolução e transparência das MC? Resposta: uau!

Como primeira impressão o som da 2M Bronze é extremamente agradável, musical e quente, porém sem sentir falta de detalhes, recortes, ar, extensão de agudos, ambiência e energia. O equilíbrio tonal, contendo todas as boas características de extensão nos dois extremos, é o mais bem dosado que eu conheço entre calor e detalhamento nessa faixa de preço.

Quanto às texturas, fiquei muito feliz ao ouvir o agradável contrabaixo acústico de Ron Carter, as texturas das cordas vibrando e ressonando com a caixa do baixo e o ar passando pelo trompete de Art Farmer no disco Etudes, de 1982, pelo selo Discovery Records. Um dos melhores testes até hoje para saber se a velocidade e a precisão dos transientes estão a contento é uma boa gravação de piano. No caso do CD, eu uso os Estudos de Chopin gravados pelo Nelson Freire no selo Decca, gravação que já é célebre no meio audiófilo. O intuito é não só mostrar as diferenças de intencionalidade em cada nota, em cada dedo, ou mesmo entre uma mão e outra do piano, como também perceber a precisão, a diferenciação latente entre uma nota e outra, sem embolar notas, com clareza. No vinil eu tenho me divertido ouvindo um LP que, aparentemente, nada tem a ver com testes audiófilos: *Six Wives of Henry VIII*, de Rick Wakeman, em prensagem norte-americana da década de 1970. Ele usa um grande número de teclados musicais eletrônicos e sintetizadores analógicos da época, todos contendo um elemento chamado de oscilador, ou gerador de ondas, que é quem gera o som 'contínuo' em altura, intensidade e timbre quando você pressiona a tecla do teclado.

O problema é que o som do oscilador de um teclado analógico da década de 1970 não é tão contínuo assim, e com a alta qualidade do som e da resposta de transientes, você ouve os sons dos teclados de gravações como as desse Rick Wakeman 'oscilando' com clareza. Muito bom! No quesito de dinâmica a Bronze é energética e pulsante, sem impressões latentes de compressão.

Uma das coisas mais legais sobre a 2M Bronze é sua compatibilidade. Enquanto a 2M Black é mais como as Moving Coil, precisando de uma precisão enorme de casamento e ajuste - que só pode ser provida por braços de maior nível - a 2M Bronze sempre tocou maravilhosamente bem e foi leniente com braços e toca-discos mais simples. Seu toca-discos está sem graça, ou parado? Ponha uma 2M Bronze que seus discos brilharão com calor, resolução, transparência, brilho e musicalidade! Eu vejo a Ortofon 2M Bronze como uma das melhores opções do mercado para toca-discos médios e de entrada - assim como para os vintages de boa qualidade - trazendo um som cheio e quente com uma definição só encontrada em cápsulas tipo Moving Coil que, em geral, são mais caras.



AVMAG #210
 Alpha Áudio & Vídeo
 (11) 3255.9353
 R\$ 1.625

NOTA: 79,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

CÁPSULAS

CÁPSULA MC GOLDRING LEGACY

Christian Pruks



A Goldring não é especialmente conhecida em nosso mercado brasileiro, até porque ela não tem o tamanho e a penetração de mercado de outras marcas de cápsulas. Mas quem é aficionado de analógico conhece muito bem a relevância da marca hoje e de sua linha atual de cápsulas, e quem é fã ardoroso da história pregressa do vinil sabe que não só a Goldring foi representante da célebre marca de toca-discos Lenco, com sua exemplar tração à polia, na década de 1970, como também vários modelos de Lenco saíram carregando o nome e uma cápsula da marca.

A cápsula Legacy da Goldring, como cabe a cápsulas top de linha, é um design MC - Moving Coil - de saída baixa, com corpo feito de magnésio de ultrabaixa ressonância, o que faz ela ser bastante leve, com apenas 8 gramas. A Legacy usa um diamante com perfil Vital Fine Line - superior aos mais comuns cônicos e elípticos, e da família dos 'line contact', perfis complexos que foram desenvolvidos com o intuito de maximizar sua área de contato com o sulco, trazendo mais informação e detalhamento, como os shibata, microline, SAS, microridge, e tantos outros nomes que representam pequenas variações de design. Já o

cantilever da Legacy é de uma liga de metais rígidos e de baixa massa, a qual a empresa não divulga. Terminando o conjunto magnético estão as bobinas que, em vez de materiais exóticos, optaram por cobre do mais alto nível de pureza, dentro de magnetos leves de neodímio - que a empresa diz garantirem maior dinâmica.

A primeira impressão sonora da Goldring Legacy é a de que você está ouvindo mais coisas que o normal, está tirando mais informação dos seus discos, e o está fazendo de maneira mais organizada. Transientes, intencionalidades, decaimentos, transparência e recortes são a ordem do dia - mas sem artificialismo, sem irritar, mesmo quando ela ainda não estava amaciada. A Legacy em plena forma tem um equilíbrio tonal tão bom quanto o de qualquer cápsula de sua categoria - incluindo extensão nos dois extremos e sem nada destoando, com excelente arejamento e ambiência. A característica sonora geral é decentemente quente e relaxada e, ao mesmo tempo, cheia de informação. A ilusão de palco proporcionada pela Legacy é excelente, em 3D e arejada, separada e com tudo bem contornado - com um palco mais profundo que muitas cápsulas do mercado. Aqui transparece uma das melhores características da Legacy: mesmo em gravações cuja compressão as deixou emboladas, a percepção de cada camada do palco, de cada instrumento, na verdade, é de nível superior. As texturas da Legacy são belíssimas: ao ouvir uma orquestra não é preciso fazer força para perceber coisas como a textura da fricção dos arcos nas cordas, o ar passando pelas madeiras e sopros - todas essas texturas são mostradas de maneira macia, sem serem óbvias.

O ponto mais alto de todos da Legacy são os transientes, rápidos e com intencionalidade muito definida, separando bem os instrumentos até dentro dos naipes de uma orquestra.

No equilíbrio de forças entre transparência, detalhamento e a doçura da musicalidade natural, a cápsula Goldring Legacy é uma tremenda opção, muito difícil de bater em sua faixa de preço. Eu costumo manter uma lista mental de cápsulas que considero que dão os melhores resultados em cada faixa de preço, tendo uma para indicar para quem quer desde a MM mais barata e simples, uma MM intermediária, uma MM top, uma MC barata de saída alta etc. Na página da lista onde estão as MC de saída baixa de médio valor e de alto nível de qualidade agora está a Goldring Legacy!

AVMAG #211
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
US\$ 1.630

NOTA: 87,5



ESTADO DA ARTE



CÁPSULA VAN DEN HUL THE CRIMSON SPECIAL EDITION

Christian Pruks

O célebre holandês Aalt Jouk van den Hul, normalmente chamado de A.J. van den Hul, ou apenas van den Hul, empresta seu próprio sobrenome à empresa que fundou em 1980 - e dirige até hoje - com foco principalmente em duas linhas de produtos: cabos para áudio e cápsulas para toca-discos de vinil. Claro que a empresa tem uma linha de acessórios - entre os quais o que mais me chamou a atenção foi o spray para contatos de nome Pss Pss - além de uma série de gravações em CDs e vinis, prés de linha, powers e prés de phono.

A The Crimson é a terceira cápsula da linha da van den Hul, abaixo da The Colibri e da The Condor, sendo que a cápsula testada aqui leva o sufixo SE, de Special Edition, evolução do modelo e sobre a qual ainda há muito pouca informação na internet. A The Crimson SE, aparentemente tem como diferencial de sua predecessora o formato do gerador, algumas modificações técnicas não divulgadas (aí é que mora o segredo do negócio!) e pequenas diferenças nas especificações, como uma saída que pula para 0.85 mV - bem alta para uma Moving Coil de saída baixa, mas que funcionou sem problemas com os prés de phono utilizados.

A primeira impressão, o primeiro impacto do som da Crimson SE é da grande energia sonora e dos graves com ataque, peso e deslocamento de ar. Logo, a segunda impressão é de que cada instrumento é perfeitamente separado no palco, o qual é bem profundo, e que as texturas e recortes das coisas são um sonho! O equilíbrio tonal da Crimson SE é superior - não falta nada. Em questão à extensão dos agudos, ela posiciona-se perfeitamente nesta mais alta categoria de equipamentos. O que surpreende mesmo é sua extensão de graves, nivelada com as melhores que já ouvi, sem exceção. O toque de realismo do equilíbrio tonal da Crimson SE está na energia dos graves - mesmo ouvindo em volume mais baixo, sente-se o deslocamento de ar de instrumentos de orquestra, por exemplo, que efetivamente têm deslocamento de ar, como o naipe de contrabaixos sendo tocado em pizzicato ou mesmo os tímpanos - como na gravação da trilha sonora do filme *A Missão*, composição do italiano Ennio Morricone, em prensagem francesa do selo Virgin. Vejam, essa é uma gravação muito boa, mas que não prima pelas sobras, e mesmo assim aqui se tem uma tremenda clareza e realismo na energia provida pelos graves.

Hoje em dia um palco bem arejado e separado, com profundidade decente e sem limitações laterais ou achatamentos verticais não chega a ser uma raridade. Claro que a Crimson SE provê tudo isso, mas o interessante é ouvir com ela gravações mais comprimidas, de estúdio, gravadas em multipista, como a trilha sonora de *Twin Peaks*, filme do cineasta David Lynch, composta por Angelo Badalamenti e prensada pelo selo Warner (WB) aqui mesmo em terras tupiniquins.

A ilusão do palco aqui é um deleite: nada sai das caixas, sai tudo de uma grande e extremamente bem focada imagem, cheia de camadas, que toma um metro para cada lado das caixas e todo o fundo da minha sala de audição. Um dos dois pontos mais altos da Crimson SE é sua capacidade de reproduzir texturas e recortes. Uau! Aqui realmente dá vontade de ouvir todos os discos que tenho e ficar redescobrimo eles, principalmente suas texturas nas regiões graves e médio-graves. Desde cordas até as peles de percussões, tudo é chapante. No disco da trilha sonora do filme *Paris Texas*, presente do meu amigo Edu Prado, obra assinada pelo guitarrista Ry Cooder, também em prensagem nacional da Warner (WB), o dedilhado e o slide no violão de cordas de aço é impressionante, babante e viciante.

Segundo ponto top da Crimson SE: os transientes. A inteligibilidade do acontecimento musical está entre as melhores que eu já ouvi, a separação entre cada instrumento e sua intencionalidade se percebe com zero de esforço e grande naturalidade. Quanto ao corpo harmônico, eu diria que a Crimson SE é corretíssima, não ficando a dever em nada.

A cápsula The Crimson SE precisa de um cuidado na hora de escolher o toca-discos, o pré de phono e os cabos que serão usados neles. Mas, bem acertada e com suas compatibilidades resolvidas ou, pelo menos bem tratadas, é uma tremenda cápsula, com texturas de ajeitar e um som energético com pegada e bom corpo. Ela extrai um detalhamento, um nível de informação dos discos que é digno de fazê-la figurar entre as melhores cápsulas disponíveis no mercado! ■



AVMAG #212
 Rivergate
 (11) 98108.1881
 US\$ 6.930

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE

TOCA-DISCOS



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RGYQYJY4I3U&](https://www.youtube.com/watch?v=RGYQYJY4I3U&)

TOCA-DISCOS THORENS TD 203

Christian Pruks



Um nome bastante conhecido dos audiófilos amantes de vinil, a Thorens começou a operar em Sainte-Croix, na Suíça, em 1883, como um negócio familiar especializado em caixas de música e mecanismos de corda. Em 1903 começou a produzir fonógrafos (tipo do Thomas Edison) e em 1928 fez o primeiro toca-discos com motor elétrico. Nesse meio tempo produziu desde gaitas até isqueiros. Nas décadas de 1950 e 1960, a empresa ficou famosa por projetar toca-discos que, até hoje, são altamente considerados pelos audiófilos (como os TD 124, 125, 126 e 160). Devido à volta do vinil ao mainstream, a Thorens voltou a projetar e produzir toca-discos de vinil em 2006, primeiro usando braços consagrados fabricados pela inglesa Rega, como o RB251 e o RB300, depois começou a desenvolver seus próprios braços, como os que equipam hoje os modelos 203, 206, 209, 309 e TD 2035.

O TD 203 é um toca-discos bastante simples estruturalmente, o primeiro da linha da Thorens acima daqueles muito simples (que são feitos pela Dual alemã, aliás), e traz uma base de MDF com pintura brilhante (vi em preto e em vermelho), pés de borracha rígida, com um motor acionando uma correia e um sub-prato de plástico. Esse cenário o deixa muito parecido com um Rega, para falar a verdade. Só que aí temos um motor DC muito silencioso, com ajuste de tensão da correia, e com parafusos de regulação de velocidade embaixo, temos um botão para mudar a velocidade para 45RPM sem ser necessário mexer na correia, temos um prato de plástico ABS muito bem feito, de material decentemente pesado e amortecido, e que eu acho que é um dos responsáveis pela assinatura sonora do 203. Daí vamos para a maior diferença de todas: o braço tipo unipivô, projetado pela própria Thorens e intitulado TP 82, todo em alumínio e com antiskating por contrapeso suspenso por um fio de nylon. A cápsula que vem no 203 é uma MM (Moving Magnet) de saída alta intitulada Thorens TAS 257, é feita para a Thorens pela japonesa Audio Technica, uma variação das consagradas AT-91 e AT-3600 que usa cantilever de carbono e agulha cônica. Essa cápsula é semelhante à Rega Carbon e outras do mercado, e é uma cápsula muito subestimada - e eu falo isso porque já tive experiência com ela em vários outros toca-discos e os resultados podem ser, como é o caso aqui do Thorens 203, muito surpreendentes.

O equilíbrio tonal do 203 é muito bom, com um som que nada tem de encaixotado, com bom ar e ambiência, mas cujo ponto forte é mesmo a extensão e o poder dos graves, que são também decentemente recortados. O palco provido pelo 203 é suficiente arejado e sem atravancamentos, mas um pouco baixo. Apresentou, porém, boa profundidade com um dos meus discos de cabeceira: *Soil Festivities* (Polydor) do compositor, arranjador e multi-instrumentista grego Vangelis, uma gravação de excelente ambiência e separação - e que tem excelentes graves que descem bastante. Na parte de texturas, obtive cordas muito bonitas, especialmente as mais graves, porém com um timbre que fica um pouco atrás graças à cápsula original. Claro que, com uma cápsula melhor o 203 cresce imensamente, então esse pequeno percalço pode ser facilmente superado.

O 203 proveu uma inteligibilidade acima da média, uma boa separação entre instrumentistas e a capacidade de responder com boa precisão a intencionalidade sem misturar as notas das percussões indianas, violão e violino elétrico do magnífico LP *A Handful Of Beauty* (CBS) do grupo Shakti, organizado pelo guitarrista de jazz John McLaughlin e o violinista indiano L. Shankar. Trabalho de grande musicalidade e complexidade instrumental, com uma gravação de difícil reprodução na qual a performance do 203 me surpreendeu.

No quesito de dinâmica, a trilha sonora do filme *The Mission* (Virgin), belíssimo trabalho do famoso compositor italiano Ennio Morricone, mostrou crescendos super naturais nas partes orquestrais, ótimos crescendos nas partes de corno (vozes não mentem!) e não senti nada problemático de inteligibilidade nas passagens mais complexas.

Já que o 203 mostra grande autoridade de graves, eu escolhi um belo disco para teste do corpo harmônico: *Live at Bernie's* (Groove Note, Ultimate Analogue Disc, Direct-to-Disc, 200 gramas, 45RPM) do grupo de jazz The Bill Cunliffe Trio, mostrando excelente corpo do contrabaixo de pau em seus solos, gravados em analógico puro com equipamentos de gravação valvulados. Quase que o 203 não 'aguenta a gostosura', como diz o ditado popular, afinal é um disco de gravação bem exigente.

Pequeno notável, o TD 203 da Thorens me surpreendeu em praticamente todos os seus aspectos sonoros. Além de ser muito bem construído e com um braço bem bolado. Como solução pronta de fábrica é muito bom mesmo, e como opção para crescer, para extrair mais, eu posso dizer que acho que ele tem um bocado para onde ir. É um dos melhores competidores nessa faixa de preço em nosso mercado. ■

AVMAG #214
 KW Hi-Fi
 (48) 3236.3385
 R\$ 7.700

NOTA: 77,0



DIAMANTE RECOMENDADO



TOCA-DISCOS AUDIO NOTE TT-TWO DELUXE & ACESSÓRIOS

Christian Pruks

A empresa Audio Note foi fundada na Inglaterra pelo, lá radicado, dinamarquês Peter Qvortrup, seu proprietário, defensor de válvulas, tecnologias antigas, excêntrico e idiossincrático. Durante a década de 1980, a empresa escocesa Systemdek conquistou uma boa fama projetando toca-discos de boa qualidade. Em 1990, a Systemdek fechou as portas, mas a Audio Note deu continuidade à produção do modelo 2X2 da Systemdek, com pequenas mudanças, agora rebatizado de TT-One. O TT-Two é a evolução do TT-One - com a diferença de utilizar dois motores (ambos acionando a mesma correia, em lados opostos do prato). É um toca-discos de base de madeira e prato e subprato de acrílico, com uma suspensão por molas independente entre motores e o conjunto braço / prato. Essa suspensão é tão 'leve' que me lembrou o saudoso toca-discos Philips GA-212 / 312, que durante o manuseio balançava tanto que recebeu o carinhoso apelido de 'geleia'. No caso do TT-Two, o isolamento mecânico provido por essa suspensão leve resulta em um excelente baixo ruído de fundo, que por sua vez garante alta definição e recorte nos graves e médios-graves - isso em conjunto com a fiação de prata do braço, claro.

Outra evolução apresentada aqui neste conjunto é que o TT-Two não usa mais braços da Rega, e sim um braço próprio da Audio Note, o Three V2, de 9 polegadas e dimensões semelhantes às dos Rega. O Three V2 é um braço de massa média, extremamente bem construído, cuja aparência e manuseio passam uma sensação enorme de solidez. Suas regulagens são bastante racionais e fáceis de operar.



A Rivergate, oferece esse conjunto completo (toca-discos com braço, cápsula e fonte externa). O pacote, então, consiste do toca-discos TT-Two com o braço Three V2, a fonte externa AN-PSU - que garante maior estabilidade de rotação e a possibilidade de trocar entre 33 e 45 RPM sem ter que tirar o prato - operando com o cabo de força Audio Note ISIS e, completando, a cápsula Audio Note IO II. A Audio Note possui uma linha de cápsulas MM e outra MC. As MM são fabricadas pela empresa inglesa Goldring, de acordo com as especificações requeridas pela Audio Note. A IO II é a segunda de uma linha de quatro cápsulas MC, todas de saída superbaixa, sendo que a IO II tem 0.05 mV (a média das MC tem 0.25 mV). Isso é problema? Se você tem um sistema com boa folga e um pré de phono com bom ganho, então não.

A primeira impressão ouvindo o TT-Two Deluxe com a cápsula IO II é de detalhamento, limpeza, recorte de graves e transientes que deixam quase você contar quantas notas foram tocadas pelo pianista, por exemplo. O equilíbrio tonal tem grande extensão nos graves, mas eu ficaria satisfeito com um pouquinho mais de peso embaixo e um pouco mais de ar em cima. Digamos que é uma sonoridade típica de um excelente valvulado, com uma área média bonita, limpa e muito agradável. O conjunto de toca-discos TT-Two e cápsula IO II trouxe um palco bem arejado e largo - sem frontalidades - com excelente ambiência e foco, mas com uma profundidade não tão boa.

Quanto às texturas, ficaram muito bons, sedosos e com excelente decaimento os pratos normalmente meio 'sujeitos' do disco *Impressions* de John Coltrane, prensagem norte-americana do selo Impulse. Nesse mesmo disco, o trabalho do sax de Coltrane junto com o clarone de Eric Dolphy na faixa India, gerou harmônicos que me lembraram de pudim de leite (lá vou eu fazendo analogias com comida de novo...). Muito prazeroso de ouvir, desde o rufar da caixa até o belo recorte do contrabaixo. Acho que o ponto mais forte do TT-Two com essa cápsula são os transientes, naturais e bem definidos. Duas coisas me impressionaram: a primeira foi a clareza das inflexões e barulhos de boca do saudoso Frank Sinatra no disco *September of My Years*, prensagem norte-americana do selo Reprise. A segunda foi a digitação rápida e as intencionalidades do pianista Kei Akagi no disco *New Smiles and Traveled Miles*, prensagem 180 gramas da Groove Note, uma gravação moderna, mas 100% analógica.

No quesito de corpo harmônico transparece um pouco o que eu falei sobre o equilíbrio tonal: a extensão dos graves é excelente, e os mesmos são limpos e bem recortados, com grande inteligibilidade e muito corretos. Mas eu preferiria uma gordura a mais bem na área grave e no começo dos médios-graves. Em gravações mais recentes, e que são mais generosas com os corpos harmônicos, isso não incomodou de maneira nenhuma.

O TT-Two é um bom e silencioso toca-discos. É equipado com um braço que eu considero muito preciso, muito bem projetado e implementado, e por sua fiação litz de prata, tem boa compatibilidade apenas com cápsulas que possuem sonoridade bem quente e cheia - como é o caso da Ortofon 2M Bronze e da Audio Note IO II, esta oferecida neste pacote. É um bom pacote para amantes de jazz, vozes e música de câmara!

US\$ 4.860
 (toca-discos Audio Note TT-Two Deluxe)
 US\$ 2.800 (braço Three V2)
 US\$ 3.300 (fonte AN PSU)
 US\$ 635 (cabo de força ISIS)
 US\$ 8.400 (cápsula Audio Note IO II)

AVMAG #212
 Rivergate
 (11) 98108.1881

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

PRÉS DE PHONO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=H-B_ROT4_AY](https://www.youtube.com/watch?v=H-B_ROT4_AY)

ADC JOPLIN & FONTE VAN DER GRAAF DA M2TECH

Christian Pruks



A M2Tech é uma empresa italiana que ficou bastante conhecida no Brasil - e em vários lugares do mundo - alguns anos atrás, quando fabricou a interface HiFace, que convertia a saída USB do computador em digital S/PDIF coaxial, permitindo a fácil ligação de um computador em um DAC. A vantagem da HiFace é que ela foi uma das primeiras a permitir a reprodução de arquivos de alta definição sem downsampling - ou seja, se o arquivo era 24-bit / 192 kHz.

O produto da M2Tech aqui testado, o ADC Joplin é, na verdade, dois equipamentos, com duas funcionalidades em uma: um ADC, ou seja, um conversor analógico para digital, que pega o sinal que vier de sua entrada analógica e o converte para digital, disponibilizando-o tanto em suas saídas digitais coaxial, óptica e AES / EBU, quanto em sua conexão USB com o computador - cuja finalidade final é, claro, digitalizar música vinda de fontes analógicas. A segunda funcionalidade é ser um pré de phono com alguns diferenciais, como o fato dele trabalhar praticamente todo no âmbito digital, no qual é regulado o ganho de acordo com a saída e o tipo da cápsula, e onde ele aplica a curva de correção, de equalização, RIAA - ou mesmo uma longa série de outras curvas de equalização diferentes, de acordo com a documentação de cada um dos selos ou gravadoras que as usava na prensagem de seus LPs.

O menu do Joplin disponibiliza também curvas de equalização para discos de 78 RPM (Decca, Columbia, MGM e Victor) e curvas de equalização para cabeças de gravadores de rolo. No Joplin, você pode zerar o nível do ganho - o qual é regulável de 1 em 1 dB (desde 20 até 60 dB), compatibilizando com a maioria esmagadora das cápsulas MM e MC do mercado e com o sinal da maioria das cabeças de gravadores de rolo.

O setup do Joplin é relativamente tranquilo. Basta ligar um toca-discos em sua entrada analógica e ligar sua saída digital em um bom DAC - no meu caso usei o Luxman D-06. Depois, com os volumes zerados, entrar no menu (com o controle remoto) e regular uma série de coisas básicas como 24-bit, 88.2 kHz (vai até 176.4 kHz no coaxial), escolher a equalização RIAA e regular o ganho para a cápsula usada (fiquei com 38 dB para MM e 58 dB para MC).

Assim que você conecta o Joplin no computador, o aparelho 'abaixa' o sampling para 96 kHz, indicando-o no painel. Ora, o manual disse que eu posso obter samplings bem mais altos para gravar no computador, então logo descobri que basta regular no software de gravação no Windows qual o sampling no qual você quer gravar, que o Joplin automaticamente muda no painel. Prefiro fazer a maioria das gravações em 24-bit / 88.2 kHz, um formato de ótima utilização de espaço em disco e com resultado sonoro fenomenal e irrepreensível com o Joplin.

Na primeira impressão, no geral, o Joplin chama a atenção pela coerência sonora, pelos recortes e decaimentos supremos. Ele é tão bom nisso que você fica com a impressão de estar compreendendo, de estar assimilando a música, as gravações que está ouvindo, de maneira diferente e mais completa. O Joplin é um redescobrimiento de seus LPs e, ao mesmo tempo, uma excelente, funcional e estável solução para a digitalização dos mesmos. Quanto ao equilíbrio tonal, o Joplin possui uma excelente extensão em ambos os extremos - e por excelente entendam: uma das melhores que eu já ouvi em um pré de phono, principalmente a extensão dos graves. A extensão dos agudos é limpa e muito relaxada e arejada. Usando o Joplin com o sinal de linha na entrada, percebi um som ligeiramente mais seco que o resultado do sinal de phono, porém muito bonito, correto e limpo. O palco provido pelo Joplin é relaxado e não tem congestionamentos - sai todo para fora das caixas, sem apertos laterais. A variação dinâmica, a macrodinâmica proporcionada pelo Joplin é sensacional. microdinâmica é excelente também, com alta inteligibilidade.

O Joplin é um equipamento multifunção que é um tanto ou quanto diferenciado - e que realmente brilha com a fonte externa Van Der Graaf como upgrade, chegando ao ponto de eu não conseguir imaginá-lo sem ela. Como pré de phono ele é altamente configurável, silencioso, poderoso, intensamente detalhado, recortado e coerente - prazeroso de se ouvir e de alta qualidade sonora. A segunda função do Joplin é ser um conversor analógico para digital de alta resolução, que se conecta e transmite ao computador via cabo USB - ou seja, bastante fácil e objetivo de se operar, com funcionalidade estável e qualidade final irrepreensível! Se você busca um pré de phono 'exótico' e já possui em seu sistema um bom DAC, tendo como converter sinal digital de alta resolução com grande qualidade, o M2Tech Joplin com fonte Van Der Graaf é uma grande adição ao seu sistema. É um excelente produto!

AVMAG #208

Rivergate

info@rivergate.com.br

ADC Joplin: R\$ 11.298

Fonte de alimentação Van Der

Graaf: R\$ 4.719

NOTA: 86,5



ESTADO DA ARTE

FAÇA UM UPGRADE EM SEU SISTEMA

A Alpha Áudio e Vídeo está com uma promoção imperdível. Veja as ofertas:

CAIXA ASCENDO C5: **12.500,00**

AMPLIFICADOR LEBEN CS600: **26.800,00**

PRE AMP. PARA FONE LUXMAN P1-U: **10.600,00**

PRE AMP. PARA FONE LUXMAN P-200: **6.400,00**

CABO ORTOFON 7NX 705 XLR: **2.150,00**

CAPSULA ORTOFON CADENZA BLACK: **9.000,00**

STEP UP ORTOFON ST 80: **5.700,00**

CAIXA PIEGA PREMIUM 50.2: **47.400,00**

CAIXA PIEGA CLASSIC 40.2: **44.000,00**

CAIXA PIEGA CLASSIC 60.2: **80.900,00**

CAIXA PIEGA COAX 10.2: **56.000,00**

CAIXA PIEGA 30.2: **67.000,00**

CAIXA PIEGA PREMIUM 1.2: **15.500,00**

CAIXA PIEGA PREMIUM 5.2: **27.800,00**

CAIXA PIEGA T MICRO 4: **6.200,00**

STEP UP TRIODE TRMC1: **8.350,00**

AMPLIFICADOR TRIODE TRV 35 SE: **10.150,00**

PRE AMP. PARA FONE TRIODE TRV84HD MARK: **9.200,00**

AMPLIFICADOR TRIODE TRV 88 SE: **11.000,00**

AMPLIFICADOR TRIODE TRV 300SER: **15.800,00**

Promoção válida até para 19/02/15.

www.wefdesign.com

ortofon

ASCENDO

leben

PIEGA

Tri®

Promoção destinada apenas para o consumidor final. Não será aceita permuta.

www.alphaav.com.br

11 3255-9353 / 3255-2849

Alpha
Audio & Video

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HL9FIHNCsLO](https://www.youtube.com/watch?v=HL9FIHNCsLO)

CD PLAYER REGA SATURN-R

Rodrigo Moraes



O Saturn é uma fonte digital que possui mais qualidades do que limitações, e em vários aspectos tem qualidades que superam, e muito, o seu preço. O Saturn-R é um aparelho diferente em relação ao seu antecessor, tanto em termos sônicos quanto funcionais. De igual a Rega manteve o preço, pois o Saturn-R custa no Reino Unido a mesma quantia que custava o Saturn. Em termos funcionais, o Saturn-R está muito à frente do Saturn, pois trata-se de dois aparelhos distintos em um único gabinete.

Além de um CD player que reproduz discos com frequência de amostragem de 44.1 kHz / 16-bit sem possibilidade de upsampling e discos com arquivos no formato MP3, o Saturn-R também pode ser utilizado como transporte ou como um DAC com múltiplas possibilidades de conexão, incluindo uma conexão USB assíncrono com isolamento galvânico que trabalha com frequência de amostragem de até 192 kHz / 24-bit, e isso proporciona uma enorme liberdade ao consumidor, que pode usufruir de sua coleção de CDs e também ouvir as músicas adquiridas via download, algo muito interessante em um mundo no qual as vendas de CDs estão caindo e os downloads estão aumentando.

O Saturn-R é pleno em entradas digitais e, além da entrada USB, também recebe e converte sinais digitais PCM de dois canais por meio de duas entradas ópticas toslink e duas entradas coaxiais de 75 Ohms, que assim como a entrada USB são capazes de receber sinais com frequência de amostragem de 32, 44.1, 48, 88.2, 96 e 192 kHz, de 16 a 24-bit. Assim, o consumidor pode utilizar o Saturn-R como seu DAC principal, podendo conectar um computador, DVD, Blu-ray, console de videogame, receptor de TV a cabo etc. Se usado como transporte, o Saturn-R possui duas saídas digitais, sendo uma óptica toslink e uma coaxial de 75 Ohms. As saídas analógicas são RCA, e assim como no Saturn original, não há saídas analógicas XLR. O Saturn-R utiliza dois chips Wolfson WM8742 de conversão digital-analógica em paralelo, enquanto o CD player Rega Valve Isis, top de linha da Rega, utiliza dois chips conversores Wolfson WM8741. O extinto Saturn utilizava dois chips Wolfson WM8740 em paralelo.

O que primeiro chama atenção quando colocamos o Saturn-R para trabalhar é a diferença de equilíbrio tonal em relação ao Saturn. O Saturn-R está um pequeno passo à frente na extensão dos graves, e percebemos que eles estão mais rápidos, articulados e um pouco mais enxutos sem se tornarem secos. Os graves altos e médios-baixos estão mais presentes, tornando o som mais caloroso, e os médios possuem um grau de naturalidade e organicidade surpreendente. Por sua vez, os agudos estão mais polidos e refinados, porém, um pouco menos extensos. Nota-se claramente que a extensão dos agudos nos sons diretos é a mesma, mas em relação aos sons refletidos, o Saturn-R é mais comedido. O Saturn-R não proporciona nenhuma fadiga auditiva mesmo em gravações mais estridentes, porque a qualidade de reprodução dos agudos, apesar da menor extensão nos sons refletidos, é superior e mais refinada, e as texturas nessa faixa de frequência são realmente muito boas.

Em linhas gerais o Saturn-R é um aparelho mais eufônico, com o som mais cheio e acolhedor porque possui equilíbrio tonal e texturas melhores, reproduzindo bons harmônicos em todas as faixas de frequência, com corpos harmônicos maiores e homogêneos, e que reproduz timbres mais verossímeis, possuindo uma assinatura sônica muito mais próxima ao Rega Isis do que o Saturn, que é um pouco menos eufônico. Em relação ao palco, o Saturn-R tem ótima largura e altura, mas não tem a capacidade de reprodução de profundidade como o seu antecessor, apesar de muito boa, assim como o foco, que é um pouco mais difuso. Conhecendo bem o Saturn, pois possui um, considero-o um excelente CD player, mas reconheço que lhe falta aquela macrodinâmica dos players 'big boys', que proporcionam muito deslocamento de ar em todas as frequências e cujo preço dói no bolso da maioria dos mortais. Não me entenda mal, a macrodinâmica do Saturn é ótima, a variação dinâmica é muito grande, mas não há aquela visceralidade e deslocamento de ar que vai fazer o sofá tremer e nem os quadros caírem da parede.

O Saturn-R é um aparelho eufônico sem ser romântico, e transparente sem ser duro ou agressivo. Trata-se de um componente equilibrado que resgata a dramaticidade e a energia transmitida pelos músicos nas gravações, e surpreende pelo quão fundo vai em busca de detalhes sem se tornar analítico e sem chamar a atenção para um ou outro detalhe em detrimento do todo. Trata-se de um produto muito bom e que possui uma assinatura sônica semelhante ao Rega Isis, player 'flagship' da Rega.

AVMAG #211
 Alpha Áudio & Vídeo
 (11) 3255.9353
 R\$ 15.950

NOTA: 79,0



DIAMANTE REFERÊNCIA



CD PLAYER LUXMAN D-08U

Fernando Andrette



Na audiofilia ninguém ganha do Japão em matéria de conservadorismo (no sentido literal e não pejorativo). Estabelecido um plano e colocado em prática, ocorra o que ocorrer, não será mudado uma vírgula do que for definido! Para nós ocidentais essa linha de conduta pode ser bastante estranha. Estamos tão condicionados à esse comportamento frenético de consumo, que nem questionamos se isso é bom para o planeta e para os nossos bolsos. Trabalhei muitos anos em empresas japonesas e depois de muita resistência entendi que suas metas são todas planejadas para décadas e não anos ou meses.

Toda essa introdução, amigo leitor, foi para apresentar uma das empresas mais antigas do hi-end que está completando 90 anos de vida. E é reconhecida no mundo como um exemplo de obstinação, paixão e na criação de excepcionais produtos ao longo de sua bela história. Quando soube que teria a oportunidade de testar por três semanas o novo CD Player top de linha da marca, o D-08U, emprestado gentilmente por um cliente da Alpha Áudio e Vídeo, não pensei um segundo! Afinal se o D-05 já havia me encantado, o que seria ouvir o top de linha? O D-08U é a nova versão do D-08, que estava no mercado desde 2008.

Já preparando a comemoração dos 90 anos da empresa, os engenheiros da Luxman trabalharam no desenvolvimento de um novo circuito digital e analógico e a implantação de uma conexão USB, para MAC e PC, de streaming de alto padrão.

Os engenheiros também se debruçaram na melhoria do mecanismo rígido da gaveta, com uma nova vedação quando essa é fechada, para melhorar a prevenção de entrada de poeira. A estrutura do gabinete também foi aprimorada, com a colocação de grossos pilares de alumínio

quadrados, para eliminar qualquer tipo de vibração interna, elevando o peso para 22,5 Kg. Mecanicamente sua gaveta é a mais silenciosa e precisa que já vi em funcionamento (superior em termos de silêncio às da Esoteric). Outra frente trabalhada pelos engenheiros foi na redução do jitter, em relação ao modelo anterior que alcançou 1:100. E na utilização dos conversores PCM1792A com a implementação de uma configuração híbrida que, segundo o fabricante, ampliou a faixa dinâmica para 132 dB!

O D-08U é compatível com SACD e CD. E graças ao '24-bit extender', ele pega o sinal de 16-bit codificado e passa para 24-bit. O usuário pode selecionar entre os sinais de formato DSD nativos ou sinais PCM, e ouvir de acordo com o seu gosto. E, no caso de um CD híbrido (camada DSD e PCM), no controle remoto você pode alternar e comparar a qualidade de cada camada. Mas o grande diferencial em relação ao modelo anterior (segundo o fabricante) está no aprimoramento na placa de saída que alcançou o nível de 0,0001% de taxa de distorção, resultante da nova versão batizada de 4.0!

Como todos os players desse fabricante seu acabamento é todo em alumínio branco, quase leitoso, o que nos chama a atenção mesmo à longa distância (ainda que exposto em uma loja, rodeado de outros produtos, ele irá se destacar). Além da entrada USB, o D-08U possui uma coaxial e uma óptica, e duas saídas analógicas (XLR e RCA). Além do cabo de força destacável IEC. No painel frontal temos discretos botões, de pausa, avanço de faixa, filtros, play e stop, abrir gaveta e regulagem de intensidade de luz do visor. Todos esses comandos podem ser acionados direto no controle remoto de bom acabamento, feito de alumínio.

A primeira observação foi que o caráter musical do D-08U é bem mais relaxado que do D-05. Essa é uma longa e interminável discussão que temos aqui, interna (entre os colaboradores) e externa (com os leitores), de que os produtos considerados 'superlativos' em termos de performance, dão a sensação inicial de serem mais relaxados, mas essa impressão é devido a sua enorme folga na estrutura e na apresentação do evento musical!

E isso se torna evidente, quando escutamos gravações complexas, cheias de variação dinâmica e notamos que elas se tornam mais 'palatáveis' aos nossos ouvidos e bem mais organizadas em termos de planos, foco, recorte, ambiência e inteligibilidade. Demoramos até - dependendo do grau da folga - alguns momentos para compreender o que ocorre. E se não estamos acostumados, podemos cometer o erro de achar que o som perdeu 'vitalidade'. Mas é justamente o contrário, ele ganhou maior organização e tudo parece perfeitamente mais harmonioso. E a prova dos nove, é ouvir justamente gravações com enorme variação dinâmica, para se ter a certeza que em termos de energia e deslocamento de ar tudo está corretamente aonde sempre esteve.

Em termos de equilíbrio tonal o D-08U é impressionante! Extremos com um decaimento perfeito, graves sólidos com peso e precisão, região média de uma naturalidade desconcertante e agudos limpos, corretos e com excelente corpo!

O ouvinte imediatamente reconhece as qualidades técnicas de qualquer gravação (se foi gravada sem nenhum tipo de equalização, compressão e até se o engenheiro escolheu corretamente o microfone). O silêncio de fundo é tão bom que em gravações de instrumentos solos é possível 'sentir' o grau de segurança do músico, e a qualidade do instrumento.

Vozes são um caso a parte! O D-08U está entre os três CD players que mais me encantaram nesses últimos anos reproduzindo vozes. É simplesmente um convite a você passar horas escutando seus discos, sem ter sequer chance de uma pausa. Pois a riqueza de detalhes harmônicos do timbre e da técnica vocal, são destrinchados de uma forma tão organizada, que jamais desbanca para o analítico ou frio! Pelo contrário, as audições são quentes e convidativas, a continuar interminavelmente as audições.

Seu Soundstage é muito preciso em termos de planos, foco, recorte e ambiência, mas com uma apresentação de palco menor (em profundidade e largura), de outros CD Players na sua faixa de preço. Pessoalmente isso não tem o menor peso para mim, pois mais do que largura e profundidade de palco considero requisitos como equilíbrio tonal, transientes, textura e dinâmica, muito mais relevantes. Mas sei de centenas de audiófilos que colocam o palco como a prioridade número 1! Para esses o D-08U têm concorrentes nessa faixa de preço que o superam, mas que perdem nos outros quesitos.

Junto com equilíbrio tonal, transientes e musicalidade, o outro quesito que é admirável no D-08U é a apresentação de texturas! Também passa a estar entre os melhores CD Player que ouvi esse quesito da metodologia. Pois mais do que mostrar características inerentes da composição do timbre de cada instrumento (se tem um som mais aveludado, anasalado ou brilhante), ele possibilita entendermos a intencionalidade técnica e musical da obra (se uma passagem é muito complexa, a qualidade do arranjo e do interprete e a ideia no momento da execução). Pode parecer uma ideia muito subjetiva ou abstrata, mas em sistemas muito superlativos, chega a ser até corriqueiro esse tipo de observação. E o D-08U possui esse grau de qualidade na apresentação de texturas!

Em relação à microdinâmica, graças ao seu silêncio de fundo, o ouvinte não necessita fazer nenhum esforço para notar o mais sutil pianíssimo presente na obra musical. Ainda que esteja no meio de uma obra sinfônica de grande complexidade, aquele sino ou triângulo, será escutado de forma integral. Já a macrodinâmica, novamente, dependerá do set de cabos e do casamento com a eletrônica. Pois ele não possui aquele 'arroubo' de energia transbordando, como um motor V8 turbinado (para fazer uma analogia com carros de competição). No momento em que o fortíssimo se apresentar o Luxman estará à postos, mas você jamais tomará sustos com ele, ou será pego de sobressalto. Nesse quesito outros players concorrentes possuem mais energia visceral, para te derrubar da cadeira. Mas ele não nos deixa frustrados, ou achando que negou fogo, apenas faz o dever de casa sem 'fogos de artifício' ou sustos desnecessários!

Sobre a materialização física do acontecimento musical, ainda que seja um excepcional CD Player, nesse quesito não existe milagre! Ou a gravação é perfeita o suficiente para enganar nosso cérebro, ou então não existe essa sensação de holografia sonora. Mas quando a gravação é boa o suficiente, seu cérebro acredita piamente que eles estão ali a poucos metros de distância de você! E como já citei acima, outro quesito em que o Luxman se destaca, e na musicalidade. Seu conforto auditivo é instantâneo. Um convite a esquecer do mundo, dos problemas, frustrações e mergulhar de corpo e alma nas suas gravações preferidas! ■

AVMAG #213
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255.9353
R\$ 64.000

NOTA: 91,0



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR INTEGRADO COM DAC WYRED 4 SOUND MINT

Christian Pruks



A empresa norte-americana Wyred 4 Sound foi fundada em 2007 pelo projetista E.J. Sarmento, um especialista em manufatura de eletrônicos, passando os seis anos seguintes ganhando bons reviews na imprensa especializada por produzir boa qualidade com preços acessíveis. Fica sediada na cidade de Atascadero, na região central da Califórnia, no condado de San Luis Obispo. A linha da Wyred 4 Sound compreende DACs, pré-amplificadores, powers, integrados, music servers e cabos analógicos, digitais e de força.

O mINT - abreviatura de 'mini integrated amplifier' - é mini só no tamanho, já que incorpora um pré com controle de volume linear tipo 'true-resistive ladder', um potente power classe D de 100 W feito com os célebres módulos ICE power projetados e fabricados pela dinamarquesa Bang & Olufsen, um DAC completo que usa chip ESS Sabre e que inclui entrada USB assíncrona além das digitais normais (que vão até 24-bit / 192 kHz), saída para ligar subwoofer ativo, loop para processador de sinal, entrada tipo 'direct' para conexão de um home theater e um circuito dedicado à amplificação de fones de ouvido. Ufa! Cabe tudo isso de fios no mINT? Cabe, cabe sim - ele é, do ponto de vista da engenharia, muito racional e bem montado. E me agrada bastante o tamanho pequeno do aparelho, sua racionalidade e montagem sólida. Vale notar que o controle de volume linear do mINT faz com que a operação do aparelho seja ligeiramente diferente do usual. Em um controle de volume usual, a maior parte da área de atuação do potenciômetro é do zero até a metade do curso. Já no mINT, o potenciômetro opera mesmo perto de 40% do curso em diante. Então, um volume de som mediano se obtém com o botão de volume na metade, e um volume alto ocorre com o botão de volume em dois terços do curso.

O DAC interno do mINT é de boa qualidade, bem correto e equilibrado, com bom timbre e corpo para esse nível de equipamento. Surpreendeu-me a qualidade da entrada óptica do mINT, pela qual o palco mostrou uma apresentação musical mais relaxada e recuada.

A impressão geral passada pelo mINT é de um pequeno valente, com boa definição e som limpo. O equilíbrio tonal do mINT é bastante correto, mas com pequena falta de ar em cima e sem 'escorregar'

muito no grave extremo, tendo uma ênfase em certas frequências mais altas de graves que dão uma concentrada neles de maneira a impressionar, a encher o som das caixas cuja resposta de graves não seja tão baixa - isso até que é uma boa ideia, pois maximiza a performance do mINT com caixas bookshelves em geral. O palco, diria que é o ponto mais alto da sonoridade do mINT. As texturas de contrabaixo, guitarra elétrica, enfim, as texturas de médios e médios-graves são realmente muito bonitas e agradáveis, prazerosas de ouvir.

Para a avaliação dos transientes, não tem 'prova dos nove' melhor do que o CD de piano solo *Chopin: Etudes Op. 10*, com Nelson Freire, pelo selo Decca. A faixa 4 é a perfeição para a percepção de velocidade geral, precisão de transientes, intencionalidade entre mãos e até entre uma nota e outra. Aqui eu senti uma ligeira pasteurização na diferença de velocidade e intencionalidade nas duas mãos do piano. No quesito de dinâmica, por preferência pessoal, gostaria que o mINT tivesse um pouco mais de pegada, de 'maisena no caldo' - pois por vezes parece faltar-lhe uma índole mais visceral. Por outro lado, tive dificuldade de fazer o aparelho embolar e perder inteligibilidade em altos volumes e tocando material com menos ambiência e ar, com um pouco mais de compressão, como é o caso do CD *Life, Love & The Blues*, da Etta James, pelo selo RCA. O mINT não irá negar fogo quando for mais exigido, e mostrará uma microdinâmica muito decente.

Se a busca é por um sistema de quarto ou de escritório, com um bom par de caixas bookshelves de alta qualidade, centrado no uso de fonte digital - como computador, streamer ou mesmo um DVD ou Blu-ray player - o mINT é uma excelente opção, com boa musicalidade, som limpo com timbre decente e palco bem arejado, que ocupa pouco espaço físico, tem excelente funcionalidade geral, assim como conectividade. É um pequeno valente: fala alto e bem!

AVMAG #210
 Audiomagia
 (31) 3140.9100
 US\$ 2.570

NOTA: 77,5



DIAMANTE RECOMENDADO

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RZHCJM07IMS](https://www.youtube.com/watch?v=RZHCJM07IMS)

AMPLIFICADOR INTEGRADO VALVULADO TRIODE TRV-35SE

Christian Pruks



Entre os valvulados recentes, com uma sonoridade que eu chamaria de mais completa e equilibrada, está o aqui analisado TRV-35SE, da empresa japonesa Triode. Sua sonoridade, que preserva vantagens da válvula como o timbre de médios, é completada pela qualidade de seus extremos, de uma maneira que vi apenas em poucos amplificadores do tipo, como é o caso dos Air Tight e dos Leben, por exemplo. A marca, que responde pelos nomes de Tri e Triode Corporation, foi fundada em 1997 na cidade de Koshigaya, na província de Saitama, no Japão, e pertence a Junichi Yamazaki, aficionado por projetos valvulados bem dimensionados e silenciosos.

O TRV-35SE é um modelo bastante simples dentre os integrados da marca, sem controle remoto e sem pré de phono interno, mas com saída para fones de ouvido. O TRV-35SE dá teóricos 45 W por canal, através de um par de válvulas EL-34 por canal no power, e duas 12AU7 com uma 12AX7 no pré.

Em termos gerais, o TRV-35SE mostra um som bonito e equilibrado, sem frontalizações, suficientemente detalhado e com bom timbre, sem sensações de falta de velocidade ou ataque, com boas texturas e ótimo recorte, principalmente nos graves e médios-graves. As durações e decaimentos dos instrumentos acompanham suas belas e naturais texturas. Muito natural e musical, além de prazeroso de ouvir! É um amplificador com bom equilíbrio tonal, com excelente extensão de graves e muito boa extensão de agudos. Os graves são energéticos e os agudos limpos - com baixíssimo ruído de fundo - combinados com os usuais médios sedosos e sedutores dos valvulados. O som é, diria, uma mistura de válvula tradicional com graves e agudos 'à altura', cheios e rápidos.

O palco do TRV-35SE é todo para trás e para fora das caixas, bem largo, mas sem nada de sensacional em matéria de profundidade, que é apenas correta. Quanto à dinâmica, há algumas considerações: diferente dos amplificadores valvulados de potência muito baixa, como 8 ou 10 W, que precisam de caixas especiais para lidarem com essa pouca potência, o TRV-35SE da Triode é um integrado de 45 W e, portanto, tem que ser encarado como um amplificador normal, que deve - ou deveria - se casar com a maioria das caixas do mercado. Portanto, a melhor reprodução em um sistema com o integrado TRV-35SE da Triode será com o melhor casamento dele com caixas acústicas que lidem com sua potência e impedância, senão coisas como pegada, volume de som e variação dinâmica serão problemas sérios. Por outro lado, a microdinâmica, ouvindo em volumes altos, se mostrou bastante inteligível.

Pequeno, simpático, bonito, bem acabado e silencioso, o Triode TRV-35SE é musical, equilibrado e completo, se for bem casado - e de maneira muito bem pensada - quanto às caixas acústicas, cabos e a sala onde ele será usado. ■

AVMAG #209
 Alpha Áudio & Vídeo
 (11) 3255.9353
 R\$ 8.835

NOTA: 78,25



DIAMANTE RECOMENDADO



AMPLIFICADOR INTEGRADO ROGUE AUDIO PHARAOH

Christian Pruks



A Rogue Audio foi fundada pelo seu principal engenheiro e desenvolvedor Mark O'Brien, no estado americano da Pensilvânia, 19 anos atrás. O'Brien, um físico formado pela California Polytechnic State University (Cal Poly), da região da costa central desse estado, logo passou a trabalhar com o desenvolvimento de lasers e, depois, em pesquisa e desenvolvimento no Bell Labs. Fã de equipamentos de áudio, na década de 1990 resolveu desenvolver seu próprio pré-amplificador, devido à quantidade de produtos não muito bons e caros que havia no mercado. Foi o primeiro passo para a fundação da Rogue Audio.

Inicialmente, os produtos da Rogue eram 100% focados em topologias valvulares - que sempre foi a predileção de O'Brien - mas vários produtos recentes, os amplificadores integrados, passaram a adotar placas de saída em classe-D, mais especificamente os módulos da empresa holandesa Hypex, uma das pioneiras em placas e módulos de amplificação digital.

O integrado Pharaoh é, então, composto de uma seção de pré-amplificação valvulada tipo mu-follower, equipada com um par de válvulas 12AU7 (que, no caso do aparelho que veio para teste, eram JJ Electronic, feitas na República Eslovaca). O mu-follower é uma topologia de valvulado só de ganho de corrente e não de ganho de tensão, que usa um MOSFET para amplificar a corrente em vez de usar a própria válvula, sendo uma solução de baixo consumo, linear e com

autopolarização. Procurando, para a saída do aparelho, qualidades de transistor para combinar com o pré valvulado, e também almejando um circuito de alta eficiência e estabilidade térmica, O'Brien escolheu que a saída do equipamento fosse em classe-D, evitando o constante ajuste, regulagem e manutenção da área de potência de um amplificador valvulado. O módulo escolhido foi o UCD400, da Hypex, no qual O'Brien faz várias modificações, substituindo parte do circuito por projetos próprios. O'Brien inseriu um pré de fono interno com seleção para cápsulas de saída alta MM (Moving Magnet) ou de saída baixa MC (Moving Coil), além da configuração em várias posições da carga resistiva em paralelo com a cápsula MC.

O Pharaoh é um aparelho bastante potente, estável em seu funcionamento, e com uma série de bons recursos e entradas, além do controle remoto de volume 'mute' - portanto é um aparelho muito compatível e de operação extremamente elementar.

O equilíbrio tonal do Pharaoh é interessante: extenso nos graves e bem arejado nos agudos, tem bom peso nos graves mas estes são um pouco secos - e por vezes isso dá a impressão de mais recorte, apesar de que podia ter um pouco mais de harmônicos nos mesmos. Uma das maiores notas do Pharaoh vai para seu palco sonoro, amplo, extremamente arejado e de enorme relaxamento. A ambiência, profundidade e largura são impressionantes.

Para avaliação de texturas eu usei o fabuloso CD *Asian Roots* (Denon) com TakéDaké e o flautista John Kaizan Neptune, onde todos os instrumentos são feitos de bambu, a começar da flauta, acompanhada de uma marimba e várias percussões - tudo de bambu. Esta é uma soberba gravação, muito usada décadas atrás como disco de testes de sistemas, tem uma das melhores captações que já ouvi e, aqui, as texturas do ar pela flauta e de percussões como o pau-de-chuva são lindas.

Estranhamente - e essa é a primeira vez que vejo isso - os transientes do Pharaoh não acompanham suas texturas. Na verdade, a falta de visceralidade dos transientes desse amplificador, e sua definição, não chegam a incomodar tanto, mas combinados com sua segura de harmônicos, é que fazem o ponto mais baixo do Pharaoh, tornando ele pouco ideal para quem quer se sentir dentro de uma orquestra ou mesmo para quem quer esmiuçar cada intencionalidade ou expressão musical de cada um dos vários instrumentista de uma peça complexa.

Um pouco mais difícil foi avaliar a dinâmica do Pharaoh. Na minha visão, a melhor maneira de fazê-lo é através de música orquestral, onde as variações dinâmicas, os crescendos, soam naturais ou não, soam comprimidos ou não. Mas, como esse tipo de música não se dá bem com esse amplificador, tive que buscar outro tipo de gravação. Fechei com *From the Caves of the Iron Mountain* (Canyon), com o contrabaixista Tony Levin, o baterista e percussionista Jerry Marotta e o flautista e saxofonista Steve Gorn. Essa gravação é feita toda dentro de uma caverna, aproveitando as particularidades da acústica viva da mesma, e também é registrada de maneira espartana, utilizando apenas dois microfones posicionados de maneira binaural, ou seja, simulando a posição dos ouvidos humanos. Aqui ficou clara a diferença dinâmica entre as percussões, o baixo e as flautas e sax, perfazendo excelente nota de dinâmica para o Pharaoh.

O pré de fono interno do Pharaoh merece um comentário à parte: tem um silêncio de fundo superior, um som mais quente, com mais harmônicos que o som obtido pelas entradas de linha no aparelho, e com uma sensação melhor de velocidade, de impacto - e ainda assim respeita as belíssimas texturas, ambiência e o grande e arejado palco, que são as grandes características desse equipamento.

Bastante versátil, o Pharaoh tem uma placa de fono interna MM / MC de qualidade superior e um sistema de amplificação que não esquenta ou requer ajustes, trazendo ainda uma entrada tipo by-pass que permite que se ligue um home-theater nele ou que o mesmo seja usado como power, entrada balanceada além das RCA, saída para gravação e saída para usá-lo como pré de linha, e uma saída para fones de ouvido com peso, potência e autoridade.

O Rogue Audio Pharaoh é um integrado com um som muito limpo, muito musical, excelente palco, ambiência, espacialidade, e com um timbre e texturas invejáveis! ■

ARTE ACÚSTICA

TRATAMENTO ACÚSTICO PARA SALAS DE AUDIÇÃO MUSICAL

Material de baixo custo •
Acabamento personalizado •
Rápida instalação •

FREDERICO RIBEIRO

(81) 9987.1809

fredericoc.ribeiro@uol.com.br

AVMAG #213
Audiomagia
(31) 3140.9100
R\$ 23.892

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR INTEGRADO REGA ELICIT-R

Fernando Andrette

Existem equipamentos que parecem ser, no primeiro momento, um mamão com açúcar para avaliarmos e que em poucos dias de audição se transformam em um grande ponto de interrogação! Esse foi o caso específico do integrado Rega Elicit-R. Um amplificador de 13 quilos, 105 Watts em 8 ohms ou 162 watts em 4 ohms, que nos deu literalmente um nó auditivo quando o colocamos em teste!

O Rega Elicit-R assim como o Saturn-R recentemente testado não é um produto em termos de design dos mais atraentes. Ainda que tenha que reconhecer que sua construção é de um padrão muito alto e esmerado!

No painel frontal, da esquerda para a direita, para temos: botão de liga / desliga, seletor de entrada, volume e três botões: Mute, Direct (para uso em um sistema de Home Theater) e Record. Às suas costas da direita para esquerda: plugue de força IEC, terminais de caixa, saída pré, entrada Direct, saída de gravação, entrada Record, 4 entradas RCA de linha Record Input e Output, Record Output Link, 5 entradas RCA e uma entrada conversível de linha para fono MM. Os terminais de caixa permitem tanto o uso de plug banana quanto forquilha.

Ficamos cinco meses com o Rega Elicit-R e agradeço publicamente a Alpha pela paciência em nos emprestar por tão longo tempo o produto. Afirmando depois de tanto conviver com o produto, tratar, em minha humilde opinião, do melhor integrado já desenvolvido pela Rega. E digo isso por ter tido a oportunidade de conviver com todos os integrados produzidos por esse fabricante inglês desde a década de noventa do século passado. Mesmo o Osiris, o integrado topo de linha da Rega, que escutei por uma semana, junto com o maravilhoso CD-Player Isis, não me seduziu ou empolgou tanto.

O que causava resistência em relação à sonoridade dos integrados da Rega era que faltava maior extensão nos extremos e um maior grau de transparência. Ainda que houvesse o reconhecimento de sua musicalidade, nunca foram amplificadores capazes de nos fazer dizer "uau!".

O Elicit-R em nada lembra suas versões anteriores. A começar pela bela extensão nos dois extremos. Os graves são profundos, articulados, com excelente corpo e uma textura de ruborizar muitos integrados estado da arte, custando até o triplo do seu valor! Na outra ponta, os agudos possuem um decaimento quase perfeito, possibilitando detectar de imediato o local da gravação (pela ambiência), um arejamento de primeira na última oitava de violinos, flautins, piano, saxofone soprano, etc. Mas, a beleza predominante nesse belo integrado está no equilíbrio, naturalidade e transparência da região média. Jamais escutei em nenhum outro amplificador da Rega tamanha musicalidade e delicadeza. Foi desconcertante ouvir o aprimoramento dessas características com o amaciamento: uma queima que deverá ser de pelo menos 200 horas para se descobrir o potencial desse integrado.

Mas não pensem que ele é divino apenas nesse quesito, equilíbrio tonal. Suas virtudes vão muito além: com um soundstage corretíssimo tanto em termos de foco, recorte e planos. Novamente nesse quesito ele coloca em serias dificuldades muitos integrados bem mais caros!



E outra de suas maiores virtudes é a apresentação de texturas! Meu amigo prepare-se, pois com seu grau de musicalidade e transparência, o que você irá escutar em termos de qualidade do músico e seu instrumento, e a intencionalidade de cada obra, é louvável de ser descrita.

Outra preciosidade desse integrado é sua marcação de tempo e ritmo. Nesse aspecto ele lembrou-me as amplificações Naim, referências absolutas nesse quesito! Gravações de piano solo ficam absolutamente encantadoras no Elicit-R, por dois aspectos seu alto grau de precisão na marcação de tempo e pelo andamento.

A Rega já está colhendo bons frutos com esse novo integrado, prêmios como integrado do ano em diversas revistas européias e certamente o sucesso desse novo amplificador dará um novo norte para os engenheiros da Rega.

Para aqueles que com a alta do dólar perderam a esperança de fazer um upgrade em seus sistemas, mas não abriram mão de ter um sistema estado da arte, eis uma opção! Se o seu desejo sempre foi um sistema estado da arte que tenha o melhor equilíbrio possível entre transparência e musicalidade, você deve escutar esse integrado. Mas, atenção se sua preferência musical se estende para grandes obras sinfônicas, ele pode deixar a desejar naquele ímpeto e autoridade final! No entanto, se sua discoteca é eclética em termos de gênero musical, com gravações que não são um primor técnico, o Elicit-R é uma das melhores opções que já escutei nos últimos anos. Ele realmente faz milagres com gravações ruins!

Outra qualidade que não poderia deixar de citar é sua enorme compatibilidade com cabos, caixas e eletrônica uma verdadeira referência que merecia ser copiada por outros fabricantes. Sua performance não cai vertiginosamente com a troca de cabos, e isso foi um dos fatos mais relevantes nesses cinco meses de teste. Coloque-o com os pares que caminham na mesma direção e você terá chegado lá, no topo do prazer auditivo!

AVMAG #214
 Alpha Áudio e Vídeo
 (11) 3255.9353
 R\$ 29.700

NOTA: 83,5



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OS6T0EPRKDY](https://www.youtube.com/watch?v=OS6T0EPRKDY)

AMPLIFICADOR INTEGRADO DEVIALET 800

Fernando Andrette



O teste com o Devialet 800 (2x 800 W) foi uma sugestão da Fabiana e do Carlos em uma conversa informal que tivemos na última vez que os visitei para conhecer o Phantom. (como recusar uma proposta tão tentadora?). Afinal, se algo na Devialet não muda, é a velocidade com que esse fabricante disponibiliza upgrades em seus produtos! Diria que é no mínimo um novo aplicativo por mês! A intenção da Devialet era justamente nos mostrar a facilidade e o salto que é utilizar dois Devialet 250 em dual mono e também escutar o RAM Phono Stage, que como o SAM, possibilita ao usuário fazer o ajuste correto de sua cápsula de phono, seja ela MM ou MC, ajustando equalização, sensibilidade, resistência e capacitância. Tudo em tempo real!

Para utilizar dois Devialet 250 em dual mono e dobrar sua potência, precisamos apenas de um cabo digital coaxial ligado do 'mestre' para o 'escravo'. Segundo o fabricante, essa configuração (Devialet 800) é a melhor solução que a Devialet pode oferecer no atual estágio de desenvolvimento da tecnologia ADH, e em termos de especificações os números são realmente surpreendentes. A alimentação chaveada dedicada a cada caixa oferece mais potência e maior dinâmica, notadamente quando utilizado a tecnologia SAM. Na configuração dual mono, o fabricante afirma que suprime o retorno de corrente na massa e melhora a performance do DAC 'Magic Wire', assim como das entradas analógicas com uma distorção harmônica de 0,00025%! O modo dual mono (segundo o fabricante) reduz também o jitter do sinal em todas as entradas digitais, e todos os sinais possuem amostragem de 384 kHz devido a uma implementação única que explora todo o potencial do DAC Magic Wire.

Minha experiência com os amplificadores Devialet pode ser considerada 'consistente', afinal testamos o D-Premier, o 200, ouvimos por diversas vezes o 400 e agora o 800 dual mono. Mas a cada audição de um Devialet sempre estará reservado algumas 'surpresas'. Começaria por afirmar que o silêncio de fundo é ainda mais surpreendente que no 400 (que já é magistral!). Imediatamente se percebe que ruídos sutis (bote sutil nisso) no 800 estão mais evidentes. Esse detalhe permite em grandes interpretações ter uma ideia mais exata da performance e do caráter emocional e intencional. Um exemplo dessa característica foi escutar a interpretação da Elis Regina no disco Tom e Elis, faixa 4, 'Modinha'. A carga emocional que ela coloca na palavra 'coração',

que fecha a melodia, no 800 nos passa a sensação de estarmos frente a frente com a Elis!

Outra característica muito evidente do 800 é quase óbvia: sua capacidade e autoridade na reprodução de macrodinâmica! Com nenhuma das três caixas utilizadas consegui, mesmo a 'plenos pulmões', sequer esboçar algum endurecimento ou clipagem. Realmente para aqueles que desejam um controle férreo e gostam de audições bem altas, o Devialet 800 é seguramente uma excelente opção! Outra significativa mudança em relação a todos os modelos que escutei da Devialet, é que o controle das baixas frequências, do peso e do deslocamento de ar são impressionantemente melhores. Se nos outros modelos ainda é possível achar que os graves são um pouco mais secos, no 800 isso não ocorre! Agora junte essas qualidades à velocidade dos graves, que sempre foram magníficos em todos os modelos, e certamente sua conclusão será muito semelhante à de todos os articulistas que já tiveram o prazer de ouvir o 800. Sua performance tornou-se ainda mais convincente!

Por último, não poderia deixar de descrever minhas impressões com o pré de phono do Devialet 800. E ainda que tenha restrições em pegar um sinal analógico e transformar em digital, para depois entregá-lo na saída novamente analógico, tenho que admitir que a resolução foi melhor do que imaginava, com excelente silêncio de fundo, ótimos transientes, soundstage e corpo harmônico! Nesses quesitos, diria ser surpreendente o desempenho do Devialet 800.

Voltando ao 800, sua performance com fonte digital pode ser considerada soberba e deve ser levada a sério por todos que desejam um sistema minimalista que já provou estar preparado para os novos consumidores de produtos hi-end de ponta. Se você, amigo leitor, já conhece o Devialet, e só queria aquele 'algo a mais' em termos de potência e autoridade férrea no controle do sinal, esse produto já está à sua disposição: peça uma audição, leve seus discos preferidos e desfrute de um genuíno produto hi-end do século XXI!

AVMAG #211
 Devialet
 (11) 5051.4049
 R\$ 148.900

NOTA: 92,0



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H300

Fernando Andrette



A história da Hegel é muito interessante e começa em 1984, quando um jovem de nome Bent Holter, estudante da Universidade Técnica de Trondheim, decidiu fazer uma tese sobre as características do transistor. E Bent logo percebeu que havia um vilão no caminho da amplificação do sinal chamado distorção harmônica, e que ela estava presente mesmo na amplificação de uma simples senoide. Pesquisando a fundo para sua tese, ele constatou que a distorção harmônica na amplificação de um sinal mais complexo como a música os resultados eram catastróficos. Nesse mesmo período, Bent Holter tocava em uma banda de rock chamada The Band Hegel (uma homenagem ao filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, um dos fundadores do idealismo alemão), e como primeiro guitarrista, resolveu aplicar suas teorias no desenvolvimento de um amplificador para o seu instrumento com baixa distorção harmônica. Bent resolveu então quebrar com todos os esquemas clássicos sobre amplificação, e desenvolveu um projeto que mais tarde foi batizado de SoundEngine Technology, e como essa nova topologia tinha um enorme potencial, Bent resolveu patentear, antes de se lançar em produzir em escala industrial amplificadores com essa nova tecnologia.

O H300, segundo o fabricante, utiliza tecnologia do pré-amplificador P30 e do power H30. Ele possui 250 W por canal em 8 Ohms e 430 W em 4 Ohms. Ainda que sua aparência pareça modesta nos moldes dos integrados mais tops do mercado, uma visão mais detalhada imediatamente desfaz essa primeira impressão. Seu gabinete é de alumínio usinado, com uma sutil curvatura que lhe dá uma sensação de movimento e leveza. Na sua frente temos apenas à esquerda um grande botão que seleciona as entradas, seguido de um botão no centro do painel e abaixo do visor que liga e desliga o H300, e à direita, o botão de volume. Quando ligado, seu enorme display de cor azul mostra a entrada selecionada e o volume, que vai de zero a 99. O H300, além de um amplificador integrado, também é um DAC com cinco entradas digitais. O circuito é todo dual mono, com transistores FET casados com uma tolerância de apenas 0,5%, e o atenuador de volume é o mesmo utilizado no pré mais sofisticado da Hegel, o P30. O estágio de amplificação possui uma fonte de 1000 VA, com capacitores de 90,000 uF. A amplificação é classe AB. O DAC de 32-bit interno do H300 utiliza o chip AKM AK4399 que, segundo o fabricante, é o melhor chip de áudio da atualidade, com uma resolução de 192 kHz / 24-bit. ▶

O DAC escolhido para o H300 foi o HD11 (o DAC mais vendido da empresa), porém os engenheiros optaram por uma melhora significativa para ampliar sua performance, utilizando fontes de alimentação mais robustas e uma maior precisão do clock (totalmente projetado e também patenteado pela Hegel).

Existe no H300 a função DAC Loop, que possibilita adicionar, por exemplo, o DAC top de linha da Hegel, o HD25, utilizando o clock interno do H300. Esse loop de DAC tem um circuito reclocker S/PDIF de alta qualidade que remove instabilidades de todas as entradas digitais, de modo que o H300 possa ser usado como um reclocker independente em qualquer sistema de áudio. Utilizando esse recurso, o fabricante afirma que a redução de jitter em qualquer sistema digital utilizado será audivelmente notada.

O H300 em 217 horas de queima mudou muito pouco. A principal alteração se deu próximo a 150 horas, quando seu palco, que já é notável, se tornou magistral! Em nenhum teste de amplificadores integrados já publicados tivemos apresentações de música sinfônica tão impactantes. Os planos não são apresentados, e sim reapresentados à nossa frente como foram captados e mixados pelo engenheiro de gravação, assim como o foco, o recorte, a altura, a largura e a profundidade. Você consegue, por exemplo, em uma gravação multicanal, perceber se o músico virou mais de lado ou se inclinou para a frente. Mas não pense, amigo leitor, que esse grau de detalhamento ocorre por uma supertransparência, o motivo é outro: total correção de fase, o que coloca o H300 como a referência dos integrados na apresentação de foco e recorte. Os amantes de rock deverão tomar alguns cuidados antes de escutar seus discos preferidos no H300, pois terão inúmeras surpresas desconcertantes.

O H300 soa impávido, sem nenhuma gota de suor ou sensação de fadiga e endurecimento. O som, ainda que saturado e comprimido, possui um senso de organização e equilíbrio que nos faz apreciar com um interesse redobrado tudo que escutamos. O equilíbrio tonal do Hegel é tão desconcertante, que nós devemos apreciar primeiramente todos os seus outros atributos, e só depois de saciados com as suas belezas, ser todos ouvidos para o seu equilíbrio tonal. Primeiramente direi que aqueles que buscam certa luz e brilho em alguma frequência em particular, esqueçam. Mas para todos que desejam ouvir fielmente o que está contido na gravação, o H300 é a opção acertada!

Tudo no H300 soa com enorme naturalidade, mas com uma grande vantagem: sem ser excessivamente romântico ou sedoso. Ou seja, ele não faz parte dos amplificadores de estado sólido que são ultratransparentes, mas que pagam um alto preço ao soarem secos e pouco naturais, e nem tampouco da corrente dos que são musicais e molhados, mas que perdem detalhamento e transparência.

Deixei por último minhas observações a respeito do grau de musicalidade do H300, pois esse quesito merece algumas considerações adicionais. Para os que participaram dos nossos cursos de Percepção Auditiva, sabem que defendemos que o grau de musicalidade de um sistema dependerá diretamente do melhor equilíbrio possível em relação a todos os quesitos da nossa metodologia. E, ainda que muitos achem que o quesito musicalidade seja algo meramente subjetivo, quando todos os quesitos estão em perfeita harmonia, atingir essa qualidade tão desejada é muito mais fácil. O H300 enquadra-se nesse perfil de produto que faz tudo que um produto hi-end busca e almeja de forma tão equilibrada e consistente, que falar em musicalidade nesse caso é o mesmo que 'chover no molhado'. Sua musicalidade é o que prevalece desde o primeiro instante e, claro, o que mais encanta a todos! Estou falando em ordem de grandeza absoluta, e não em algumas circunstâncias ou determinados gêneros musicais ou gravações absolutamente corretas tecnicamente. Falo de uma musicalidade com gravações ruins, boas e excelentes. Falo de uma musicalidade extraída em situações adversas, mesmo daqueles discos que já desistimos de escutar, pois chegamos à conclusão que ele não possui nenhuma qualidade técnica que nos permita colocar em nossos sistemas. Todos nós temos esses discos, e pela primeira vez consegui reproduzi-los; ainda que com todos os seus defeitos, consegui escutá-los, e mais uma vez apreciar sua qualidade artística! O filósofo Hegel escreveu: 'a música torna a interioridade inteligível a si mesma'. Não posso afirmar que o projetista Bent Holter porventura quis dar aos seus produtos esse 'caráter sonoro', mas o fez, ainda que inconsciente. Pois se tem uma forma de traduzir a grandiosidade e beleza do H300, é a de que ele é capaz de nos traduzir de forma eficaz e fidedigna à música da mais simples e singela canção de ninar à complexidade de uma sinfonia de Beethoven. ■

HEGEL H300 COM DAC HD 11
NOTA: 86,0

HEGEL H300 COM dCS SCARLATTI
NOTA: 93,0

AVMAG #209
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
Preço: sob consulta



ESTADO DA ARTE

SHOWROOM:

RUA MARECHAL DEODORO, 869 - CURITIBA

41 3018-0790

f GERMAN-AUDIO

 YG ACOUSTICS™**A busca pela perfeição de Yoav Geva.**

Aos 16 anos, Yoav Geva construiu sua primeira caixa acústica, insatisfeito com a qualidade das marcas oferecidas no mercado. Foi o começo de uma obsessão. Desde então, o israelense fundador da YG Acoustics criou inúmeras tecnologias que revolucionaram a indústria. Inovações que renderam mais de 30 prêmios internacionais e admiradores em todo o mundo.

A revista The Absolut Sound acaba de considerar a Sonja 1.3 um dos 100 produtos mais importantes da história do áudio.

Tecnologias exclusivas YG Acoustics:

- DualCoherent™ - Crossover exclusivo, coração do sistema desenvolvido por Yoav Geva.
- BilletCore™ - Drivers exclusivos esculpidos em alumínio maciço, evitando rachaduras causadoras de distorções.
- ForgeCore™ - Introduz geometrias tridimensionais no sistema de ímãs, trazendo mais naturalidade e relaxamento.
- ToroAir™ - Indutores que utilizam a tecnologia toroidal que eliminam o crosstalk.
- Cabinet Technology - Gabinete esculpido em alumínio maciço, eliminando vibrações.
- FocusedElimination™ - aplicação de tecnologia antirressonância na origem, eliminando ondas estacionárias.

Perfeição em cada detalhe, esta é a assinatura da YG Acoustics.

MÚSICA TEM ASSINATURA.

SEU SISTEMA TAMBÉM PRECISA TER.

german
Audio

ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR HEGEL P30

Fernando Andrette



Segundo Bent Holter, o presidente da Hegel e seu principal projetista, o P30 é o amplificador de linha mais avançado tecnologicamente que a Hegel já desenvolveu. O circuito é montado em três placas (PCB) - uma grande, ocupando quase toda a totalidade do chassi, e duas menores. Segundo o fabricante, o sinal segue um caminho ultracurto, dirigindo-se primeiro para a placa menor, montada acima da principal, onde o volume é controlado. O potenciômetro preto Alps não está no caminho do som, ele controla uma série de resistências chaveadas eletronicamente. Esta seção foi feita de acordo com o conceito desenvolvido e patenteado pela Hegel, e batizado de SoundEngine. Quando publicamos o teste do H30, escrevi que tinha um enorme interesse em escutar o P30 com seu par, para saber se algumas características sônicas tão apreciadas no integrado H300 (que foi derivado diretamente do P30 e do H30) se repetiriam.

Como o P30 veio lacrado, aplicamos todo o ritual de amaciamento (uma primeira audição para inúmeras anotações) e depois a queima com escutas a cada 50 horas, repetindo os mesmos discos. Inversamente ao H30 e o H300, que já saem tocando muito bonito, o P30 desaponta, pois seu som é frontal e com engessamento nos dois extremos assim que sai da embalagem e entra no sistema pela primeira vez.

Voltando à fase de amaciamento, uma dica aos futuros compradores dessa joia: deixe-o queimando por pelo menos 200 horas antes de realizar qualquer audição séria! As primeiras 150 horas são sofríveis, e só causarão taquicardia nos mais inseguros, pois sua sonoridade muda muito no período de amaciamento. Arrisco até em afirmar que talvez esse seja o motivo de termos poucos testes publicados do conjunto (H30 e P30); eu vasculhei na internet e só achei dois testes! Mas se tiver paciência e resignação, acredite - suas virtudes são muitas. A primeira grande mudança depois de 150 horas ocorreu com a melhora no extremo grave, com ganho de corpo, foco, recorte e extensão. Com 180 horas, finalmente o extremo agudo apareceu, com arejamento, decaimento correto, velocidade e corpo. E com 200 horas de queima, foi possível fazer audições prazerosas por muitas horas, sem o menor grau de fadiga auditiva. Mas o P30 realmente carece de um longo burn-in, para nos mostrar todo seu potencial (com 320 horas ainda sentimos melhoras, principalmente na apresentação de texturas e organicidade).

Como tinha em minha memória auditiva ainda claro a performance do integrado H300, foi essa a referência que busquei desde o primeiro instante escutar o P30 ligado ao H30. Imaginei que o conjunto teria ►

toda a beleza do integrado, com um maior refinamento. Mas nada como a prática, para desintegrar teorias! Ainda que o integrado H300 tenha muito do 'DNA' sonoro do P30 e do H30, é covardia tentar ombrear o integrado com o pré e power top de linha da Hegel. A diferença mais contundente é a macrodinâmica - nesse quesito a distância é enorme! Gravações que fiquei 'extasiado' ao escutar no integrado H300, simplesmente são 'redimensionadas' quando as escutamos no P30 e H30. O poder de fogo e de folga desse conjunto é assustador! Você literalmente se sente à vontade para ouvir qualquer variação dinâmica (claro, se suas caixas permitirem) no volume máximo da gravação, com um sorriso estampado no rosto!

Outra qualidade inquestionável do P30 é que mesmo em volumes reduzidos (tipo sete ou oito horas no botão de volume) o equilíbrio tonal é perfeito. Sempre observo esse detalhe, pois em muitos prés, em volumes baixos o grave é ligeiramente recuado (ou até mesmo some). Isso não ocorre com o P30. Ele permite audições precisas, ricas em detalhes, transparência, equilíbrio e conforto em volumes realmente baixos.

Seu equilíbrio tonal é de alto nível, sem nunca jogar luz ou coloração. Os agudos são extremamente limpos, velozes e com decaimento correto. Os médios são muito naturais, e os graves, como no power H30, são precisos, velozes, recortados e com um peso, corpo e energia contagiante. Para os 'graves maníacos' ou 'graves dependentes', ouvir essa dupla é uma experiência obrigatória! Bumbos, tímpanos e percussões japonesas são capazes de nos fazer ficar grudados na cadeira, sem sequer piscar! Em termos de soundstage, o P30 só perdeu em profundidade para o nosso pré de linha de referência (mas esse custa mais que o dobro do preço). Os planos são apresentados com precisão milimétrica, com excelente foco, recorte e arejamento. O palco sonoro, seja em apresentação de pequenos grupos ou grandes orquestras, permite um excelente conforto auditivo e ótima inteligibilidade. Dois quesitos fazem desse conjunto uma obra-prima: dinâmica (micro e macro) e transientes. Nesses dois quesitos o P30 ombreou com total autoridade ao nosso pré de linha de referência. E em muitas gravações desses dois quesitos, gostei mais da apresentação dos Hegels!

O P30 é mais musical do que transparente, mas seu silêncio de fundo permite que se acompanhem todas as sutilezas presentes em uma gravação, como barulho de chave, ruído de virada de partitura, movimento de cadeira etc., mas nunca dando ênfase a esses detalhes. Para os que apreciam sentir até o hálito do cantor, o P30 não será a melhor solução. O P30 oferece ao ouvinte uma apresentação viva, pulsante, intensa e com enorme precisão. Escutei toda a minha

coleção de discos do Bill Evans Trio (CDs e LPs) só para apreciar o trabalho de cada um dos músicos. As texturas são divinas, possibilitando acompanhar não só a técnica de cada um dos bateristas e baixistas que tiveram a sorte grande de tocar com esse pianista excepcional, como observar o grau de criatividade e intencionalidade deles solando.

Prés de linha são (em minha opinião) o componente mais delicado do sistema, e casá-lo é uma árdua tarefa! Os grandes prés de linha, aqueles que são um ponto fora da curva, não existem de baciada. E infelizmente, esses grandes prés não são baratos. O P30 está na fronteira, com um pé do lado de cá (dos prés ultracorretos) e outro solidamente do lado dos prés excepcionais. E com uma grande vantagem: seu preço! Se você pensa em um upgrade no seu pré atual para um na faixa de 15 mil dólares, escute o Hegel P30. E se você já tem ou pensa em comprar o H30, aí meu amigo, não perca tempo e adquira o pacote, pois juntos eles nos fazem descobrir que é possível ter um sistema Estado da Arte gastando menos de 50 mil dólares! ■

AVMAG #212
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 14.990

NOTA: 93,5



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FIG_USR6TAG](https://www.youtube.com/watch?v=FIG_USR6TAG)

AMPLIFICADOR AVM OVATION SA8.2

Fernando Andrette



O dono e fundador da empresa, Udo Besser, gosta de lembrar em suas apresentações pelos Hi-End Shows mundo afora, que a AVM é uma empresa alemã altamente verticalizada, e que possui domínio integral de todas as etapas de produção, e o que não é feito dentro da empresa (como painéis frontais e transformadores) é produzido por fornecedores / parceiros de longa data, e que participam e discutem cada etapa de desenvolvimento de um novo produto.

Udo Besser também gosta de ressaltar que é seu lado audiôfilo que determina os produtos que deverão ser lançados, e que só depois o seu lado engenheiro se coloca à disposição, para colocar em prática o projeto idealizado pelo audiôfilo. O AVM Ovation SA8.2 vem embalado em um extraordinário case (como os de instrumentos musicais e mesas de sonorização de áudio profissional), o que garante total segurança no transporte, seja ele aéreo, terrestre ou naval. Sua construção segue rigorosamente o padrão de todos os grandes fabricantes de áudio alemão - impecável em todos os detalhes. Seu gabinete prima pelo bom gosto e discrição, nada de ostentação ou ornamentação desnecessária, e seu visor ao centro do painel frontal de cor azul possibilita acompanharmos em tempo real a potência que está sendo utilizada, e pode ser desligado pelo controle remoto caso o audiôfilo não deseje saber a potência debitada em cada música que ele tanto gosta de escutar em seu sistema.

No seu painel traseiro, o Ovation SA8.2 oferece um arsenal de possibilidades, como entrada single-ended (RCA) e balanceada (XLR), terminais de caixa WBT top de linha e tomada IEC de 16 ampères! Segundo o fabricante, o AVM Ovation SA8.2 é capaz de conduzir qualquer caixa acústica, até cargas nominais de 1 Ohm! Sua potência é de 220 W em 8 Ohms, 440 W em 4 Ohms e 650 W em 2 Ohms. Ele também pode fornecer até 60 V nos terminais de alto-falantes e possui um fator de amortecimento maior que 1.000! A fonte de alimentação

é composta por dois bancos de 100.000 uF, além de capacitores e transformadores de potência de 1.000 VA! O SA8.2 (permitam-me abreviar) trabalha em classe A até 24 W e depois em classe B. As placas de circuito são todas banhadas em cobre OFC e cobertas com um banho de ouro.

Parece que é uma unanimidade - de todos os articulistas que já testaram o SA8.2, afirmam tratar-se de um dos powers mais neutros que já escutaram. Um deles, Anthony Cordesman, da Absolute Sound, fez uma afirmação muito interessante: 'a música que atravessa o SA8.2 é muito fácil de ouvir, mas o próprio SA8.2 é difícil de ouvir'. Ou seja, seu grau de neutralidade está presente mesmo em casamentos com diferentes prés de linha, cabos e caixas. Nossas primeiras impressões com 180 horas de queima foram as melhores possíveis! Seu altíssimo grau de transparência e sua autoridade e firmeza, mesmo em exemplos complexos (com picos de 107 dB) são realmente impressionantes. Tudo é feito com uma autoridade e folga que nos leva imediatamente a dobrar nossa atenção ao que estamos ouvindo. Tudo sem resquício de qualquer tipo de coloração ou amaciamento, mostrando que ele está à disposição de apenas fazer com que a música flua como ela foi concebida!

Mas não pensem que isso coloca o SA8.2 naquele contingente de amplificadores frios, ou pouco musicais, pois sua atuação passa muito distante dessas características. O que ele não se permite é abrandar ou amenizar um ataque fortíssimo, ou 'arredondar' o timbre de um metal ou metais, tornando-os mais confortáveis. Esse tipo de concessão não consta em suas qualidades. Agora, se o audiôfilo desejar uma performance precisa e contundente (essa é a melhor palavra para descrevê-lo), pode contar com todos os seus atributos. E com uma vantagem: zero de endurecimento ou frontalização. Quando outros amplificadores pesos-pesados já jogaram a toalha, ele se mantém impávido e folgado!

O maior exemplo foram os tiros de canhão da abertura 1812. O susto é do ouvinte, com petardos de potência que passaram de 778 W!

Achei que depois de uma primeira audição tão impactante, seria interessante esperar mais 100 horas e ouvir o que mudaria em termos de assinatura com 280 horas de amaciamento. Pois bem, o SA8.2 atingirá todo o seu incrível potencial com aproximadamente 300 horas. Sua autoridade continuou a mesma, mas seu equilíbrio tonal, apresentação de texturas e timbres ganharam maior neutralidade, extensão e corpo (principalmente nos médios-graves). Essas qualidades adicionais foram bastante positivas, pois possibilitou a audição de inúmeras gravações tecnicamente limitadas. O SA8.2 não altera sua assinatura com mudança de cabos, e nem tampouco com prés de linha. Tudo parece ficar bom, com mudanças tão pontuais que às vezes você leva horas para entender o que ocorreu. Ele é muito mais suscetível à mudança do cabo de força do que o de caixa, interconexão ou, como escrevi, do pré de linha!

O que é importante saber é que o SA8.2, ao contrário de muitos outros amplificadores Estado da Arte, possui uma facilidade e um grau de compatibilidade muito alto, talvez o maior índice de compatibilidade de todos os grandes powers que aqui já teste! Aliado à sua imponente autoridade, temos uma precisão em termos de velocidade acachapante! A qualidade dos seus transientes é digna de ser ouvida e

admirada! Ouvi dois solos de bateria, indescritíveis em termos de precisão, andamento e ritmo. E outra sublime qualidade do SA8.2 é a materialização do acontecimento musical. Os músicos se tornam literalmente presentes em nossa sala de audição.

Para os que estão à procura de um power Estado da Arte com essas características de maior neutralidade, controle férreo das caixas, macrodinâmica sem perda de fôlego, compatibilidade com inúmeros cabos, caixas e prés de linha e uma materialização física dos músicos em sua sala de audição, ouça o AVM Ovation SA8.2. Sua performance, aliada às inúmeras qualidades, o coloca no topo das opções disponíveis atualmente no mercado. É um seguro e genuíno Estado da Arte com uma relação custo-performance altíssima! ■

AVMAG #212
Logical Design
(21) 2275.3805
22.000 €

NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE



**Amplificador Integrado
Sunrise Lab V8 MkIII**

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BMLB3EU_BC4](https://www.youtube.com/watch?v=BMLB3EU_BC4)

AMPLIFICADOR DE POTENCIA HEGEL H30

Fernando Andrette



Segundo a Hegel, o H30 é o expoente máximo de todo o conhecimento adquirido nos últimos 20 anos da empresa. E o resultado é um amplificador de potência capaz de debitar 1.100 W em 8 Ohms (mono) ou 350 W em 8 Ohms ou 675 W em 4 Ohms (estéreo). Como todo produto deste fabricante, o H30 é bastante sóbrio. O gabinete é minimalista e seu painel frontal possui apenas o logo Hegel escavado no alumínio e um enorme botão, que quando acionado acende um led azul. Parecendo um monólito, o H30 esconde seus dissipadores dentro do chassi. E no painel traseiro temos: três entradas balanceadas (duas para uso em estéreo, e a no centro para uso em mono), três entradas RCA (dispostas da mesma maneira que as balanceadas), pequenas chaves para acionar as entradas XLR ou RCA e grandes bornes tipo borboleta para a ligação dos cabos de caixa. E no centro, abaixo dos bornes de caixa, a tomada IEC. Ao contrário de seu gabinete simples, impressiona seu peso de quase 60 kg (principalmente sua frente, onde estão instalados dois gigantes transformadores empilhados um sobre o outro). Instalar o H30 necessita de ajuda, pois será impossível retirá-lo da embalagem sozinho. Eu não tive a oportunidade de testar o H30 em modo mono, pois só recebi um exemplar para o teste, mas confesso que ainda que confie nas observações de Bent Holter, que o 'poder supremo' só será desfrutado completamente quando em mono, o que escutei já me deixou suficiente rendido de suas inúmeras qualidades. Ele ficou em amaciamento por 300 horas! Como sempre procedemos, antes dele seguir para seu longo período de amaciamento, o colocamos para uma audição inicial. E posso garantir que 80% de sua sublime performance já se apresenta assim que ligado. Porém, os 20% restantes são a diferença entre um excelente amplificador de potência e um genuíno Estado da Arte.

Não há nenhum resquício de dureza nas altas frequências e o seu equilíbrio entre resolução e conforto auditivo é imediato. Os timbres são apresentados com enorme naturalidade e fluidez, sem vestígio algum de 'aveludamento' ou 'romantismo'. Sua sonoridade é sempre orgânica, palpável e sem uso de pirotecnia ou esforço, para impressionar o audiófilo menos experiente. Os graves, ainda que melhorem consideravelmente após as 300 horas de queima, possuem de imediato

um recorte e precisão desconcertante. O amaciamento das baixas frequências irá acentuar seu caráter de autoridade férrea sobre as caixas e trazer um peso e velocidade que nos permite simultaneamente apreciar o poder de um grave sólido com uma unidade rítmica precisa. Esse equilíbrio entre peso, definição, recorte e velocidade possibilita uma apreciação muito mais realista da unidade rítmica e na intencionalidade da expressão da música e do músico. A sensação é que se escuta mais 'detalhes' do bumbo, do contrabaixo e do órgão de tubo sem esforço adicional algum.

Outra qualidade presente desde o primeiro momento é sua capacidade incansável na reprodução dos transientes. A precisão na reprodução dos instrumentos de percussão é de se tirar o chapéu para o H30. A sensação é que os músicos estão sempre dando o seu melhor em termos de precisão e andamento.

Outro destaque instantâneo no H30 é a qualidade da apresentação de texturas. Não encontro adjetivos para explicar a finesse e naturalidade desse quesito no amplificador da Hegel. Trata-se de um realismo tão 'palpável', que é preciso ouvir para compreender o grau atingido por esse amplificador, para então comparar com nossas melhores referências.

A precisão no tamanho dos instrumentos, assim como o foco e recorte de cada instrumento, com o silêncio em volta deles apresentado pelo H30 foi impressionante! Com um corpo harmônico tão preciso, a facilidade com que nosso cérebro é enganado a acreditar que estamos ouvindo uma apresentação ao vivo torna-se muito mais corriqueira.

Em todos os testes de produtos desse fabricante norueguês, em algum momento os articulistas precisam lembrar seus leitores que o produto possui realmente qualidades 'desconcertantes' ou fora do 'habitual' pela sua faixa de preço.

O H30 é tudo que você, certamente um leitor 'antenado', já leu a respeito. Em uma única palavra, traduza-o como desconcertante, pois ele se coloca no mesmo patamar de todos os amplificadores de potência Estado da Arte que podem tranquilamente nos dias de hoje custar acima de 100 mil dólares no seu País de origem e não se intimida em termos de performance com nenhum deles! Sua apresentação musical é sempre exuberante (desde que ele esteja alinhado com pares do seu pedigree), e sua autoridade o coloca em posição privilegiada em termos de potência e custo-performance, levando o ouvinte a um envolvimento musical pleno se assim o desejar. E sua assinatura sônica situa-se justamente na 'fronteira' entre a transparência absoluta e a musicalidade, nos fazendo questionar se é preciso 'algo' a mais para nos sentirmos no céu! Eu confesso, amigo leitor, que me dou inteiramente por satisfeito em ter o H30 em meu sistema e poder manter minha condição de articulista e de melômano. ■

AVMAG #210
 Ferrari Technologies
 (11) 5102.2902
 US\$ 29.900

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE

Seminovos Estado-da-Arte



FERRARI
TECHNOLOGIES

Áudio, Vídeo e Acústica

Os melhores seminovos Estado-da Arte você encontra na Ferrari Technologies.

Os melhores produtos dos melhores fabricantes em regime de consignação, totalmente revisados, com a garantia da Ferrari Technologies.



Saiba mais! Entre em contato!

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QJUPH2QI8TS](https://www.youtube.com/watch?v=QJUPH2QI8TS)

SAMSUNG WIRELESS AUDIO 360

Fernando Andrette



Interatividade, praticidade e liberdade são atributos importantes na escolha de um sistema de áudio para as novas gerações. E quando falo em novas gerações, estou englobando as nascidas na última década do século passado (como é o caso do meu filho) e da primeira década do século XXI.

Para mim, todos eles parecem hiperativos, pois são capazes de fazer múltiplas coisas simultaneamente, como jogar, falar com os amigos e ainda ouvir música, tudo ao mesmo tempo. Suas mentes parecem conseguir a façanha de estar atentas à múltiplas atividades, sem se atrapalhar ou perder o foco. Pelo menos é essa sensação que nos passam.

E pensando nesse novo nicho de mercado multi antenado que os grandes fabricantes investem em tecnologias que atendam a essas necessidades. Caixas de som sem fio e preparadas para fornecer música ambiente, já não é nenhuma novidade, mas a entrada de fabricantes conhecidos em outros segmentos na disputa por uma fatia desse promissor mercado, sim.

Esse é o caso da Samsung, uma gigante no segmento de imagem que acaba de lançar um interessante e competente produto: o Wireless Audio 360. Desenvolvido no novíssimo laboratório de áudio da companhia na Califórnia.

O objetivo dos engenheiros da gigante coreana foi o de atender um público que deseja um sistema de áudio de fácil conexão e que possa ser utilizado em múltiplas situações, como em casa ou no escritório. A conexão com dispositivos móveis ou televisores é um dos grandes atrativos do produto, pois permite a reprodução de arquivos de áudio ou serviços de música via streaming como o Google Play Music, com

um simples toque. Todos os comandos para controle das músicas, aumento de volume e outros recursos são realizados pelo aplicativo Wireless Audio-Multiroom, disponível para Android ou iOS.

Seu design é diferente e, para os desavisados, pode parecer a um primeiro contato com uma luminária! Como a caixa utiliza a tecnologia de falantes Ring Radiator, para uma audição em 360 graus, o tweeter fica instalado na ponta do gabinete virado para cima, assim como o falante de médio/grave, na base do gabinete. Para o teste utilizamos o produto ligado ao smartphone e ao televisor.

O som é bastante equilibrado sem nenhum tipo de excesso em nenhum dos extremos. Com isso o grau de inteligibilidade é muito bom.

Sugerimos apenas alguns cuidados para que o equilíbrio tonal seja satisfatório, possibilitando uma melhor inteligibilidade e maior conforto auditivo: colocá-lo em cima de móveis com base sólida e nunca no chão. Fizemos em todos os ambientes esse teste e percebemos que, quando colocado no chão, existe a acentuação das baixas frequências, com perda do equilíbrio tonal (principalmente diminuição nos agudos) e comprometimento dos objetos com a dispersão sonora de 360 graus.

O ideal é colocá-lo em uma mesa de centro, no caso de uma sala de estar, ou em um rack ou móvel com uma altura próxima de 60 cm, ou mais. Seu uso multiroom para sonorização em múltiplos ambientes se mostrou bastante eficiente e de uma simplicidade a toda prova, meu filho apreciou sua sonoridade equilibrada, mas achou que falta potência para determinados gêneros musicais que ele aprecia.

Justifiquei com ele que se trata de uma proposta para som ambiente de alta qualidade, mas tive que dar o braço a torcer quando ele contra argumentou que um produto de sua categoria e sua faixa de preço certamente será o sistema principal de inúmeros consumidores, portanto será utilizado em festas e reuniões de amigos. Eis uma dica para os engenheiros da Samsung: pensarem em uma versão com maior potência. Outra qualidade foi na utilização de melhora do áudio para a televisão! O resultado é significativo, tanto para assistir shows como filmes.

O Wireless Audio 360 da Samsung é um produto extremamente promissor e certamente encontrará um nicho de mercado bem receptivo as suas propostas. Muito bem pensado, com design moderno, arrojado, mas acima de tudo eficiente e que entrega ao consumidor tudo que promete. Se você busca uma fonte de áudio para sua residência com essas características e qualidades, recomendo uma audição cuidadosa desse produto! ■

AVMAG #213
 Samsung
www.samsung.com.br
 R\$ 2.199



OURO RECOMENDADO



YAMAHA SISTEMA SURROUND PARA TV SRT-1000

Fernando Andrette



O SRT-1000 da Yamaha é uma barra sonora de proporções interessantes: 78 cm de comprimento, 38 cm de profundidade e 7 cm de altura, com um gabinete de alta qualidade. O STR-1000 pode suportar TVs que não pesem mais de 40 kg e com telas de até 55 polegadas. Isso é uma grande vantagem para aqueles que possuem racks mais simples ou tem problemas de espaço, para acomodar no rack todos os equipamentos (TV por assinatura, DVD e etc). Suas características técnicas também são bem interessantes, possui oito alto falantes de 2 polegadas para a região médio/agudo e dois subwoofers para os graves, e segundo o fabricante a potência é de 136 watts.

Sua instalação é simples com uma grande opção de entradas: óptico, coaxial e RCA e você também pode transmitir música sem fio via Bluetooth a partir de dispositivos iPhone, iPad e Android. Seu pequeno controle remoto possibilita ao usuário acionar todos os seus recursos, como: ligá-lo, escolher a entrada desejada (TV, DVD e Blu-Ray, analógica, coaxial e Bluetooth), o tipo de efeito de acordo com o programa (Movie, Music, Sports, Game, TV Program e Stereo), e otimizar o efeito de som surround (com três opções). Outras funções: mute, volume, nível de ajuste do subwoofer, tecla Clear Voice (ativa / desativa a função de clareza na voz) e tecla Learn (põe em modo de aprendiza de outros controles remotos, como o da TV).

O STR-1000 quando ligado é bastante silencioso e responde imediatamente a todos os comandos. Instalado em nossa sala de home, ele não ficou embaixo do televisor: preferimos instalá-lo na segunda prateleira do nosso rack, pois assim o som estaria a altura dos ouvidos sentados. Após as conclusões finais, colocamos o STR-1000 embaixo do televisor, com a barra sonora ligeiramente acima dos nossos ouvidos sentados. Para o uso de efeito simulado surround a melhora foi significativa com maior envolvimento dos efeitos que vinham das laterais, como ruído de ventos ou barulho da platéia em shows. Mas,

para reprodução em estéreo foi preciso regular o subwoofer, pois os médios ficaram muito frontais.

O SRT-1000 é bastante sensível ao posicionamento e sua performance, pode ser prejudicada se não tiver esses cuidados na hora de sua instalação. Ainda que muitos dos nossos leitores admirem os efeitos surround em shows e filmes, nosso interesse maior na avaliação de todos os produtos de áudio enviado para teste é saber o grau de inteligibilidade e o nível de conforto auditivo, pois sabemos que quanto melhor for o equilíbrio entre esses dois quesitos, mais prazer teremos em assistir filmes e shows. É claro que, para falarmos em inteligibilidade, temos que avaliar alguns requisitos importantes como: equilíbrio tonal (reprodução de graves, médios e agudos), variação dinâmica (diferenças entre o pianíssimo microdinâmica e o fortíssimo macrodinâmica), velocidade e precisão na marcação de tempo e ritmo e a sensação de presença física de vozes e músicos. Para o leigo, não acostumado em observar todos esses detalhes, o que no cômputo geral ele observa é se o som o agrada ou não.

Outra característica importantíssima para os produtos de entrada é a quantidade de distorção harmônica existente no produto. No completo manual enviado pela Yamaha não vem especificado o valor de distorção harmônica, mas temos números interessantes como: resposta de frequência de 45 Hz a 22 kHz e impedância de 4 ohms. Uma característica que ficou evidente logo nas primeiras audições em estéreo com música é que o STR-1000, possui uma boa extensão nos dois extremos (ainda que tanto 45 Hz, como 22 kHz na outra ponta, nos pareça um pouco acima do que escutamos efetivamente). Diria que algo em torno de 60 Hz para os graves e 18 Khz estariam mais adequados ao que realmente escutamos. Mas especificações técnicas a parte, vamos ao que interessa.

ÁUDIO

Tanto em modo movie (para filmes, documentários e jornalismo), como Music (para shows), a qualidade de resposta, a inteligibilidade e o conforto são muito bons. Tem baixíssimo grau de distorção mesmo em volumes acentuados - e o STR-1000 gosta de puxar pelo volume. E, mesmo em gravações com alto teor de compressão, como shows de rock, seu grau de inteligibilidade é surpreendente. Uma resposta mais estendida nos agudos permitiria uma definição mais exata do tamanho dos ambientes, mas não sei se para esse perfil de consumidor essa seja uma característica tão importante. Mas esse 'a mais' nos agudos poderia também contribuir para uma melhor apreciação da qualidade de pratos de bateria, violinos, etc.

Outra qualidade relevante dessa barra sonora é a qualidade do seu gabinete. Mesmo puxando pelos graves no subwoofer ele não vibra! Isso é um mérito e tanto, já que inúmeros subs e caixas de entrada só faltam sair andando na reprodução de efeitos sonoros e música.

Sua marcação de tempo e ritmo também foi surpreendente, possibilitando aquela sensação de querer marcar com os pés o andamento. Mas foi com filmes e desenhos animados que o STR-1000, mostrou que vale o que custa. Os efeitos e trilhas sonoras ficam muito mais detalhados e ricos, tornando a sensação de envolvimento e 'mergulho' muito mais prazeroso.

O espaço reduzido em que vivemos nas grandes metrópoles força-nos a buscar soluções para o aprimoramento de nossos sistemas de entretenimento cada vez menores. Na Europa e Ásia, o volume de vendas de barras sonoras cresce de forma exponencial. Aqui, culpa da crise e também da pequena oferta existente até o momento, esse nicho cresce timidamente. Mas acredito que esse cenário deva mudar radicalmente nos próximos anos, pois se trata de uma opção inteligente para quem tem pouco espaço e deseja fazer um upgrade no áudio de seu televisor.

E o STR-1000 de todos que recebemos e ouvimos até o momento é uma sólida referência a ser copiada. Sua relação custo/performance é excelente. Se você procura uma solução inteligente e ele cabe no seu bolso em tempos de 'vacas magras', ouça-o! ■

AVMAG #213

Yamaha
www.yamaha.com.br
R\$ 3.999



OURO REFERÊNCIA

CAIXA Q ACOUSTICS CONCEPT 20

Fernando Andrette

Sou um admirador de longa data das caixas da Q Acoustics. Sempre que tenho a oportunidade de ouvir algum modelo deste fabricante, reforço a sensação de ser uma empresa muito bem focada no segmento que deseja atuar, e consequentemente noto uma enorme coerência sônica em toda a sua linha de produtos. A Concept 20 é derivada da premiadíssima 2020i, com um gabinete muito mais sofisticado e alterações pontuais no crossover e nos terminais de caixa (que agora são fixados no próprio gabinete, abaixo do pórtico reflex). Os alto-falantes são os mesmos tweeters de cúpula macia, e o alto-falante de médios-graves de papel revestido de cerâmica. Assim como era na 2020i, o tweeter permanece desacoplado do painel frontal para evitar qualquer degradação na reprodução de altas frequências. Mas o grande pulo do gato em relação ao modelo anterior está no gabinete que os engenheiros desenvolveram (a Concept 20 utiliza um gabinete dentro de outro gabinete, ambos feitos de painéis de MDF de 10 mm, que estão separados por um composto chamado GELcore). Segundo os engenheiros da Q Acoustics, o GELcore ajuda a amortecer qualquer ressonância do painel. O acabamento externo da Concept 20 é em laca de piano, nas opções branco ou preto. Chamou muito nossa

atenção a qualidade dos terminais de caixa, montados em uma placa de metal, com a possibilidade de bicablagem ou biamplificação.

A Q Acoustics também desenvolveu um pedestal para a Concept 20, que mede 65 cm de altura e nos pareceu ser o par ideal para aqueles que desejam extrair todo o potencial da caixa. O GELcore também foi utilizado na base superior do suporte em que a caixa fica apoiada, evitando que as vibrações passem para o restante do pedestal. Sua montagem é bem simples, basta fixar os três parafusos que prendem a caixa à base. O pilar de sustentação do pedestal também é de MDF, e o suporte inferior é de vidro grosso.

Escutar a Concept 20 retirada da embalagem ocasiona certa frustração, pois seu som é nitidamente engessado nos dois extremos! Portanto, amigo leitor, nada de sair espalhando convites para os 'amigos audiófilos', pois você irá escutar uma saraivada de críticas. E se não tiver firmeza e convicção de suas ideias e decisões, você certamente será contaminado pela sensação de que escolheu errado. A Concept 20 é uma caixa que necessita de uma enorme queima (estou falando de mais de 250 horas), mas seguindo à risca todo o processo de ►

amaciamento, garanto que lá na frente você irá se sentir realizado, pois suas virtudes são inúmeras. Sua principal qualidade é soar com um corpo e autoridade de caixas tipo coluna, e não de bookshelf. Para os obcecados por planos e palcos grandiosos (desde que ela tenha espaço), sua performance é admirável. E mais admirável ainda é sua organização do acontecimento musical - nada de instrumentos empilhados ou sem respiro. Tudo é apresentado com excelente foco e recorte, permitindo um grande conforto auditivo. Outra qualidade muito apreciável é sua compatibilidade com amplificadores e cabos.

Como escrevi, as primeiras 100 horas serão decepcionantes, parece que a Concept 20 só possui médios. Os graves são borrados, com pouca extensão, e os agudos parecem que estão cobertos com edredom! Mas não se desespere, pois ela irá 'desabrochar' a partir de 150 horas. Uma dica importante: se possível, coloque-a em queima desde o início bicablada, isso irá acelerar todo o período de queima (e o ajudará a escutar as primeiras 150 horas). Próximo a 280 horas, o tweeter finalmente apresentou-se com excelente ganho na extensão e no decaimento, permitindo ao ouvinte desfrutar dos detalhes de ambiência das salas e no corpo dos pratos de condução (que pareciam ser todos pequenos como uma pizza brotinho e com a mesma timbragem). Com 300 horas, a Concept 20 não sofreu mais nenhuma alteração significativa.

Começarei por uma dica essencial: a altura da caixa em relação aos nossos ouvidos. A Concept 20 é muito crítica a esse respeito. O ideal em termos de equilíbrio tonal é que o tweeter e o alto-falante de médios-graves estejam na altura dos ouvidos. E para a minha altura (1,74 m), o melhor resultado foi com o pedestal desenvolvido pela Q Acoustics para a Concept 20. Com o Audio Concept (10 cm mais alto que o da Q Acoustics), em determinadas passagens havia uma sensação de sobreposição do médio-alto para o agudo, que dependendo do tempo de duração da nota, causava certo incômodo. Outra dica importante: a Concept 20 gosta de trabalhar pelo menos dois metros de distância entre as caixas, e com muito pouco toe-in (diria que menos de 20 graus em relação ao ponto de audição). E para uma melhor apresentação de planos e profundidade, pelo menos um metro da parede às suas costas. Ela não se omite com nenhum gênero musical, e possui uma autoridade exemplar para o seu tamanho e preço. Em relação à compatibilidade com cabos, diria que o mais importante é optar pela bicablagem. Das caixas mais recentes que escutei, foi a que mais se beneficiou da bicablagem, principalmente nos médios-graves.

Em termos de compatibilidade com os integrados utilizados, como um camaleão, incorporou a assinatura sônica de cada um deles. Com o Elicit-R, o destaque foi a velocidade e a energia (duas qualidades mais apreciáveis nesse novo Rega); com o Onix, a transparência e a materialização do acontecimento musical; e com o Hegel H80, a



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OT1Z14CDIOW](https://www.youtube.com/watch?v=OT1Z14CDIOW)

doçura e a exuberância na apresentação das texturas. Ou seja, é uma caixa que seguiu à risca o que a ela foi enviado!

A Concept 20 é uma bookshelf que não escolhe gênero musical, podendo ser utilizada seguramente em salas de até 20 m²; ela possui enorme compatibilidade com diversos amplificadores, é pouco exigente com cabos (preferindo apenas a bicablagem) e tem uma assinatura sônica que segue rigorosamente o que lhe foi determinado, podendo ser seguramente a caixa definitiva de muitos dos nossos leitores. Se a Concept 20 se encaixa no seu orçamento, peça uma audição - garanto que ela não irá decepcionar (depois de integralmente amaciada). ■



AVMAG #212

Maison de La Musique
(11) 2117.7005
R\$ 4.250 (caixa sem o pedestal)
R\$ 2.450 (pedestal)

NOTA: 72,0



DIAMANTE RECOMENDADO

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC 244.2

Christian Pruks



As ELAC 244.2 são caixas cuja sonoridade combina bem, ao mesmo tempo, alta transparência e suavidade nos médios-agudos e agudos - o que é raro - e uma boa extensão e recorte nas baixas. E que enchem bem uma sala média para pequena: são bookshelves valentes! As ELAC 244.2 são, portanto, muito compatíveis, já que, também, aguentam boa potência e são fáceis de empurrar.

As ELAC 244.2 são a versão atualizada das já conhecidas bookshelves 244. Toda a linha 200 foi atualizada, ganhando o sufixo '.2', além da mudança para o novo tweeter JET 5 e outros detalhes óbvios, como a eliminação dos terminais bicablados - o que, na minha opinião, resultou em um encaixe melhor entre um driver e outro e uma limpeza nos médios-agudos, porque esses jumpers que interligam os terminais bicablados sempre inserem perdas ou, no mínimo, uma assinatura sônica não necessariamente agradável. O tweeter JET versão 5 estreou em uma linha de caixas acima, a linha 400 e, agora, veio substituir o tweeter anterior, o JET III, na linha 200.2, resultando em uma transparência que eu tenho a impressão de ser bastante semelhante, mas com uma organicidade, musicalidade e timbre superiores.

De cara, em uma visão geral, o som das ELAC 244.2 é bem limpo e coeso, superarejado e cheio de ambiência, com um belo timbre e uma grande beleza geral. O equilíbrio tonal das ELAC 244.2 por um lado traz uma extensão de graves dentro de uma sala de audição de tamanho médio, que parece ir além dos 38 Hz de sua resposta de frequência. Pelo outro lado, a extensão dos agudos é notória

(50 kHz) e o arejamento está mais para 'ar livre'! O resto do espectro é muito bem casado e dimensionado, sem buracos e sem frontalizações. A ligação quase 'invisível' entre as frequências respondidas pelo arejado tweeter e a área mais alta do midwoofer estende todo o ar e naturalidade para a maior parte da área média, fazendo com que o som das ELAC 244.2 não pareça nunca algo que sai de um par de caixas, mas sim algo que brota e parece pertencer ao ambiente de audição.

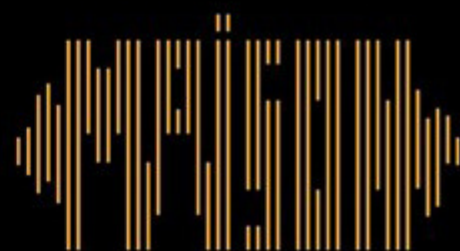
As texturas das ELAC 244.2 são muito orgânicas, e beneficiaram-se de uma melhor resposta de transientes, uma maior visceralidade, velocidade e ataque geral.

A musicalidade de caixas como as ELAC 244.2, que provêm fadiga absolutamente zero, com timbres corretos e aveludados, bom equilíbrio tonal, com uma naturalidade e neutralidade geral, é sempre uma boa adição a qualquer sistema de audiófilos que apreciem essas características. ■

AVMAG #209
KW Hi-Fi
(11) 95442.0855
R\$ 7.896 (o par)

NOTA: 78,25

**DIAMANTE RECOMENDADO**



MAISON DE LA MUSIQUE
ÁUDIO E VÍDEO HI-END



VIVA ESSA EXPERIÊNCIA

SINTA A EMOÇÃO



KHARMA

Showroom

Av. Eng. Roberto Zuccolo, nº 555/ 3º Piso/ B1 e B2 – Vila Leopoldina
São Paulo/SP comercial@maisondelamusique.com.br
Tel. 11 2117.70.05/ 11 2117.70.04

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HGQJJDWJUB8](https://www.youtube.com/watch?v=HGQJJDWJUB8)

CAIXAS ACÚSTICAS TANNOY GLENAIR 10

Fernando Andrette

A Tannoy, em 2016, também completará 90 anos de vida! Fundada em 1926 pelo engenheiro Guy R. Fountain, a Tannoy escreveu grande parte da história do que hoje conhecemos como alta fidelidade, pois muito antes da Segunda Grande Guerra seus falantes eram utilizados por inúmeros fabricantes de rádios de múltiplas frequências (ondas curtas, ondas médias, etc).

E, quando em 1940 Fountain apresentou ao mundo seu revolucionário alto falante Dual Concentric, conquistou também o mercado de broadcast (estúdios de rádio, televisão e de gravação). A tecnologia Dual Concentric, colocou a Tannoy como a referência na fabricação de alto falantes no mundo!

Eu já havia lido diversos artigos muito elogiosos à linha Glenair, tanto do modelo 10 como do 15, e a escutei muito rapidamente no Hi-End Show de 2014, mas levar para nossa sala de testes e colocá-la em audição crítica, só foi possível recentemente. Em visita ao belo show room da Rivergate, recém-inaugurado em São Paulo, com três espaços dedicados ao áudio, é que pude finalmente desfrutar de uma audição com as 'clássicas' Glenair 10! E foi encanto visual e auditivo a primeira vista!

Aquele móvel de madeira genuína (gabinete) nos remete aos anos cinquenta do século passado, e nos trás imediatamente reminiscências de toda a nossa infância. Mas que no primeiro acorde, nos puxa novamente para o presente e nos mostra que sua sonoridade não tem nada de saudosista, pelo contrario, é muito atual! Só não a trouxe naquele momento, pois sua embalagem não cabia no meu carro. Ainda que seja um pouco menor que a Glenair 15, suas dimensões e peso impressionam: 1 metro de altura por 36 cm de largura e 34 cm de profundidade, pesando 28 quilos cada caixa.

Suas especificações técnicas também são bem interessantes: recomendada para amplificadores de 50 a 200 watts, possui um SPL Máximo de 112 dB. Sensibilidade de 91 dB, impedância nominal de 8 ohms e resposta de frequência de 38Hz a 25 khz. Sua dispersão é de 90 graus e sua distorção harmônica de 1,25% a 120 watts RMS (50 Hz a 20 kHz). Possui um único falante Dual Concentric de 250mm (10") com cone de papel duplo, patenteado pelo fabricante, que lhe dá rigidez e leveza, e um tweeter no centro do falante de médio/grave, de 25mm (1") de domo de liga de alumínio. O crossover de segunda ordem possui corte em 2,1 kHz e seu volume interno é de 62 litros.

Seu gabinete é todo de madeira de alta densidade, reforçado nos cantos com travas para evitar ressonâncias. Com um acabamento de cerejeira, a Glenair vai bem em qualquer ambiente seja ele clássico ou moderno, pois suas linhas e tamanho são muito discretos e se integram a qualquer tipo de ambiente. No primeiro momento achei que nossa sala com quase 50 metros quadrados, seriam um problema.



Mas rapidamente percebi que estava errado. O que a Glenair 10 precisa é de uma redobrada atenção em relação ao seu posicionamento na sala, pois isso fará toda a diferença na sua performance.

Primeira observação: a Glenair 10 trabalha muito melhor bi-cablada e com o aterramento ligado. Como o cabo The Cloud possui esse terminal foi possível observar auditivamente que na Tannoy faz sim diferença. A sensação é que os músicos e instrumentos ficam ainda mais bem focados e cria-se um silêncio de fundo em volta de cada músico (essa sensação ficou ainda mais nítida na reprodução de discos com solistas e pequenos grupos orquestrais como quartetos de cordas). Definido o uso do aterramento, nos debruçamos em acertar o posicionamento da caixa na sala. Elas parecem (pelo seu design) querer ficar mais próximos aos cantos, mas não é exatamente essa a melhor posição para elas. Pois se a sala for muito larga (como é o caso da nossa sala de testes) fica-se com um buraco no imaginário palco sonoro. Também muito afastadas da parede às suas costas, perde-se peso nos graves! Com muito toe-in, o som fica na frente das caixas e totalmente paralelas as paredes laterais, e muita informação na região média se perde. Mas antes de você se desesperar e achar que não terá paciência para o ajuste fino, saiba que achada a posição ideal, seus encantos (que não são poucos) farão valer todos os esforços. Em nossa sala, depois de um dia de puxa e estica, as Glenair 10 ficaram ►

distantes 1,10 da parede as suas costas. Três metros de distância entre elas (de tweeter a tweeter), viradas para o ponto de audição 15 graus, (impedido nesse ângulo de ver as laterais do gabinete da caixa).

Como testei e tive alguns modelos Dual Concentric Tannoy, sei bem das características sonoras da marca. A primeira vantagem é que o sinal parte de um ponto único, o que nos permite um acompanhamento muito mais relaxado do acontecimento musical. E se elas possuem espaço para respirar, melhor ainda, pois a sensação será de que você foi transportado para o local da gravação. Os planos são diferentes de uma caixa de qualidade com vários alto falantes, principalmente nos instrumentos que estão na lateral do palco, como violinos de uma orquestra à esquerda e os contrabaixos à direita. Na minha caixa de referencia, dependendo da qualidade de captação, os contrabaixos soam até um metro para fora da caixa. Isso não ocorre nas Tannoy: os contrabaixos soam sempre dentro da caixa, mas em compensação os planos e o foco dos metais atrás dos contrabaixos, soam muito mais profundos, dando a sensação que estamos 'vendo' a apresentação! A recreação das percussões e do naipe de madeiras em gravações bem feitas no centro da orquestra soa impecável em termos de planos na Glenair 10.

Como sempre escrevo, tudo no hi-end é feito de concessões. E o que temos é que saber quais as virtudes e limitações, e escolher aquelas que nos agradam mais. Pois o 100%, se existe, deve custar um caminhão de verdinhas! Acostumado com a sua reprodução de planos, imediatamente chama nossa atenção à precisão de foco e recorte dessas caixas. Literalmente é possível 'perceber' quando o cantor se afasta mais do microfone ou abaixa a cabeça. Mostrei para alguns amigos e eles ficaram pasmos com a facilidade que se percebe esses detalhes.

Outra questão que leva a discussões calorosas é o timbre e o equilíbrio tonal das caixas com essa tecnologia Dual Concentric. Para os que não gostam, o argumento é que falta extensão nos dois extremos! E isso altera o timbre de alguns instrumentos! Realmente sinto que se o decaimento nas altas tivesse um pouco mais de extensão agradaria mais. No entanto, a quantidade de gravações tecnicamente ruins é tão grande, e com excesso de brilho, que muitas vezes não ter tanta extensão pode ser um alívio, e a única oportunidade de escutarmos gravações que apreciamos musicalmente.

Realmente os agudos mais sutis, em exemplos como trompete com surdina, picollo, triângulo, etc, não me incomodam. Sobre o outro extremo minha opinião é que, mais do que extensão, sinto falta de mais peso, pois a Tannoy é rápida, precisa, com um bom corpo harmônico, mas falta aquele algo a mais no deslocamento de ar. Mas aí voltamos às velhas questões: o que é mais importante precisão ou peso? Para qual gênero musical o peso é importante? Tudo, absolutamente tudo deve ser levado em consideração quando vamos escolher nossa caixa definitiva!

A região media da Glenair soa muito correta, com riqueza de detalhes e uma incrível transparência! Alias o grau de transparência pode nos assustar em determinados instantes, pois como o som parte de um ponto único, alguns ruídos como chaves de instrumentos de sopro se misturam as notas e acordes e nos chama a atenção como se tivéssemos escutando coisas na gravação pela primeira vez! Ouvindo Jeff Beck (vários discos), escutei detalhes de efeitos que ele utiliza com a alavanca que jamais tinha percebido antes! O mesmo efeito escutei com gravações de piano solo, ruídos dos pedais, que vão além do barulho do movimento dos mesmos. Algumas gravações foi possível 'notar' o desgaste do uso do pedal, com uma sonoridade típica.

Os transientes são excelentes na Glenair 10, percussões são retratadas com uma precisão e velocidade estonteante! Para quem aprecia precisão cirúrgica no andamento e ritmo a Glenair 10 deve ser escutada com imenso interesse. A microdinâmica é exemplar, graças a sua enorme transparência na região média, Nada passa despercebido. Já a macrodinâmica está corretamente presente, mas não pode se abusar do volume. Para aqueles que gostam de abusar e ouvir gravações no limite acredito que o ideal possa ser a Glenair 15 e não a 10.

Outra qualidade que me surpreendeu (que não estava nesse nível, nos modelos Dual Concentric que testei desse fabricante) foi a reprodução de corpo harmônico. Nesse modelo o tamanho dos instrumentos é bem coerente, principalmente quando escutamos obras sinfônicas, o que torna as audições bem convincentes.

Ainda que possua uma sensibilidade de 91 dB, a Glenair gosta de trabalhar com amplificadores que conduzam o sinal com 'mão de ferro'. E não acredito que com amplificadores single ended de 10 watts se extraia o melhor delas. Todos os integrados utilizados tiveram excelente sinergia, mas destaco o casamento delas com o Onix. As qualidades sônicas desse integrado deram calor e mais peso na região médio-grave e acentuaram ainda mais sua qualidade de ritmo e andamento (já que essa qualidade é um dos pontos fortes do Onix). Com o H80 a Glenair 10 pode mostrar suas maiores virtudes: foco, recorte e planos. E com o Rega Elicit-R, um 'caldo' a mais de energia e precisão. Cito esses detalhes para que o amigo leitor tenha uma ideia dos caminhos possíveis de se trilhar com essa bela caixa.

São muitas as possibilidades e cabe a cada um que a escolher, buscar extrair o que mais lhe agrada. Só não indico essa caixa para aqueles que gostam de turbinar o volume ou exigem integral extensão em ambos os extremos. Para todos aqueles que querem audições recheadas de detalhes, sensação de estar presente na gravação e não gostam de abusar no volume, fica aqui minha indicação, pois suas virtudes são realmente encantadoras! ■

AVMAG #213
Rivergate
(11) 98108.1881
R\$ 49.500

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GJS1EFG26NW](https://www.youtube.com/watch?v=GJS1EFG26NW)

CAIXA ACÚSTICA BURMESTER B10

Fernando Andrette

A B10 foi originalmente concebida como uma caixa monitor de gravação para ser usada exclusivamente no estúdio particular da Burmester. Mas, rapidamente, o fabricante percebeu que ela, por suas inúmeras qualidades, poderia ser também colocada à disposição do mercado hi-end. Desde sua concepção inicial, os engenheiros tiveram o extremo cuidado de desenvolver um gabinete que fosse o mais inerte possível. Assim, foi proposto um sólido painel de alumínio com 10 mm de espessura, com o gabinete nas paredes laterais e traseira feito de parede dupla, para evitar que nas baixas frequências ele vibre, e consequentemente o alto-falante de graves também vibre. As paredes laterais e traseira são feitas de MDF (de média densidade) de 19 mm. O alto-falante utilizado para os médios-graves é uma unidade com cone de fibra de vidro especial de 17 cm, muito leve, para uma resposta ultralinear e com baixíssima distorção. O ringtweeter de uma polegada é feito com exclusividade para a Burmester, com resposta de até 24 kHz.

Segundo o fabricante, toda a fiação interna utiliza fios de 4 mm de cobre puro OFC. Nas costas da B10 temos um par de excelentes bornes de alta qualidade, patenteados pela Burmester, além do duto bass-reflex; e abaixo dos bornes, uma chave que possibilita reforçar o grave ou mantê-lo em flat (mais tarde falarei desse recurso). O fabricante recomenda o uso da B10 em salas de 9 a 30 m².

Ainda que suas dimensões sejam de uma caixa de duas vias bookshelf, a B10 gosta de espaço à sua volta e se sente mais a vontade com uma distância entre as caixas de pelo menos dois metros. Com um maior espaço entre as caixas e à sua volta, consegue-se extrair um palco espetacular! Em nossa sala de testes, sem o reforço do grave (em flat), elas ficaram a 1,2 m da parede às costas das caixas, 1,5 m das paredes laterais e 3 m de distância entre elas, com um pequeno toe-in para o centro de audição. Com o reforço do grave acionado, as possibilidades de posicionamento foram maiores, possibilitando afastá-las até 1,5 m da parede às costas das caixas, e abrir a distância entre as mesmas para até 4 m. O que ganhamos? Um palco ainda maior, com planos entre os naipes de orquestras mais definidos, focados e recortados, além de mais altura nas vozes solistas, sem perda de peso nos médios-graves, graças ao reforço nas baixas frequências. Ou seja, esse recurso de reforçar o grave foi uma bela sacada dos engenheiros da Burmester.

A região média, como todo bom monitor de estúdio, possui um grau de transparência e percepção de microdinâmica excelente. Os médios soam muito corretos e naturais, permitindo um conforto auditivo extremo. Os graves, em ambas as salas, corretamente ajustados, possuem bom decaimento, velocidade e recorte, faltando apenas em flat um pouco mais de peso para um melhor deslocamento de ar.



Como já adiantei, a B10 possui uma apresentação de palco, foco, planos e recorte de alto nível, assim como sua reprodução de transientes e microdinâmica. Ligada ao nosso sistema de referência, a B10 se mostrou um monitor de muitos pergaminhos e com uma autoridade em exemplos mais complexos e com enorme variação dinâmica. Sua limitação, como toda bookshelf, se encontra na apresentação da macrodinâmica. Gostei muito da B10 e principalmente da qualidade do seu acabamento (diferente das bookshelves de alto padrão), bonito de se ver e que só valoriza o ambiente em que ela for colocada. Sua assinatura sônica, como todo excelente monitor de estúdio, é muito equilibrada, não buscando enfatizar nenhuma frequência em especial, ou jogar luz aonde não existe. Sua apresentação do tamanho dos instrumentos é muito correta e, ainda que não possam ser comparadas com uma coluna, as proporções entre o tamanho dos instrumentos são bastante coerentes. Ligada a um amplificador integrado de alto nível, com uma boa fonte digital e analógica e cabos corretos, pode ser uma excelente opção para quem procura uma caixa de qualidade e também de acabamento deslumbrante. ■

AVMAG #209
 Maison de La Musique
 (11) 2117.7005
 R\$ 23.900

NOTA: 81,0



DIAMANTE REFERÊNCIA



CAIXA PIEGA COAX 10.2

Fernando Andrette



Antes de entrar na performance da Coax 10.2, sugiro ao amigo a leitura do teste da caixa torre Coax 30.2, publicado na edição 203 de agosto de 2014. Fundada em 1986 por Leo Greiner e Kurt Scheuch, a Piega é reconhecida pelo grau de 'preciosismo' na construção de seus gabinetes e alto-falantes coaxiais de fita. A linha Coax possui gabinetes de alumínio, sem nenhum parafuso aparente, com uma construção curva e ultrasslim, com um amortecimento preciso para qualquer tipo de ressonância. Os alto-falantes coaxiais de fita para os médios e agudos da Piega possuem um grande campo magnético, e visualmente vistos de frente parecem um fino papel de alumínio com minúsculas ranhuras em um baixo relevo. O objetivo é que todo o sinal de médias e altas seja escutado de um mesmo ponto com baixíssima distorção e uma resposta extremamente plana. Para se conseguir esse tão alto padrão de resposta linear, descobriu-se que seriam necessárias sete mil toneladas de pressão para que as membranas de dezenas de microns atingissem a resposta e a performance desejadas. Alcançado o objetivo inicial, faltava, porém, as mãos de um artesão hábil para montar essas fitas e transformá-las em alto-falantes. Esse homem que acaba de se aposentar chama-se Aldo Ballabio e ficou conhecido na empresa como o profissional 'que dá vida às fitas'. Com mãos de relojoeiro e concentração de um mestre zen, Aldo Ballabio felizmente preparou seu filho para essa difícil tarefa, o que garantiu à Piega a continuidade da produção de seu principal alto-falante.

Sua assinatura sônica desde o primeiro momento é bastante similar à 30.2, porém com destaque para a região média-alta, pois com menor extensão nos graves, já que utiliza apenas um woofer de

6 polegadas, sente-se os graves claramente engessados e com pouca extensão. Na 30.2, os graves só 'desabrocharam' integralmente perto de 170 horas. E certamente na 10.2 não seria diferente. Com 100 horas de amaciamento, os agudos ganharam extensão, velocidade e o foco e recorte tiveram aquela precisão cirúrgica, que nos permite apontar com o dedo a localização espacial de cada instrumento e voz. Como toda excelente bookshelf, a Coax 10.2 some literalmente da sala, deixando-nos a sós com a música. Com 150 horas, finalmente os médios-graves se soltaram, e o mais importante: incorporaram. Digo aos mais aflitos que tenham o interesse de testar em suas salas a Coax 10.2 para que não se desesperem, pois os graves irão aparecer e ganharão forma, peso e velocidade com 200 horas de queima.

A Coax 10.2 apresentou de forma monumental, com uma autoridade e precisão de caixas muito maiores! Toda a exuberância dos timbres e a naturalidade do modelo maior estão presentes nela, sem resquícios de aspereza no extremo agudo, com texturas 'palpáveis' e uma recuperação de microdinâmica capaz de nos tirar o fôlego! Mesmo em gravações tecnicamente comprometidas a Coax 10.2 consegue um exímio equilíbrio, nos permitindo ouvir apenas a obra musical.

Com o seu foco e recorte espetacular, a localização dos instrumentos, mesmo em grandes orquestras é um deleite! Tudo é apresentado com enorme conforto e de forma muito realista! Os agudos são limpos, com ótima extensão e decaimento, sem aspereza alguma, assim como a região média, precisa, detalhada e de uma naturalidade estonteante. Os apaixonados por vozes e instrumentos acústicos terão nessa caixa uma performance à altura das apresentações ao vivo. E os graves, ainda que sofram a limitação de toda bookshelf, possuem a clareza, velocidade e precisão que dão vida à música. Os graves obviamente possuem menos corpo e deslocamento de ar, mas suplantam essa limitação com recorte e precisão.

Minha avaliação para quem leu o teste da Coax 30.2 parecerá repetitiva, mas confesso que as observações finais são muito semelhantes. As opções de caixas Estado da Arte estão se multiplicando, o que torna a vida do audiófilo mais interessante, mas também mais trabalhosa, pois ele terá que dedicar mais tempo na escolha de sua nova caixa. Quem sabe, o som dessa magnífica bookshelf lhe encante como encantou a mim. Sua sonoridade é livre de colorações e excesso de transparência. Muitos chamam essa qualidade de musicalidade - eu prefiro chamar de naturalidade. Ela soa inebriante, comovente e nos faz acalantar aquele desejo de passar mais tempo com os nossos discos. Caso seja esse o seu desejo, amigo leitor, não deixe de escutá-la. ■

AVMAG #210
 Alpha Áudio & Vídeo
 (11) 3255.9353
 R\$ 55.000

NOTA: 83,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TNAV0ZHLEX4](https://www.youtube.com/watch?v=TNAV0ZHLEX4)

CAIXA ACÚSTICA BOENICKE W5 SE

Fernando Andrette

Quando o Christian Pruks publicou no Hi-End pelo Mundo há alguns meses o lançamento da Boenicke W8, com seu imponente gabinete de madeira maciça, em que os espaços para os alto-falantes são cavados com máquina CNC de alta precisão e depois ambas as partes são coladas de forma tão impecável que é impossível ao toque ou o olhar perceber que os alto-falantes estão entre aqueles blocos de madeira sólida, a curiosidade em ouvir essa caixa foi enorme. Afinal, quando muitos fabricantes, na tentativa de burlar as ressonâncias dos gabinetes, investem cada vez mais no alumínio e em materiais exóticos, ver um fabricante que vai em uma direção totalmente oposta e investe em um gabinete de madeira sólida, no mínimo levanta uma enorme curiosidade em conhecer as benesses sonoras de um gabinete de madeira maciça.

O jovem e talentoso Sven Boenicke é um projetista que não seguiu a lógica na criação de seus produtos, procurando enveredar por caminhos distintos de outros grandes projetistas de caixas acústicas. Na apresentação em seu site, ele diz que provavelmente seja um dos projetistas que mais tempo de sua vida passou dentro de salas de concerto pela Europa, tentando recriar em sua memória auditiva como a música corretamente capturada eletronicamente deve soar em um sonofletor de alto nível. Em seus anos de estudo, Boenicke percebeu que os alto-falantes full range eram mais fieis ao que se escutava ao vivo, porém as características de timbre e velocidade eram fatores que limitavam a maioria dos alto-falantes full range. Outra característica que lhe chamou a atenção era que os crossovers de primeira ordem minimalista estavam muito mais próximos do acontecimento real. Com essa 'espinha dorsal' de conhecimento, Boenicke desenvolveu todos os seus projetos e ganhou rapidamente a atenção da mídia especializada e o interesse de alguns audiófilos europeus, que não se contentavam com a diferença entre o que escutavam em salas de concerto e seus sistemas lhe entregavam. Ao ver, apreciar e escutar a W5 SE, fica nítido o grau de perfeccionismo e o cuidado com os detalhes desse fabricante, desde o terminal de caixa da WBT top, que permite um travamento muito preciso dos cabos de caixa tipo forquilha, para que não vibrem, até a escolha dos alto-falantes, como o pequenino full range de cone de alumínio, com sua incrível resposta de 130Hz a 20 kHz, o alto-falante de graves de 5 polegadas, que responde a partir de 32 Hz, e o minúsculo tweeter colocado nas costas da caixa, acima do borne, para um maior arejamento das altas frequências e uma perfeita reprodução do ambiente em que a gravação foi realizada. Nas costas, abaixo dos bornes, temos a saída tipo linha de transmissão das baixas frequências, escavada na madeira sólida. O gabinete é uma obra-prima, tanto em termos de beleza como de design e acabamento, com as bordas laterais arredondadas e um visual completamente despojado de apetrechos e brilhos, chamando atenção como se fosse uma pequena escultura talhada em madeira, que também pode reproduzir sons de maneira magistral!



PRODUTO DO ANO
EDITOR

A W5 SE pode vir com um pedestal de ferro feito exclusivamente para o modelo, de alta eficiência e muito fácil de montar, sendo inteiramente recomendável. Segundo o distribuidor, a caixa nos foi entregue com quase 100 horas de uso. E como o fabricante não diz seu tempo ideal de queima (acredito que ele faça isso de propósito, para o comprador cair imediatamente de amores pelo produto), comecei escutando o nosso Genuinamente Brasileiro Vol. I. E logo na apresentação do pandeiro na faixa 1, com mais de 4 metros de profundidade entre meu ponto de audição e as caixas, percebi de imediato que tinha alguma coisa de 'mágico' naquele foco e recorte preciso do pandeiro, sem falar na apresentação da textura e o ataque do instrumento. E foi com a entrada dos dois violões com uma precisão e recorte cirúrgico, que tive a certeza que aquela audição não terminaria em algumas horas! Ainda que tomando todos os cuidados para não aumentar muito o volume, a cada novo disco dava uma 'beliscadinha' no volume, e quando coloquei a faixa 12 do Genuinamente Brasileiro Vol. II - Saudades do Brasil - e escutei o primeiro acorde do piano, com um corpo do mesmo tamanho que minhas enormes colunas de referência, tive a certeza que estava presenciando um acontecimento inédito em nossa sala de testes!

Depois de 100 horas de queima a mais significativa mudança ocorreu na região média, precisamente nas vozes, e foi desconcertante, pois em princípio a sensação é que a W5 SE havia perdido detalhamento (transparência) e ganhado uma enorme precisão nas texturas e no grau de intencionalidade. Aceitei de muito bom grado essa troca, pois ampliou ainda mais o conforto auditivo e foi possível aumentar

um pouco mais o volume, deixando-o mais próximo do limite das gravações. Com esse refinamento da região média, os instrumentos de sopro, como saxofone e clarinete, ganharam um calor e uma sensação de organicidade muito mais realista! Como a apresentação com 150 horas já se tornara magistral, decidi que a partir desse momento a queima seria feita com a caixa em teste.

É preciso lembrar que a W5 SE foi testada em uma sala com quase 50 metros quadrados. Amigos que a ouviram nesse ambiente acreditaram piamente que eu estava fazendo uma pegadinha, e escondendo em algum lugar um subwoofer, pois não era possível acreditar que daquela minúscula caixa era possível sentir o grave do bumbo no peito com tamanha energia e deslocamento de ar! Essa é a W5 SE, uma caixa que possui atributos tão coerentes que fica impossível apontar qualquer falta de lisura ou limitação. Claro que para alguns pode haver certa falta de maior extensão nas altas, mas basta uma audição de meia hora para essa sensação se desfazer como névoa aos primeiros raios solares. Pois se falta realmente extensão, como seria possível tamanha precisão na reprodução de ambiência e arejamento? Outros podem achar que uma maior transparência na região média e média-alta seria interessante, e depois de mais meia hora de audição com uma apresentação extremamente natural e confortável, com timbres detalhados e reais e com zero de fadiga, certamente repensaremos

essa busca de uma maior transparência. Na W5 SE tudo parece estar na medida certa, mas só percebemos essa preciosidade de equilíbrio e harmonia após o convívio de alguns dias com ela. Sua maior qualidade encontra-se justamente aonde não costumamos procurar em uma primeira audição. Somos sempre movidos pelos quesitos que mais nos agradam ou buscamos em nossos sistemas. Mas quando você percebe que aquela gravação que tanto aprecia, na W5 SE ganha maior vivacidade e realismo, sem a perda de naturalidade, voltar é um ato indigesto auditivamente, pois parece que aquele ténue equilíbrio se esvai em troca de características pontuais.

A W5 SE é uma bookshelf capaz de nos dar uma reprodução musical tão emocionante, que o prazer em escutar nossos discos preferidos muda de patamar, fazendo-nos não mais ouvintes passivos, e sim cúmplices do acontecimento musical, como se tivéssemos o privilégio de estar presentes no momento da criação da obra. O que mais posso dizer para convencê-lo em ao menos conhecer essa caixa? ■

AVMAG #211

Audiomagia
(31) 3140.9100
W5 SE: R\$ 21.990
Pedestal: R\$ 2.246

NOTA: 84,5



ESTADO DA ARTE

CAIXA VESCOVA DA GAUDER AKUSTIK

Fernando Andrette

Localizada próxima da cidade de Stuttgart na Alemanha, a Isophon tornou-se mundialmente conhecida pelas caixas modelo Berlina RC-7, RC-9 e RC-11. Quando Roland Gauder, seu principal projetista, comprou a Isophon, é que ela passou a se chamar Gauder Akustik. Atualmente a Gauder possui as linhas Arcona (40, 60, 80, 100 e a FRC - canal central), Vescova, Cassiano, Arabba, Tofana e Berlina. A Vescova, portanto, é apenas a segunda caixa da linha, mas possui requintes e características técnicas das linhas acima, como por exemplo, os alto-falantes de cerâmica e os mesmos cuidados com o crossover e o gabinete.

A Vescova é uma bela torre, que assim que a retiramos da embalagem, percebemos ser fabricada com enorme cuidado e esmero. Com um gabinete curvado, possui uma estrutura interna composta por três camadas de MDF, que são preenchidas com areia de quartzo entre cada uma delas. Segundo Roland Gauder, essa camada de 'bolo' absorve completamente as vibrações, e a camada externa é folheada em jacarandá, cereja, bordo e faia. A caixa que veio para teste era no acabamento faia. Seu gabinete esconde duas câmaras (uma lacrada e outra aberta). Como é um projeto de duas vias e meia, o primeiro alto-falante de graves de 18 cm responde de 38 a 130 Hz e

encontra-se na câmara aberta. O segundo alto-falante (idêntico ao primeiro) trabalha na frequência dos médios-graves. Na câmara superior totalmente lacrada encontra-se o tweeter, também de cerâmica. Todos os alto-falantes são da Accuton.

Roland Gauder se orgulha muito de ter desenvolvido e usar em suas caixas um filtro de topologia refinada que trata as bordas das frequências audíveis através de uma combinação complexa de passa-alta e baixa com circuitos ressonantes seletivos. Enquanto a esmagadora maioria dos projetos de caixas utiliza 24 dBS por oitava, a Gauder utiliza 50 decibéis por oitava. Roland Gauder defende que sua topologia de crossover reduz drasticamente as zonas críticas de passagem de um alto-falante para o outro, além de eliminar os problemas de fase. Outro detalhe muito interessante é que a Vescova possui um jumper, o que permite diminuir a resposta dos graves em 1,5 dB, mantendo o grave flat ou acentuando-o em 1,5 dB.

Sua impedância é de 4 Ohms (sendo o mínimo de 2,5 Ohms em 50 Hz), com resposta de 38 Hz a 40 kHz (+/- 3 dB). Mas o que mais nos chamou a atenção foi sua eficiência de 84 dB, pois na prática não nos pareceu ser uma caixa difícil de tocar, pelo contrário, todos

os amplificadores que utilizamos não mostraram-se em nenhum tipo de apuro.

A Vescova, amigo leitor, é uma caixa com enormes qualidades, capaz de desconcertar até mesmo audiófilos rodados e seguros de possuírem as melhores referências possíveis e desejáveis. O impacto é imediato, pois o que seus olhos veem, não se 'afina' com o que se escuta. Como aquela coluna de dimensões medianas consegue produzir tanta energia e deslocamento de ar sem congestão ou cansaço auditivo? Que refinamento é aquele, ainda que em volumes próximos do ideal da gravação, que nos permite acompanhar paralisados os mais ínfimos detalhes? Essas são apenas duas das observações feitas já na primeira audição! Os alto-falantes de cerâmica têm muita semelhança com os excelentes vinhos: se tornam cada vez melhores com o passar dos anos.

Os agudos são limpos e de enorme naturalidade. Não existe nenhum resquício de dureza, ou brilho, mesmo em gravações com inúmeros defeitos nessa faixa do espectro audível. A região média é tão detalhada que podemos nos dedicar apenas a escutar o que nos chega aos ouvidos. Seja uma voz sussurrada, ou o barulho de uma chave, ou o virar de uma partitura, tudo ocorre na mais perfeita naturalidade, como se tivéssemos frente a frente com o acontecimento musical! Planos, foco e recorte são verdadeiramente sublimes, mesmo em gravações multicanal com todo o tipo de vazamento entre os microfones, com uma organização impecável! Para os amantes de soundstage, essa caixa é uma referência absoluta. Como descrevi acima, ela possui um jumper, que permite um ajuste fino da sua resposta nos graves. O usuário pode optar por flat e atenuar em 1,5 dB os graves, caso sua sala não seja tratada acusticamente, ou pode acentuar 1,5 dB, caso sejam graves dependentes. O interessante é que mesmo com a acentuação, a Vescova não embola ou perde recorte. Outro ponto alto dessa caixa é a sua apresentação de texturas e transientes. Diria que em sua faixa de preço ela passa a ser nossa referência nesses dois quesitos da metodologia. Sua apresentação de tempo e ritmo é simplesmente capaz de realmente alterar nossos batimentos cardíacos! E a reprodução de texturas está entre as melhores que já escutamos, independentemente da faixa de preço!

A Vescova é uma caixa que pode perfeitamente ser o upgrade definitivo para todos que desejam uma caixa Estado da Arte (na faixa de 70 mil reais), com um excepcional equilíbrio tonal, um grau de transparência capaz de nos colocar no âmago do acontecimento musical e muito prazerosa de se escutar em volumes baixos ou altos, tendo uma condescendência muito acima da média com gravações medianas e uma precisão de tempo e ritmo capaz de nos tirar para dançar! Seu ajuste das baixas frequências possibilita seu uso em salas pequenas (a partir de 12 m²), e até mesmo em salas não tratadas acusticamente. O que mais podemos desejar? Se você almeja colocar um ponto final

na busca pela caixa definitiva para o seu sistema, escute-a. Suas qualidades são evidentes demais para não colocá-la em qualquer lista de produtos a serem escutados com atenção.



AVMAG #208
Logical Design
(21) 2275.3805
R\$ 65.000

NOTA: 86,0



ESTADO DA ARTE

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



SEÇÃO VINTAGE



HIGH-END - HOME-THEATER



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Karma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=H2LSDXTGFE](https://www.youtube.com/watch?v=H2LSDXTGFE)

CAIXAS ACÚSTICAS SEM-FIO DYNAUDIO XEO 6

Christian Pruks

PRODUTO DO ANO
EDITOR



A Dynaudio, com décadas de presença no Brasil, e ainda mais décadas no mercado internacional, é uma das fabricantes de caixas e alto-falantes mais conhecida do mercado áudiofilo, célebre por seus produtos muito bem feitos e de sonoridade consagrada e correta. No final de 2014, a empresa chinesa Goer Tek, desenvolvedora de tecnologia, comprou o controle da Dynaudio, mas escolheu manter a estrutura da empresa e o desenvolvimento na Dinamarca, assim como seu fundador e presidente, Wilfried Ehrenholz. Ainda não tive notícia de coisas do tipo “a Dynaudio produzir na China” ou qualquer popularização de sua linha de produtos. As XEO 6, presentes aqui na minha frente, são orgulhosamente, ainda, Made in Denmark! Ponto para todos os envolvidos!

As Dynaudio XEO 6 são um par de caixas ativas amplificadas, que trabalham no âmbito digital e recebem o sinal via wireless (sem-fio) de uma caixinha transmissora - que também faz papel de pré-amplificador. Claro que o sinal que as caixas recebem é em digital. Portanto, todo o sinal analógico que for alimentado à caixinha transmissora será convertido para digital e enviado sem-fio para as caixas. A comunicação é bi-direcional, assim o transmissor sabe a entrada em que está e as caixas sabem o volume em que estão, e podem ‘falar’ uma com a outra. Sim, o controle de volume é feito nos amplificadores que estão dentro das caixas. Aliás, aqui é que mora o segredo da XEO 6, o coração: o crossover, o encaixe sonoro entre os falantes, as correções de tempo e fase, entre outras coisas, são feitas com altíssima (e põe altíssima nisso) qualidade e precisão no âmbito digital. O segundo segredo das XEO 6 é que cada um dos três falantes que está dentro de cada caixa tem um amplificador só para ele. O crossover ativo e as correções são feitas milimetricamente para tirar o que há de mais perfeito e correto que essas caixas e falantes podem dar. E a mesma coisa faz um canal de amplificação para cada falante: ou seja, um amplificador acertado para tocar aquele falante específico - não existe compatibilidade, casamento mais profundo que isso a ser extraído ou provido por um componente de sistema de som. E esses são os segredos que fazem com que essas caixas toquem de maneira inacreditável!

As XEO 6 são baseadas em um par de caixas acústicas com gabinetes de uma torre da linha de entrada da empresa, a linha Excite, com um par de woofers de 5 polegadas e um tweeter domo de seda de 1 polegada em cada gabinete. O acabamento, diferentemente da XEO 5, é em um branco mais fosco e sedoso, em vez do branco-piano-do-John-Lennon, e que eu achei que ficou melhor.

Atrás, vemos que continua a conexão de cabos de força tipo ‘figura de oito’ (não sei por que a Dynaudio não pôs IEC logo de vez). Assim, como não tem cabimento algum usar cabos de baixa qualidade, sejam de força, caixa ou interconexão, eu logo providenciei adaptadores ►

para poder usar cabos de força com plugue IEC, e fiz todo o período de testes alimentando-as com cabos de força Transparent PowerLink MM e Sunrise Lab Reference. No pequeno painel de conexões atrás das XEO 6 estão os botões que definem se a caixa é esquerda, direita ou central, assim como uma novidade: um botão que muda alguma coisa no som da caixa, provavelmente equalização, com três posições: normal, perto da parede e perto do canto. O transmissor agora, diferente da versão anterior cuja conexão digital era só a ótica (o que eu considerava um erro de projeto), tem também entrada S / PDIF, que foi a que eu usei. Claro que há também entradas digitais óticas e USB, assim como entradas analógicas RCA (onde liguei a saída do pré de fono da Sunrise Lab) e P2 - este último para a conexão de dispositivos com saídas tipo de fone de ouvido, como smartphones, MP3-Players, iPods e afins. Para completar, um controle remoto de aparência e tamanho normal tem liga /desliga, mute, volume e seleção de entradas. Chamo-o de normal, porque na edição anterior, a XEO 5, a Dynaudio optou por inserir um micro-controle remoto, do tipo que usa bateria de relógio de pulso (outra coisa que precisava ser melhorada, e foi!).

Bom, a XEO original usava um amplificador para os dois woofers e um para o tweeter. A XEO 6 passou a usar um amplificador para cada woofer e um para o tweeter, e esse acho que foi o grande pulo do gato, responsável pela maioria das enormes melhoras que caracterizam essas caixas. E com o amplificador a mais, houve certamente um reajuste geral no crossover e no circuito, o que ajudou bastante. A Dynaudio é muito econômica nas informações sobre as mudanças entre as duas torres, entre a XEO 5 e a XEO 6. A anterior era muito interessante e prazerosa de ser ouvida, com uma performance do balacobaco. Já a XEO 6 chegou num tal ponto de acerto que a performance é acachapante. É outro nível, literalmente.

No equilíbrio tonal, esse ganho trouxe uma melhora em extensão, especialmente a de graves (tem um 'porão' que não consigo com caixas muito, muito maiores), e um ar nos agudos que evidencia ainda mais detalhes como hiss de fita em gravações originalmente analógicas, ou mesmo aquela sensação de ar trazida pelo ruído de fundo de gravações ao vivo, como no excelente disco *Damage: Live* (DGM) do vocalista e compositor David Sylvian e do guitarrista e arranjador Robert Fripp, acompanhados de músicos que, juntos, costumavam compor também a encarnação do King Crimson da época. O equilíbrio das XEO 6 é orgânico e com um dos graves mais bem recortados e definidos, e cheios de detalhes e nuances, que eu já ouvi.

O palco sonoro das XEO praticamente não mudou de um modelo para outro, com caixas da mesma altura e usando os mesmos falantes. Acredito que a melhor limpeza e resposta dos agudos, menos secos, trazem um palco mais arejado e com mais informação de ambiência.

No capítulo da textura, posso dizer que elas são bonitas e claramente perceptíveis em todo o espectro, em todos os instrumentos. Mas eu fiquei especialmente tocado, coisa de momento, ouvindo o cântico e as vozes de solistas do CD *Carmina Burana* (Telarc) com Robert Shaw regendo a Orquestra e Canto de Atlanta - é facilmente minha gravação preferida dessa obra, e com uma captação e registro impecáveis, e premiados!

Os transientes das XEO 6 são também superiores, mostrando com naturalidade a separação de cada naipe e da percussão em uma orquestra, e sua devida clareza. Um dos pontos mais interessantes das XEO 6 é a dinâmica. As variações são impressionantes em comparação com qualquer caixa do mesmo tamanho, e até com caixas maiores. A micro-dinâmica é excelente, porque além de crescer, de pulsar, de ter pegada, deslocamento de ar (vide transientes), de sentir no estômago, a inteligibilidade de uma massa orquestral é fenomenal.

A riqueza de harmônicos provida pelas XEO 6 é de babar! Não é só uma questão de corpo em si, mas de correção e de quantidade de harmônicos, então as coisas são grandes, complexas e ricas, fazendo com que uma infinidade de sistemas que eu já ouvi pareçam que estão sequestrando os harmônicos dos instrumentos e desovando em 'vala comum'.

A XEO 6 são caixas acústicas ativas, amplificadas e com conexão de sinal sem-fio. São bonitas, bem acabadas, que não ocupam espaço, que através da conexão em um pequeno transmissor menor que um livro de bolso, só precisam de um transporte digital (para ligar direto na entrada digital) e qualquer fonte analógica que solte sinal de linha.

O resultado? Soberbo! Melhor que a maioria dos setups de entrada de amplificador integrado e caixa acústica que tem no mercado. Com isso, têm-se texturas, transientes, dinâmica e, principalmente corpo harmônico fora do comum, dignos de equipamentos caríssimos e com os quais normalmente só sonhamos. Texturas lindas, transientes naturais, dinâmica de caixas e amplificadores muito maiores e corpos harmônicos riquíssimos. Fadiga zero, organicidade ultra-top. Uma solução muito diferente do que existe por aí, mas com resultado sonoro inacreditável! O paradigma não está mudando, ele já mudou! ■

AVMAG #214
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 8.900 (com transmissor) o par

NOTA: 87,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5QJVL9YLUH0](https://www.youtube.com/watch?v=5QJVL9YLUH0)

CAIXA DYNAUDIO CONFIDENCE C4 SIGNATURE

Fernando Andrette



Lançada na CES de 2012, a nova C4 Signature (permitam-me abreviar) teve várias modificações significativas no crossover, no tweeter Esotar 2 de cúpula macia etc. Em termos de gabinete nada foi alterado internamente, mas em termos de acabamento foram acrescentadas novas opções, que podem ser laqueadas. Ou seja, continua a ser uma torre alta e estreita, com arranjo simétrico com o patenteado princípio DDC (Dynaudio Controle Directivity), que possibilita um campo de som extremamente amplo e muito uniforme, independentemente das qualidades acústicas da sala. Nessa placa são acoplados os dois alto-falantes de graves de 8 polegadas, os dois de médios de 6 polegadas e no centro um par de tweeters de cúpula de seda de

28 mm. Segundo o fabricante, essa nova geração de tweeters responde de 2 a 25 kHz com uma dispersão de +/- 30 graus. Os cones, tanto dos alto-falantes de médios como os de graves, são feitos de polímero plástico com a adição de silicato de magnésio, e cada woofer tem às suas costas seu próprio duto bass-reflex. O crossover de primeira ordem é integralmente montado em placas e lacrado em um gabinete para evitar o efeito microfonia. Como toda caixa desse fabricante, a C4 Signature não faz uso de bicablagem, e os terminais continuam sendo os WBT banhados a ouro. O acabamento da C4 Signature foi o Bordeaux, o mesmo da C1 Signature já testado pela revista.

Felizmente a C4 Signature, ainda que seja uma torre grande, é muito fácil de manusear, o que ajudou a fazer com que a cada 50 horas nós retornássemos nossas atenções para poder perceber sua evolução no amaciamento. Acredito que, tirando os Dynaudio maníacos, as primeiras impressões deixam a desejar! Os graves soaram excessivamente secos, os médios projetados e os agudos bastante recuados. Diria que a partir das 150 horas já temos outra caixa, e podemos começar a desfrutar de todas as suas qualidades. A partir daí os agudos apareceram de forma efetiva, possibilitando a avaliação de ambiência, extensão, decaimento e naturalidade das altas frequências.

O que de cara chama a atenção é a grandiosidade do palco nas três dimensões: altura, largura e profundidade. Se o cantor está em pé e os músicos acompanhantes estão sentados, o ouvinte não acostumado com palcos tão precisos e perfeitos tomará um susto! É tão milimétrico o grau de precisão, que podemos arriscar colocar a fita métrica e ver a altura da voz do cantor! Os planos de fundo são tão precisos como os planos frontais, o que permite um acompanhamento de todo o acontecimento musical.

Como tive por 20 anos diversos modelos desse fabricante, ouvi sempre dos que questionavam minha escolha que as caixas Dynaudio eram muito exigentes com seus pares, tendo graves secos e excessivamente transparentes na região média-alta e nos agudos. Interessante que desde que testamos a Platinum e agora a C4 Signature, acredito que algumas dessas características sofreram alterações, pois tanto na Platinum como na C4 Signature os graves possuem muito mais peso, energia, deslocamento de ar e corpo. Eu mesmo me surpreendi ao constatar que os graves da C4 Signature me agradaram muito mais que na minha antiga Temptation. Pareceram-me muito melhores em diversos aspectos, mantendo, porém, sua maior virtude desde sempre: timbre e velocidade! E na outra ponta, também achei os agudos muito mais naturais, corretos e mantendo suas melhores virtudes: velocidade e decaimento! E em relação à região média-alta, senti que ocorreu uma sutil recuada, o que tornou a reprodução de instrumentos de sopro ►

com surdina, violino, flautin etc. mais naturais e aveludados. Ou seja: para aqueles que reconheciam virtudes nesse fabricante, mas possuíam reservas, acho que vale a pena uma audição para saber agora como soa para os seus ouvidos essa nova geração da Dynaudio.

O importante é que, apesar dessas mudanças (provavelmente feitas no crossover e no tweeter), outra bela característica a Dynaudio não perdeu: seu grau de transparência e precisão, tanto na apresentação da micro como da macrodinâmica. Este detalhe continua sendo um dos grandes diferenciais desse fabricante dinamarquês, pois além de não fazer concessões ou se adequar a modismos, continua oferecendo para aqueles que assim desejem uma apresentação fidedigna do acontecimento musical como ele foi gravado. Interessante que para alguns essa qualidade parece defeito, pois eles traduzem esse mérito como frieza - eu realmente não concordo, pois acho que essa questão pontualmente pode ser 'corrigida' (se o audiófilo desejar) através da escolha do setup, pois a C4 Signature apresenta rigorosamente o que lhe foi enviado. Outra característica que sempre me agradou nos modelos mais tops desse fabricante foi o grau de materialização física do acontecimento musical. Em sistemas corretos, os músicos realmente se materializam à nossa frente. Com a C4 Signature essa qualidade

esteve presente, independentemente da eletrônica utilizada ou do set de cabos, o que obviamente permite uma infusão completa do ouvinte.

Suas qualidades são inúmeras e atendem tranquilamente a centenas de audiófilos que desejam adquirir sua caixa definitiva, mas estão preocupados com a crise que bate às suas portas. Se a C4 Signature enquadra-se nas suas possibilidades, sugiro que a ouça, pois ainda que certamente a Platinum possa em tudo ser melhor, sua relação custo-performance se encontra em um outro patamar. E a C4 Signature se enquadra com méritos entre as caixas por nós testadas com a melhor relação custo-performance do mercado entre as caixas mais tops. Sendo assim, eu não perderia a chance de ouvi-la e tirar minhas próprias conclusões. Se você possui uma sala com mais de 20 metros quadrados, escuta um amplo universo de gêneros musicais, investiu em uma eletrônica Estado da Arte e deseja uma caixa que o coloque frente a frente com o acontecimento musical, escute-a, pois a C4 Signature é uma grande caixa com um custo muito interessante! ■

AVMAG #211
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 48.400

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

REMOTO CENTRAL

Promoção:

**Automatize sua casa a partir de R\$ 3.990,00 + mão de obra
e controle tudo pelo seu smartphone, tablet ou smartwatch
TV - RECEIVER - DECODER - AR CONDICIONADO - ILUMINAÇÃO (4 circuitos)**



Projeto, venda e instalação de equipamentos:

- Central de controle geral
- Home-theater
- Som ambiente
- Controle de iluminação sem fios
- Persianas motorizadas
- Áudio e vídeo para áreas externas
- Caixas acústicas especiais e as 13 marcas de receiver mais vendidas do Brasil

Projetos especiais de Motorização em:

- Elevadores de objetos
- Movimentadores de TV
- Deslizamento de portas ou paredes
- Coberturas motorizadas
- Trilho elétrico e muito mais...

6 anos

Rua Amazonas, 439 cj. 170 • São Caetano do Sul / SP

11 4223-9977 • contato@remotocentral.com.br • www.remotocentral.com.br

VÍDEO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-MNZYCI36JE](https://www.youtube.com/watch?v=-MNZYCI36JE)

PROJETOR EPSON LASER LS10000

Henrique Bozzo Neto



A Epson é líder mundial em vendas de projetores LCD. A empresa japonesa fabrica seus próprios painéis e vende em OEM para outros grandes fabricantes como Mitsubishi, Sanyo, Panasonic e outros.

PRINCIPAIS RECURSOS E CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

- Processamento digital '4K' usando 'pixel shifting' (equivalente ao e-Shift da JVC).
- Dois feixes de luz laser azul (30 mil horas de vida útil).
- Resolução (1.920 x 1.080). Aceita fonte de vídeo Ultra HD (3.840 x 2.160) - '4K'.
- Excelente qualidade 3D.
- Permite atualização do programa básico (firmware upgradeable).
- Alto brilho.
- Design moderno.
- Memória de lente (Lens Memory) para telas Wide (2,35:1).
- Mantém a qualidade de cor e brilho ao longo de toda vida útil.
- Silencioso (19 dB contra média de 26 dB de outras marcas).
- Alta velocidade de 'power on / power off'.

A combinação de três painéis Full HD LCD reflexivos e não transmisivos e uma fonte de luz laser duplo, permite que o LS10000 entregue pretos mais pretos e imagens mais brilhantes, ou seja, mais contraste. Com melhor contraste, a gama dinâmica de cores aumenta. O 'Processamento 4K' funciona para melhorar um vídeo com resolução Full HD (1.920 x 1.080) ou inferior, tem vários níveis e pode ser selecionado pelo usuário. No teste que efetuamos usamos o nível 2, que pareceu o mais equilibrado. A cada nível acima se nota um aumento do 'sharpness' (nitidez ou detalhamento de imagem). Um vídeo com resolução Ultra HD (3.840 x 2.160) pode ser reproduzido sem problemas e com qualidade próxima a de um projetor 'True Ultra HD'. O brilho das cores (1.500 lumens) é igual ao brilho do 'branco' de 1.500 lumens. Esta é apenas uma vantagem da fonte luminosa a laser. Além desta característica, o projetor liga e desliga na mesma velocidade de uma TV moderna, esquenta menos, é mais silencioso (apenas 19 dB) e a durabilidade da fonte de luz laser é de 30 mil horas. A alta velocidade de controle de luminosidade da luz laser permite um aumento do contraste e um preto de imagem fabuloso para um LCD. Este projetor usa três painéis de LCD com Quartzo, ao invés de Silício como em LCDs comuns. O produto tem certificação THX 3D e padrões de imagem ISF ccc, o que o coloca entre os melhores produtos do mercado. Com dez memórias de lente é possível trabalhar com uma tela tripla: 4:3 ou 16:9 ►

ou 2,35:1, sem precisar do caríssimo recurso de mecanismo de lentes anamórficas. Fizemos anteriormente vários testes com outros projetores usando lentes anamórficas caríssimas e chegamos à conclusão que esta solução não produz verdadeira vantagem em relação a este sistema do Epson de memória de lente para ampliar a imagem em uma tela superwide (2,35:1).

O Epson tem um design moderno e bem diferenciado, com formas arredondadas. Uma tampa ripada no painel traseiro esconde as conexões. O equipamento tem todos os recursos para montagem em mesa, teto ou para ser instalado em Lift. O controle remoto é maravilhoso, bem completo e com teclas iluminadas para visualização no escuro. O projetor vem com dois pares de óculos 3D. O painel traseiro disponibiliza uma conexão de rede ethernet RJ45, duas conexões HDMI, uma conexão de vídeo composto, uma conexão de vídeo componente e um conector VGA. Achei apenas que faltou uma conexão DVI.

O LS10000 tem recursos de controle externo via RS232C, IP, IR e trigger de 12 V para ligação com os sistemas mais avançados de automação como Crestron, Vantage, AMX, RTI ou Savant, entre outros.

O que mais me impressionou neste projetor é a imagem 'crispy' (bem definida) e sem granulação, como nos DLPS e DILA, muito melhor que os LCDs convencionais. O produto tem três modos de intensidade do laser - High, Normal e Eco. No modo 'High' ele é mais ruidoso. O tamanho máximo da tela que recomendamos para este projetor é de 150 polegadas, 16:9. Por que? Porque depois de calibrado, o projetor tem que apresentar um mínimo de 12 fL (foot-lambert) e um máximo de 16 fL, logicamente em uma sala de projeção escura, como no cinema. Se a tela for muito grande não se consegue chegar a este número, uma vez que o projetor tem 1.500 lumens de 'brilho'. Em uma tela 2,35:1 se perde mais quantidade de luz ainda, portanto cada projetor tem um tamanho de tela máximo que deve ser rigorosamente respeitado. Ficamos muito impressionados com os excelentes controles do menu para o alinhamento dos painéis LCD de cores. Antes de fazermos o alinhamento não conseguíamos nem ajustar direito o foco. Depois de ajustados, a imagem ficou perfeita, mesmo com o nariz praticamente na tela!

O mercado não queria um projetor com milhares de horas de vida útil da lâmpada, silencioso, com processamento 4K, alto brilho, maior qualidade de cores, excelente nível de preto, de uma marca conceituada, a um preço justo? Bem, acabo de descrever o Epson LS10000. O produto tem uma excelente relação custo-benefício se comparado com os concorrentes diretos JVC e Sony. O conjunto de benefícios e vantagens deste projetor é muito bom e, o mais importante, a qualidade da imagem. ■

AVMAG #212

Fabricante: Epson
Distribuidor: Logical Design
(21) 2275.3805
R\$ 69.999

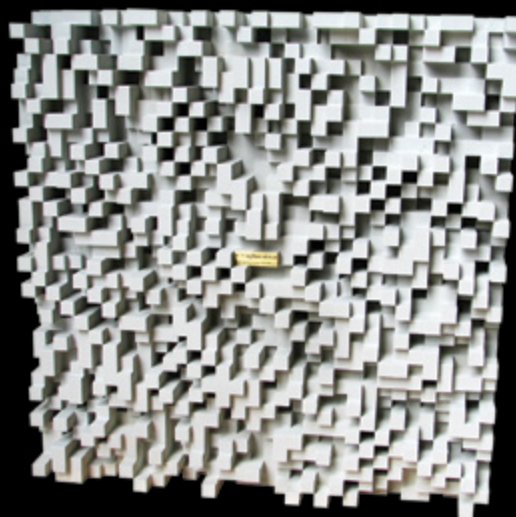
NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE



Faça um upgrade seguro no seu sistema. Escute-o corretamente!



A linha de difusores acústicos hi-fi experience não para de crescer.

O novo painel modelo S2 é ainda mais slim e você não precisa se divorciar da sua esposa pra ter um.



hi-fi experience

www.hifiexperience.com.br

VÍDEO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WQS-YO10BEC](https://www.youtube.com/watch?v=WQS-YO10BEC)

LG 105UC9 5K CURVA ULTRA HDTV

Henrique Bozzo Neto



Com resolução de 5K e tela CinemaScope 21:9, este lançamento da LG redefine o conceito de home theater para uma posição mais parecida com o cinema de verdade, e que particularmente chamo de home cinema com uma visualização muito mais envolvente que as TVs menores de formato HDTV 16:9. Com uma resolução de mais de 11 milhões de pixels (5.120 x 2.160 pixels) e formato CinemaScope (relação de aspecto = 21:9), o modelo 105 UC9 proporciona uma experiência verdadeiramente envolvente para o espectador, com imagens realistas, ultranítidas e som surround virtual impressionante.

A LG ULTRA HD 105 dispõe de uma resolução cinco vezes maior do que em uma TV Full HD. Com essa alta densidade de pixels, as imagens são processadas com uma nitidez e clareza que tem que ser vista para ser acreditada. A 105 UC9 alcança sua qualidade de imagem superior através de um processador de imagem denominado '4K Engine Pro' e um painel LCD com tecnologia IPS. O processador Engine Pro elimina erros visuais e upscale de conteúdo em baixa resolução para qualidade quase Ultra HD, enquanto que o painel de 4K IPS fornece contraste consistente, cores vivas e um amplo ângulo de visão.

Com a mesma proporção de um filme de Hollywood, através do formato CinemaScope 21:9, a tela recria a experiência do cinema em casa. Além do mais, ao ver programas no formato 16:9, o espaço na tela não utilizado nas laterais pode exibir informações ou detalhes de programação adicionais para melhorar a experiência de visualização.

O design desta nova TV com moldura preta e prateada ultrafina, agora curva, aumenta o apelo visual do equipamento. Gostei do novo suporte de mesa que vem com a TV. Ele dá boa estabilidade na TV em cima do móvel, e quando a iluminação da sala é baixa, ele 'some' e temos a impressão de que ela está flutuando.

As funções do controle remoto, quando acionadas, podem ser visualizadas na tela ou na TV através dos respectivos símbolos. O menu de configuração da TV é muito bem feito, e permite um número grande de ajustes de som e imagem. Através das duas interfaces USB é possível reproduzir fotos, MP3 e filmes. Pode-se gravar o conteúdo a ser reproduzido em 'pen drives' ou HDs (hard disks) externos.

A TV vem com sintonizadores digitais de HDTV 'over-the-air' do sistema brasileiro. Basta colocar uma boa antena UHF de TV digital HD para sintonizar os canais de HDTV abertos.

Ao assistir um filme com formato real de tela de cinema (2.35:1) a sensação de imersão é total, a imagem é natural, com um belo contraste e uma sensação de profundidade muito grande, como se espera de um produto de ponta. Podemos afirmar que hoje é a melhor TV, com estas dimensões, do mercado. ■

AVMAG #210
 LG
www.lge.com.br
 R\$ 279.000

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE

THORENS®



TD 158
R\$ 3.890,00



TD 203
R\$ 7.700,00



Os modelos Thorens acompanham manual e cápsula.



**Pré de phono
MM-002**
R\$ 1.700,00



**Pré de phono
MM/MC - 008**
R\$ 2.500,00



**Kit Limpeza
Completo**
R\$ 900,00



**Escova
Anti-Estática**
R\$ 115,00



**Escova
para agulha**
R\$ 195,00



JELCO

ACROLINK



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385

www.kwhifi.com.br

VÍDEO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YI_B3EMLR1K](https://www.youtube.com/watch?v=YI_B3EMLR1K)

TV SAMSUNG SUHD 78JS9500

Jean Rothman



O modelo 78JS9500 é o top de linha das TVs Samsung em 2015. Mas o que a torna tão especial e diferente dos outros modelos? Esta TV possui um painel LCD / LED Ultra HD 4K com 10-bit, maior espaço de cores (gamut) graças à tecnologia de nanocristais e suporte a HDR (High Dynamic Range). Também possui tela curva, processamento octa-core e plataforma Tizen para navegação em seu conteúdo Smart. Além disso, vem com uma câmera embutida para chamadas com vídeo através do Skype, controle remoto com novo design e sistema de conexões One Connect.

A tela possui moldura em metal escovado, que é muito bonito e elegante. Acompanha uma base removível para instalação sobre um móvel e opcionalmente permite instalação em paredes. A 78JS9500 utiliza iluminação direta por LEDs distribuídos ao longo de todo o painel (full array backlight), recurso cada vez mais raro nas TVs atuais. Mesmo com a iluminação por trás do painel, a TV tem somente 4 cm de espessura. Todas as conexões são feitas através do One Connect Box, que se conecta à TV através de um único cabo umbilical. O One Connect oferece quatro entradas HDMI 2.0, três portas USB, uma entrada Vídeo Componente (Y / Pb / Pr), conexão Ethernet

RJ45, uma entrada para cabo RF, uma saída de áudio analógica, uma saída de áudio digital (óptica) e uma saída de IR (infravermelho). A TV também possui conexão por Wi-Fi embutida. O controle Smart Remote permite uma navegação como se fosse um mouse, além de ser sensível a movimentos. Você ainda pode controlar a TV por voz ou gestos ou ainda através de um aplicativo para smartphones disponível para sistemas iOS e Android.

Como se trata de um produto top de linha, vemos que o fabricante incorporou todos os avanços e novidades tecnológicas na linha 78JS9500, que também está disponível em versão com 88 polegadas. Ela incorpora uma tecnologia proprietária de nanocristais que permite um gamut de cores mais amplo (92% do DCI, padrão dos cinemas digitais, bem mais amplo que as TVs atuais), além do já mencionado painel com 10-bit e processamento octa-core. Outra novidade é o suporte a HDR (High Dynamic Range) e o Peak Illuminator, que elevam a luminosidade desta TV a 1.000 nits. Para fazermos uma comparação, as TVs normais dificilmente superam 300 nits. A função Peak Illuminator analisa as partes escuras da imagem e fornece mais brilho às partes claras, aumentando a taxa de contraste e a faixa dinâmica.

O mercado ainda não dispõe de mídias em HDR e gamut expandido. Com a entrada do Blu-Ray UHD, previsto para o fim de 2015, esperamos ter muitas opções de filmes neste formato. E a 78JS9500, antecipando esta tendência, promete manter-se atualizada para as novas mídias. A Amazon Prime já oferece alguns títulos em HDR aos assinantes dos serviços de streaming, e a Netflix também promete conteúdo HDR em breve. A fonte de luz por LEDs distribuída no dorso do painel possui um recurso de local dimming, que divide a tela em 240 zonas distintas de dimerização de luz, garantindo um nível de preto muito melhor que as TVs com iluminação somente nas bordas (edge-lit). As TVs LCD / LED não conseguem atingir o nível de 'preto absoluto' das TVs OLED, mas a 78JS9500 se aproxima bastante. A função Auto Depth Enhancer foi melhorada, e agora analisa os objetos da imagem e aumenta a sensação de profundidade.

O backlight é bastante uniforme, e mesmo com uma tela de 78", não notamos nenhum vazamento excessivo de luz, principalmente nos cantos, desde que a função Smart Led esteja corretamente ajustada. O processamento de vídeo é fantástico, fazendo a conversão para 4K (upscaling) sem a introdução de artefatos indesejados na imagem.

O resultado ao assistir conteúdo nativo 4K é impressionante, apresentando um nível de detalhes até melhor que a realidade. Parece que estamos vendo a imagem com uma lupa.

Aliada ao tamanho da tela, tivemos uma grande sensação de imersão. Aos leitores que tem espaço para uma TV grande, apreciam uma ótima imagem e querem ter o máximo em tecnologia, recomendamos analisar a 78JS9500.

A taxa de contraste medida foi de 11.833:1, valor excelente para aparelhos LCD-LED. O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando ótima linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações, conforme mostra o quadro de espaço cromático (CIE BT.709) acima. A imagem desta TV é realmente surpreendente, e concordo com alguns testes internacionais, que a classificaram como a melhor TV LCD-LED da atualidade.

AVMAG #212
Samsung
www.samsung.com.br
R\$ 41.999

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE

Complete já sua coleção!



Você que ficou sem sua revista ou CD, não perca tempo e adquira já.

Tel.: 11 5041.1415

E-mail: revista@clubedoaudio.com.br - Web: www.clubedoaudio.com.br





Prés de Fono MM/MC
The PhonoStage II
RCA | RCA & XLR | Special Edition



Linha de Cabos Reference

Cabos de Força
Cabos de Caixa
Cabos de Interconexão
Cabos Digitais



Amplificador Integrado **VS MkIII**

**Setup & Upgrade de
Toca-Discos de Vinil**

**MODs & Upgrades
Acessórios
Visitas Técnicas**

Consultoria

**Acústica
Assistência Técnica**

 **SUNRISE LAB**

sunriselab.com.br

11 5594-8172

VENDAS E TROCAS

VENDO

- Condicionador de energia Shunyata Hydra Triton, impecável, teste publicado na Áudio Vídeo Magazine, ed. 201. Valor de R\$ 40.000 com cabo de força Transparent Audio MM2 Powerlink de 1,5 m.
- Cabo Kubala-Sosna Elation RCA de 1,5 m. R\$ 16.000.
- Cabo Transparent Audio Reference MM2 RCA de 1,5 m. R\$ 12.000

Fernando Andrette

(11) 5041.1415

VENDO

Equipamentos com aproximadamente um ano e meio de uso e em excelente estado. Tenho fotos detalhadas de todos eles, na qual posso fornecer quando entrarem em contato. Em relação aos preços, divulgarei por telefone ou e-mail. Abaixo, segue a lista completa:

- Filtro digital Transparent Power Isolator MM2
- Cabo de caixa Transparent Reference XL
- Musical Fidelity X-Cans (unidade valvulada para fones de ouvido).
- Cabo Firewire
- Cabo Transparent PowerLink MM
- AM / FM Tuner Denon TU-280
- Cabo de AC By Knirsch
- Subwoofer Polk Audio
- Bases de acrílico (placas espessas), feitas artesanalmente e sob medida

Wram

(11) 98268.1959

wrax@ig.com.br

VENDO

- Amplificador Krell FPB 700cx (estado de novo, embalagem original). R\$ 40.000,00.
- Pré-amplificador Mark Levinson 362S (novo, na embalagem sem uso, manual). R\$ 36.000,00.
- Caixas B&W 800D2 (cor cherrywood, zero, lacradas na embalagem) preço de ocasião. R\$ 165.000,00.
- Caixas B&W Nautilus 805s, cor black, perfeito estado, sem marca de uso, sem a embalagem original). R\$ 11.000,00.

Produtos adquiridos de revendedor autorizado.

Motivo da venda: Mudanças de planos, de montar um set musculoso para um valvulado (a saber: AR VSi 60 + Caixas Neat Elite SX).

Roberto Lima

(31) 2551.3015 / (31) 99393.4900

VENDO

Par de caixas ELAC 67.2S, na embalagem original, com poucas horas de uso, na cor preta. R\$ 5.000.

Ulisses

(11) 5594.8172

VENDO

Cabo de interligação XLR Siltech RS Queen G7 de 1m, em perfeito estado, com caixa original. Cabo da linha atual. Preço: R\$ 16.000,00.

Édison Christianini

(19) 3551-1228

**VOCÊ VAI VER
TUDO COM OUTROS OLHOS.**

Imagens ilustrativas

ACF 2500 - S



ACF 1700 - S



**Novo ACF
Nova Tecnologia**

criação: maxdesigner@hotmail.com

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100

UPS AI
sistemas de energia

OTIMIZE SEU AMBIENTE E EXPLORE
O REALISMO SONORO



YSP-4300

- 324W de potência total - 22x2W (Beam Drivers) + 2x75W (Woofer) + 130W (Subwoofer)
- HDMI com 3D e ARC (4 entradas e 1 saída)
- IntelliBeam (sistema de parametrização)
- 4k Pass-through
- Entrada USB
- Sintonizador FM
- Subwoofer Wireless

Dimensão (LxAxP): 1.102mm x 86mm x 161mm

YSP-3300

- Dimensão (LxAxP): 1.002mm x 86mm x 161mm
- 262W de potência total - 16x2W (Beam Drivers) + 2x50W (Woofer) + 130W (Subwoofer)



5Beam +2 7.1 ch
for HD Audio

Dual Encoder Control
HDMI CEC

Made for
iPod iPhone iPad

DOLBY
TRUEHD

dtc
HDD

HDMI

x.v.Colour

CINEMA DSP 3D

AirWired

compressed music
ENHANCER

Un/Volume

IntelliBeam

USB

Advanced
Y.S.T

4K Pass-Through / 4K Upscaling